

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM URBANISMO,
HISTÓRIA E ARQUITETURA DA CIDADE**

Daniela Sofía Loaiza Jiménez

**A FORMA DA CIDADE E SUA APROPRIAÇÃO:
ANÁLISE PROPOSITIVA DE DIRETRIZES DE
ARQUITETURA DA CIDADE PARA CUMBAYÁ EM
QUITO/EQUADOR**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Mestre em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Gilcéia Pesce do Amaral e Silva.

Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Adriana Marques Rossetto.

Florianópolis
2012

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária
da
Universidade Federal de Santa Catarina

L795f Loaiza Jiménez, Daniela Sofia

A forma da cidade e sua apropriação [dissertação] :
análise propositiva de diretrizes de arquitetura da cidade
para Cumbayá em Quito/Equador / Daniela Sofia Loaiza Jiménez ;
orientadora, Gilcéia Pesce do Amaral e Silva. - Florianópolis,
SC, 2012.

226 p.: il., grafs., tabs., mapas, plantas

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro Tecnológico. Programa de Pós-Graduação em
Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade.

Inclui referências

1. Engenharia ambiental. 2. Espaços públicos. 3. Cidades e
vilas - Quito (Equador). I. Silva, Gilcéia Pesce do Amaral e.
II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-
Graduação em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade. III.
Título.

Daniela Sofia Loaiza Jiménez

**A FORMA DA CIDADE E SUA APROPRIAÇÃO: ANÁLISE
PROPOSITIVA DE DIRETRIZES DE ARQUITETURA DA
CIDADE PARA CUMBAYÁ EM QUITO/EQUADOR**

Esta dissertação foi julgada adequada para obtenção do título de “Mestre”, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade – PGAU-Cidade.

Florianópolis, 3 de abril de 2012

Prof.^a Dr.^a Maria Inês Sugai
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Gilcéia Pesce do Amaral e Silva,
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Dr.^a Adriana Marques Rossetto,
Coorientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Dr.^a Lisete T. Assen de Oliveira
(membro)
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr. Eduardo Jorge Felix Castells
(membro)
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Mestre Paulo Marcos Borges Rizzo
(membro externo)
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Dr.^a Lélia Mendes de Vasconcellos
(membro externo)
Universidade Federal Fluminense

Este trabalho é dedicado à Andrés
López Ramos, meu companheiro, meu
mestre e meu melhor amigo.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por apresentar-me a oportunidade de fazer este curso e por permitir-me concluir este trabalho. Por dar-me a saúde para alcançar meus objetivos e uma família maravilhosa que me apoia e ajuda de mil formas em cada movimento que faço. Por colocar no meu caminho Florianópolis, cidade maravilhosa onde pude conhecer pessoas muito valiosas.

À cidade contemporânea de Quito, por permitir-me redescobri-la a partir do Brasil.

À professora Gilcéia Pesce do Amaral e Silva, minha orientadora, por seu constante apoio e amizade durante todo o processo de desenvolvimento desta pesquisa. Pelas valiosas conversas e orientações, por sua enorme generosidade com seus ensinamentos, por sua paciência, força e ajuda para introduzir-me na escala da cidade como o todo e pela confiança depositada em mim para o desenvolvimento desta dissertação.

À professora Adriana Marques Rossetto, minha coorientadora, por suas importantes contribuições e sugestões para a conclusão deste trabalho.

Aos professores membros da banca, Lisete T. Assen de Oliveira, Eduardo Jorge Felix Castells, Paulo Marcos Borges Rizzo e Lélia Mendes de Vasconcellos, pelas contribuições importantes e o enorme apoio desde o começo do mestrado.

Ao mencionado professor Eduardo Jorge Felix Castells por sua ajuda e preocupação para eu conseguir ingressar no processo seletivo.

Ao Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade e a sua coordenadora a Professora Maria Inês Sugai. A todos meus professores do curso pelas ferramentas entregues nas salas de aula para o melhor desenvolvimento desta dissertação, especialmente, Gilcéia Pesce do Amaral e Silva, Almir Francisco Reis, César Floriano dos Santos, José Ripper Kos, Lisete T. Assen de Oliveira, Maria Inês Sugai, Sérgio Torres Moraes, Thêmis da Cruz Fagundes, Lino Fernando Bragança Peres, assim como à Adriana Cardoso Vieira pela paciência e pela constante ajuda com a documentação durante todo o processo, inclusive desde o processo

seletivo e por sua gentileza para resolver qualquer tipo de situação burocrática.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de estudo concedida durante o tempo do mestrado facilitando sua elaboração.

À Mariana Fonseca Claro e Cláudia Regina Peterlini, colegas e amigas que sempre estiveram disponíveis para a troca de ideias e para as conversas e discussões. Pelo apoio nos momentos difíceis, e pela companhia nos momentos divertidos. Pela amizade sincera e desinteressada que me incentivou à elaboração deste trabalho.

Aos amigos do mestrado, Ana Claudia Nascimento Silva, Juliana de Godoy, Priscila Chamone Gesser, Karine Lise Schafer, Danielle Scolaro, Charles Henrique Voos, Fernanda Menezes e Maurício Adriani, pelo aprendizado conjunto, pelas experiências compartilhadas e pela companhia e disponibilidade, de vários, para apresentar-me suas cidades (e lares) quando fui viajar pelo Brasil.

Ao *Município de Quito*, especialmente ao engenheiro Daniel Hidalgo pelos dados e materiais disponibilizados que permitiram a análise de Cumbayá.

À Liciane Beck por sua ajuda, disponibilidade e rapidez para a revisão gramatical e metodológica desta dissertação.

Ao arquiteto Juan Pablo Villafuerte pela disponibilização de dados e ordenanças da paróquia de Cumbayá.

Aos moradores de Cumbayá que compartilharam suas experiências e vivências na paróquia, facilitando sua análise e estudo.

Aos professores Hernán Orbea Trávez e Eugenio Mangia por seu intenso incentivo durante o curso de graduação na *Pontificia Universidad Católica del Ecuador* para eu continuar envolvida no mundo acadêmico.

Agradeço de forma especial a minha família por todas as palavras de motivação que chegaram em momentos imprescindíveis. A meus pais, César Loaiza Granda e Nela Jiménez de Loaiza, por seu apoio incondicional e por serem os meus melhores exemplos de

honestidade, generosidade, constância, esforço e carinho. Este, e muitos outros logros não teriam sido possíveis sem eles. Pelas carinhosas conversas através do Skype e por sua visita aqui em Florianópolis que foram meu maior impulso, sobretudo, na última etapa do desenvolvimento desta pesquisa.

A minhas irmãs, Fernanda Loaiza Jiménez e Gabriela Loaiza Jiménez, por serem as pessoas que me fazem tentar ser melhor cada dia. Por estarem sempre, de qualquer forma, presentes em cada movimento, em cada virada de noite, em cada mudança e em cada correção deste trabalho; minhas testemunhas sempre. Ao meu novo irmão, meu cunhado Juan Diego Valencia, por suas palavras de carinho e ânimo cada vez que nos encontramos.

A minha querida avó, Beatriz Torres de Jiménez, que foi quem, desde que eu era criança, me inspirou a estudar arquitetura com seu maravilhoso exemplo. Quem me enviou dinheiro em segredo (até agora) para me ajudar com os estudos, e quem tem sido minha grande amiga para conversar e discutir absolutamente tudo. Pelo imenso o carinho que me entrega todos os dias ajudando-me a desenvolver este e muitos outros trabalhos e situações importantes.

A minha tia Patricia Jiménez, a meu avô Victor Jiménez e à antes mencionada avó Beatriz que me ajudaram com a pesquisa, visitando meu objeto de estudo – a paróquia de Cumbayá, fotografando-a e enviando as fotografias por e-mail, nem sempre tão simples como parece. Pelas emocionantes e motivadoras conversas através do Skype que me deram a força necessária para terminar este trabalho.

A minha pequena “irmãzinha” María Victória que me faz querer vê-la em todo momento agilizando meu trabalho para voltar para minha cidade Quito. A seu pai, meu tio Víctor Jiménez Torres que me ajudou ressaltando que sempre siga meu coração para tomar decisões importantes.

A minha tia Yanina Granda de Loaiza, meu tio Luis Felipe Loaiza e meu primo Felipe Loaiza Granda, por sua ajuda, apoio e carinho, e, em especial pela disponibilidade para a correção do português do texto entregue para o processo seletivo, sem o qual este logro não tivesse sido possível.

Um agradecimento muito especial para Andrés López Ramos, meu companheiro, meu maior e mais intenso apoio e minha fonte de amor por tudo o que eu faço. Por ouvir atentamente, várias vezes, cada um dos parágrafos da dissertação (sem exagerar), por dar-me sempre uma opinião sincera, objetiva e clara sobre meu trabalho. Por ter encontrado a forma de ficar do meu lado todo este tempo, por sua paciência, seus ensinamentos; no aspecto profissional e no pessoal, por todos esses instantes em que me fez rir e acabou com momentos de desespero durante a elaboração desta dissertação. Por sempre fazer-me perguntar e me estranhar das coisas cotidianas tornando-as situações fascinantes, e assim, por fazer da minha vida um constante momento fascinante.

Por fim, agradeço muito a todas as pessoas que contribuíram, direta ou indiretamente com o início, desenvolvimento e conclusão desta dissertação. A todos vocês *MUCHAS GRACIAS!*

[...] ¿Cómo hacerte saber que nadie
establece normas salvo la vida? [...]
Que para no ser heridos
levantamos muros,
Que quien siembra muros
no recoge nada,
Que casi todos
somos albañiles de muros,
Que sería mejor construir puentes,
Que sobre ellos se va a la otra orilla
y también se vuelve,
Que volver no implica retroceder,
Que retroceder
también puede ser avanzar, [...]
¿ Cómo hacerte saber que nadie
establece normas salvo la vida ?

(Mario Benedetti – extraído do poema
Libre – Como hacerte saber)

RESUMO

Este trabalho busca entender a relação entre as diversas formas que a cidade vem adquirindo com o passar do tempo e as formas de apropriação contemporâneas, a partir de discussão teórica de conceitos e critérios de autores que discutem o desempenho da forma da cidade em relação à apropriação dos espaços públicos. Com base neste debate, elegemos critérios relacionados à apropriação nas escalas da estrutura da cidade e da configuração dos lugares, e procedeu-se à caracterização e análise da cidade contemporânea de Quito para verificar padrões espaciais diretamente associados com uma apropriação positiva da cidade na cultura quitenha. A partir dos critérios selecionados e dos padrões positivos identificados, lançamos diretrizes de projeto de arquitetura da cidade para uma área de expansão da cidade contemporânea de Quito no Equador – a Paróquia de Cumbayá – buscando responder a critérios de bom desempenho da forma urbana que potencializem a apropriação de seus espaços públicos.

Palavras-chave: espaço público, apropriação, arquitetura da cidade.

ABSTRACT

The research seeks to understand the relationship between the different forms that the city has acquired over time and contemporary forms of appropriation, based on a theoretical discussion of concepts and criteria of authors who discuss the performance of the form of the city in relation to the appropriation of public spaces. Based on this debate, we selected criteria related to appropriation, both at the scale of city structure and at the scale of place configuration, and proceeded to the characterization and analysis of the contemporary city of Quito in a search to identify spatial patterns directly associated with a positive appropriation of the city in Quito's culture. The selected criteria and the positive patterns identified oriented the design guidelines here proposed for the architectural design of the Paróquia of Cumbayá – an area of expansion in the city of Quito, Ecuador — in an attempt to comply with the criteria of good urban form performance so as to enhance the appropriation of its public spaces.

Keywords: public space, appropriation, city architecture.

RESUMEN

Este trabajo busca entender la relación entre las diversas formas que la ciudad viene adquiriendo con el pasar del tiempo y las formas de apropiación contemporánea, a partir de la discusión teórica de conceptos y criterios de autores que discuten el desempeño de la forma de la ciudad en relación a la apropiación de los espacios públicos. Con base en este debate, elegimos criterios relacionados a la apropiación en las escalas de la estructura de la ciudad e de la configuración de los lugares, y se procedió a la caracterización y análisis de la ciudad contemporánea de Quito para verificar padrones espaciales directamente vinculados con una apropiación positiva de la ciudad en la cultura quiteña. A partir de los criterios seleccionados y de los padrones positivos identificados, lanzamos algunas directrices de proyecto de arquitectura de la ciudad para un área de expansión de la ciudad contemporánea de Quito en Ecuador – la parroquia de Cumbayá – buscando responder a criterios de buen desempeño de la forma urbana que potencialicen la apropiación de sus espacios públicos.

Palabras-clave: espacio público, apropiación, arquitectura de la ciudad.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Esquema da metodologia utilizada nesta dissertação.....	02
Figura 2. Critérios analítico-propositivos, de desempenho da forma urbana, identificados como potencializadores da apropriação da forma da cidade.....	12
Figura 3. Esquemas dos cinco elementos envolvidos na formação de uma imagem mental da cidade	24
Figura 4. Esquema de leitura.....	26
Figura 5. Esquema de arquiteturas atuando como barreiras na continuidade da rede estrutural da cidade	31
Figura 6. Esquema de estrutura de cidade de desenvolvimento mais ou menos espontâneo (esq.) e esquema de estrutura de cidade em árvore (dir.). Em vermelho representada apropriação da estrutura.....	33
Figura 7. Esquema de diversidade de formas e de usos de edificações configurando diversos tipos de espaços públicos (esq). Esquema de pontos de maior intensidade e concentração de fluxos criados pela concentração de diversas atividades, usos, usuários e horários.....	38
Figura 8. Porosidade visual e funcional na Praça San Francisco da cidade de Quito inter-relacionada com as edificações através de membranas permeáveis (em vermelho).....	42
Figura 9. Apropriação do território e do sistema de caminhos principais do Equador. Observam-se a Cidade de Quito na Província de Pichincha (branco), os principais aeroportos (magenta) e os principais portos (cyan) do país, importantes nós na configuração do território	49
Figura 10. Riqueza e diversidade do sítio físico e suas diferentes apropriações	50
Figura 11. Cidade de Quito e suas expansões ao norte, sul e nordeste ocupando o território. Identificam-se os principais elementos naturais que caracterizam a ocupação do sítio físico	51
Figura 12. Cidade tradicional de Quito, o Panecillo e por traz a expansão sul de Quito	52
Figura 13. Cidade tradicional de Quito (vermelho) em 1534. Identifica-se o Vulcão Pichincha ao Leste e as <i>quebradas</i> que cruzam a cidade do Oeste ao Leste e permitem a drenagem natural de água e de lama	53

Figura 14. Vulcão Pichincha, ao Oeste da cidade de Quito. Vista desde o nordeste da cidade de Quito. À esquerda o <i>Panecillo</i>	54
Figura 15. Leitura do autor da cidade contemporânea de Quito	57
Figura 16. Mapa da Cidade de Quito de 1746 que mostra a estrutura de apropriação do sítio físico pela cidade: elementos do sítio físico, traçado e nós principais configurados como as quatro praças principais: 1. <i>Plaza de la Independencia</i> ; 2. <i>Plaza de San Francisco</i> ; 3. <i>Plaza de Santo Domingo</i> ; 4. <i>Plaza del Teatro</i> . Mostra também como o núcleo inicial da cidade cresce ao Norte do “ <i>Panecillo</i> ”	62
Figura 17. Leitura do autor da cidade tradicional de Quito	65
Figura 18. Identificação de três praças da CTQ. Tecido urbano da CTQ. O <i>Panecillo</i> no fundo	66
Figura 19. Calçada da CTQ alargada formando um pequeno largo em escala local na frente da igreja <i>La Merced</i>	67
Figura 20. Caminho delimitado a partir das edificações que o configuram	68
Figura 21. Mancha de Quito urbana em diferentes momentos desde o ano da colonização até o ano de 1990	71
Figura 22. Observa-se o caminho do trem em vermelho desde o Porto de Guayaquil até o porto de San Lorenzo. A cidade de Quito foi conectada a dois principais portos do Equador nessa época, e que funcionam até hoje como principais nós de intercâmbio e comércio	73
Figura 23. Leitura do autor da cidade de Quito no mapa do ano de 1922	75
Figura 24. Configuração do Parque La Alameda	78
Figura 25. Edificações altas configurando o parque El Ejido. Observa-se o caminho como borda de ruptura por suas dimensões e por conformar uma avenida de trânsito rápido.....	79
Figura 26. Configuração dos parques El Arbolito e El Ejido. No fundo o vulcão Pichincha	80
Figura 27. Mapa de Quito de 1947 (dir), identificadas as expansões norte (amarelo) e sul (roxo) de Quito e a cidade tradicional (vermelho). Detalhe da expansão sul de Quito identificando a zonificação da época	81
Figura 28. Rotatória na expansão sul	82

Figura 29. Caminho principal de articulação da cidade de Quito na expansão sul	82
Figura 30. Leitura do autor da cidade de Quito no mapa do ano de 1978.....	85
Figura 31. Configuração do parque <i>La Carolina</i>	88
Figura 32. Avenida da expansão norte configurada pelo estacionamento de um <i>shopping center</i>	89
Figura 33. Área homogênea - expansão norte	92
Figura 34. Área homogênea - expansão sul	92
Figura 35. Área homogênea – Cidade Tradicional de Quito.....	92
Figura 36. Vista aérea do setor Gonzalez Suares. Ao fundo o Vale de Tumbaco. Observa-se os prédiosde 13 pavimentos	93
Figura 37. Observa-se ao norte de Quito o campo de Golf de um dos condomínios da expansão norte da cidade que se encontra murado, negando assim, seu contexto	37
Figura 38. <i>Plaza de la Independencia</i> e as edificações que a configuram	98
Figura 39. Observa-se a quantidade de portas ou membranas permeáveis que permitem a relação direta da praça com as edificações	99
Figura 40. Macroparcelamento e microparcelamento ao redor da <i>Plaza de la Independencia</i> (em vermelho).....	99
Figura 41. Praça da Independência configurada pelo Palácio Presidencial, pelo Palácio Arcebispal, pela Prefeitura e pela Catedral	101
Figura 42. Fachadas dos <i>Palacios de Gobierno e Arzobispal</i> que configuram a <i>Plaza de la Independencia</i> . Em vermelho, os elementos que estabelecem porosidade: portas de locais comerciais em ambos os palácios, em relação direta com a praça	102
Figura 43. Quarteirões circundantes à Praça da Independência com sua ocupação nos lotes. No centro a Praça, e em vermelho os elementos que estabelecem porosidade: portas em relação direta com a praça	103
Figura 44. Praça de San Francisco e as edificações que a configuram	105

Figura 45. Fachada da Igreja de San Francisco. Observa-se as portas dos locais comerciais dos locais comerciais no térreo da Igreja criando uma relação direta com a Praça.....	105
Figura 46. Macroparcelamento e microparcelamento ao redor da <i>Plaza de San Francisco</i> (em vermelho).....	106
Figura 47. Fachadas da Igreja de San Francisco e do edifício comercial que configuram a <i>Plaza de San Francisco</i> . Em vermelho os elementos que estabelecem porosidade: portas de locais comerciais, em relação direta com a praça	107
Figura 48. Quarteirões que configuram a <i>Plaza de San Francisco</i> e sua ocupação nos lotes. Em vermelho as portas que se encontram em relação direta com a praça	107
Figura 49. Ruas configuradas por prédios de uso misto na cidade tradicional de Quito. Percebe-se a efetiva apropriação do espaço	108
Figura 50. Fachada da Rua Gabriel García Moreno na cidade Tradicional de Quito. Em vermelho os elementos que estabelecem porosidade: portas de locais comerciais, em relação direta com o espaço público. No segundo e terceiro pavimento, janelas das residências dessa rua	109
Figura 51 .Em vermelho as portas da Rua que se pode ver na Figura 14 que estão em relação direta com o espaço público.....	110
Figura 52. Observa-se o prédio novo do Banco Central do Equador, na frente do Parque <i>La Alameda</i> , que mostra uma arquitetura moderna visando representar à nova Quito Moderna	112
Figura 53. Observa-se o prédio mais alto de 23 andares onde se localiza a Corporação Financeira Nacional ao Norte de Quito na frente do Parque <i>El Ejido</i>	112
Figura 54. Observa-se a configuração do parque <i>La Alameda</i> por alguns prédios modernos de até 12 andares dispostos no alinhamento, em fita, e de uso misto comercial e escritórios, e por prédios históricos de até 4 andares, dispostos no alinhamento, em fita que são conservados como patrimônio de uso institucional	113
Figura 55. Observa-se a configuração do parque <i>El Ejido</i> por prédios modernos de até 23 andares dispostos no alinhamento, com afastamento lateral, e de uso misto residencial, comercial e institucional	113

Figura 56. Configuração dos parques <i>La Alameda, El Ejido e El Arbolito</i>	115
Figura 57. Observa-se a parte Sul do Parque <i>La Carolina</i> , configurado por prédios em altura.....	117
Figura 58. Configuração do Parque <i>La Carolina</i> por prédios altos e <i>shopping centers</i>	119
Figura 59. Localização da cidade de Quito e o vale de Tumbaco com as paróquias que o configuram e os centros tradicionais de cada uma delas formando um sistema de centralidades. Observa-se os três vulcões ao oeste de Quito e o vulcão Ilaló já no vale, bem como as paróquias	125
Figura 60. Paróquias do vale de Tumbaco (consideradas nesta dissertação) estruturadas pela via Interoceânica que o conecta com a cidade de Quito	126
Figura 61. Sítio físico expansão nordeste – O Vale de Tumbaco.....	127
Figura 62. Vias que conectam a cidade de Quito com a via Interoceânica. 1. Via de los Coquistadores; 2. Via INTEROCEÂNICA ou Guayasamín; 3. Via Nueva Oriental Norte; 4. Via Nueva Oriental Sur. Em vermelho, o nó viário onde as quatro vias acima se encontram e se articulam com a via Interoceânica.....	128
Figura 63. Leitura do Vale de Tumbaco.....	131
Figura 64. Leitura atual da Paróquia de Cumbayá	143
Figura 65. Identifica-se o primeiro <i>finger</i> , a Paróquia de Cumbayá em preto. Em vermelho o sistema de centralidades do Vale de Tumbaco.....	145
Figura 66. Comparação da leitura de Cumbayá dos moradores (acima) x a leitura feita através de pesquisa (abaixo).....	147
Figura 67. Caminhos públicos configurados por muros de condomínios fechados na Paróquia de Cumbayá.....	149
Figura 68. <i>Plano de Uso y Ocupación del Suelo</i> (2007) – Paróquia de Cumbayá.....	150
Figura 69. <i>Plano de Uso y Edificabilidad (PUE)</i> (2007) – Paróquia de Cumbayá.....	152
Figura 70. Observam-se os estacionamentos periféricos do <i>shopping</i> como configuradores da via Interoceânica no trecho de ingresso à Paróquia.....	154

Figura 71. Via Interoceânica configurada por edificações de 2 e 3 andares, dispostos no alinhamento, em fita e de uso misto – residencial, comercial e de serviços	156
Figura 72. Praça Central de Cumbayá e os edifícios que a configuram	157
Figura 73. Centro tradicional de Cumbayá mostrando a praça e os quarteirões na sua volta. Em vermelho pode-se identificar os elementos permeáveis que permitem a relação direta das construções configuradoras e a praça	158
Figura 74. Festa de San Pedro na Rua que configura a praça central ao Leste. Observam-se as roupas típicas dos indígenas para a celebração da festa	160
Figura 75. Configuração das ruas do centro colonial de Cumbayá.....	161
Figura 76. Configuração do primeiro trecho do antigo caminho do trem	162
Figura 77. Feira informal de frutas e verduras no antigo caminho do trem	163
Figura 78. Configuração rural do <i>Chaquinan</i>	164
Figura 79. Vista do Rio Machángara desde o <i>Chaquinan</i>	164
Figura 80. Tendência de configuração do Chaquinan; muros cegos configurando este espaço público	165
Figura 81. Configuração do reservatório	166
Figura 82. Caminhos e espaços públicos existentes em Cumbayá (esq) e sistema de espaços públicos proposto para a paróquia de Cumbayá (dir)	175
Figura 83. Esquema de configuração do espaço público em áreas de condomínios existentes	179
Figura 84. Sistema de espaços públicos para a paróquia de Cumbayá - Caminhos propostos e sua escala	180
Figura 85. Infraestruturas comunitárias e espaços públicos propostos na paróquia de Cumbayá em busca de centralidades em diferentes escalas	183
Figura 86. Proposta de nova estrutura de legibilidade para a paróquia de Cumbayá	189

Figura 87. Exemplificação das diretrizes propostas para a configuração da Via Interoceânica no trecho de ingresso à paróquia.	195
Figura 88. Exemplificação das diretrizes propostas para a configuração da Via Interoceânica no trecho mais próximo ao centro colonial da paróquia.....	199
Figura 89. Configuração espacial proposta para a Praça central de Cumbayá	203
Figura 90. Exemplificação das diretrizes propostas para a configuração do caminho do trem no trecho do centro colonial de Cumbayá	206
Figura 91. Configuração espacial proposta para o entorno do reservatório de água da <i>Empresa Eléctrica de Quito</i> na paróquia de Cumbayá a ser apropriado como espaço público	209
Figura 92. Configuração espacial proposta para os caminhos na escala da vizinhança.....	213

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Tabela de Punter. Critérios de avaliação do desempenho da forma urbana de vários autores	13
Tabela 2. Variáveis morfológicas diretamente envolvidas com uma boa legibilidade da estrutura da cidade	27
Tabela 3. Variáveis morfológicas diretamente envolvidas com uma boa permeabilidade da estrutura da cidade.....	34
Tabela 4. Variáveis morfológicas diretamente envolvidas com a diversidade na configuração dos espaços públicos	41
Tabela 5. Variáveis morfológicas diretamente envolvidas com a porosidade na configuração dos espaços públicos	44
Tabela 6. População de Quito urbana em diferentes anos.....	72
Tabela 7. Padrões espaciais positivos identificados na cidade contemporânea de Quito.....	95
Tabela 8. Padrões espaciais positivos identificados na configuração dos espaços públicos da Quito contemporânea	123
Tabela 9. Uso do Solo (2007) – Paróquia de Cumbayá.....	151
Tabela 10. Uso e Edificabilidade (2007) – Paróquia de Cumbayá.....	152
Tabela 11. Diretrizes para projeto de arquitetura da cidade a partir dos padrões espaciais encontrados na cidade de Quito e suas expansões, diretamente vinculados com a apropriação dos espaços públicos.....	171
Tabela 12. Programa de infraestruturas comunitárias públicas e privadas possíveis de acordo com a escala.....	185

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I – QUALIDADES DA FORMA DA CIDADE: A APROPRIAÇÃO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS COMO CRITÉRIO DE AVALIAÇÃO DE DESEMPENHO ESPACIAL.....	5
1.1 NA ESCALA DO TODO: A ESTRUTURA E SUA APROPRIAÇÃO – SISTEMAS DE ESPAÇOS PÚBLICOS E DE CENTRALIDADES.....	15
1.1.1 Legibilidade	22
1.1.2 Permeabilidade.....	29
1.2 NA ESCALA DOS LUGARES: A CONFIGURAÇÃO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS E SUA APROPRIAÇÃO.....	35
1.2.1 Diversidade	37
1.2.2 Porosidade.....	41
CAPÍTULO II – A FORMA CONTEMPORÂNEA DA CIDADE DE QUITO – PADRÕES ESPACIAIS E APROPRIAÇÃO	45
2.1 A ESTRUTURA DA CIDADE NO TERRITÓRIO – SISTEMAS DE ESPAÇOS PÚBLICOS E DE CENTRALIDADES	48
2.1.1 Cidade Tradicional.....	61
2.1.2 Expansões Norte e Sul.....	70
2.2 A CONFIGURAÇÃO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS.....	97
2.2.1 Na cidade tradicional de Quito.....	97
· A Plaza de la Independencia – praça cívica.....	98
· A Plaza de San Francisco – praça de mercado	104
· Caminhos	108
2.2.2 Na expansão norte	110
· Parques La Alameda, El Ejido e El Arbolito	111
· Parque La Carolina	117
2.3 EXPANSÃO NORDESTE DE QUITO – O VALE DE TUMBACO.....	125

CAPÍTULO III – DIRETRIZES PROPOSITIVAS PARA UMA NOVA FORMA E APROPRIAÇÃO DA PARÓQUIA DE CUMBAYÁ.....	139
3.1 ATUAIS PADRÕES ESPACIAIS DE CONFIGURAÇÃO DE CUMBAYÁ	139
3.1.1 Estrutura e apropriação – legibilidade e permeabilidade	141
3.1.2 Configuração dos espaços públicos – diversidade, porosidade x apropriação	154
· A Via Interoceânica.....	154
· A Praça central de Cumbaya	157
· Os caminhos do centro colonial	161
· O antigo caminho do trem.....	161
· O caminho no entorno do Reservatório de água.....	166
3.2 DIRETRIZES PROPOSITIVAS DE PROJETO DE ARQUITETURA DA CIDADE PARA CUMBAYÁ	167
3.2.1 Diretrizes estruturais – legibilidade e permeabilidade x apropriação.....	173
3.2.2 Diretrizes para a configuração dos espaços públicos – diversidade e porosidade x apropriação	191
· A Via Interoceânica.....	192
· A Praça Central de Cumbayá	200
· O Antigo caminho do trem.....	205
· O caminho do entorno do Reservatório de água.....	207
· Os caminhos na escala local	211
CONSIDERAÇÕES FINAIS	217
REFERÊNCIAS.....	221

INTRODUÇÃO

Os processos sociais, econômicos, tecnológicos e culturais encontram-se fortemente vinculados à produção do espaço materializando-se na forma que adquire a cidade em diferentes momentos. A mudança da forma das cidades latino-americanas e, sobretudo o modo de sua apropriação, tem sido um tema de discussão e debate constantes.

Nas cidades contemporâneas existe uma grande preocupação com a degradação ambiental, com a segregação socioespacial, com o incremento nos níveis de violência nos espaços públicos e privados, e com a introversão da vida cidadã. A complexidade da cidade contemporânea, afetada pelos avanços tecnológicos e pela busca de uma “melhor qualidade de vida”, desencadeou rápidas expansões nas cidades, nem sempre projetadas ou pensadas, mas geralmente construídas com uma baixa preocupação por sua relação, articulação e integração com a cidade consolidada. A partir deste contexto, destacam-se, aqui, a construção e a apropriação dos espaços públicos como elementos estruturadores de nossas cidades.

A observação direta como arquiteta e a vida cotidiana numa área de expansão – a Paróquia¹ de Cumbayá em Quito-Ecuador – onde, como identificado por Santos e Voguel em seus estudos², os espaços públicos se limitam a ser o lugar de circulação de veículos, onde o encontro coletivo é possível somente em espaços fechados e privados e onde se percebe o medo à vida em “comunidade”³, são as principais razões para a pesquisa nesta dissertação.

Objetivamente, a pesquisa pretende compreender a relação entre as diversas formas que a cidade vem adquirindo e as formas de apropriação de seus espaços públicos pela população para embasar algumas diretrizes de projeto urbano que respondam a critérios de desempenho da forma urbana potencializadores desta apropriação do espaço público.

O esquema metodológico concebido e utilizado nesta pesquisa (figura 1) apresenta três partes - a primeira é a discussão teórica com

¹ A “Paróquia”, no Equador, equivale ao Distrito Municipal no Brasil.

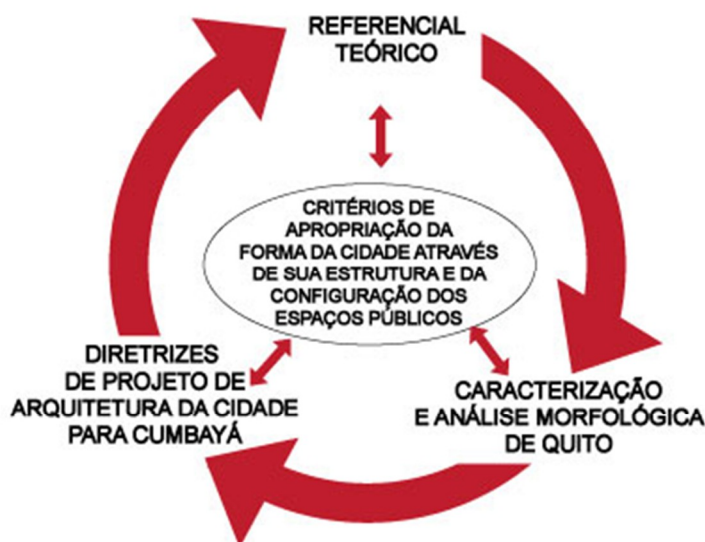
² SANTOS; VOGUEL, 1985.

³ SANTOS; VOGUEL, 1985, p. 84.

base em critérios de vários autores que estudam o desempenho da forma da cidade quanto a sua apropriação; a segunda é a identificação e caracterização, na forma da cidade contemporânea de Quito, de padrões espaciais culturalmente aceitos como bem apropriados pela população quitenha; a terceira é o lançamento de diretrizes de arquitetura da cidade, como hipótese de projeto, para uma área de expansão da cidade contemporânea de Quito – a Paróquia de Cumbayá – buscando responder a critérios de bom desempenho da forma da cidade que potencializem a apropriação de seus espaços públicos. Estas três partes principais foram desenvolvidas em paralelo e organizadas em capítulos.

A revisão bibliográfica de critérios, identificados como potencializadores de um bom desempenho da forma da cidade em relação a sua apropriação, permitiu a definição de duas escalas diretamente envolvidas – aquela da estrutura da cidade e outra referente à configuração de seus lugares – e orientou as análises.

Figura 1. Esquema da metodologia utilizada nesta dissertação



Fonte: Daniela Sofia Loaiza Jiménez, 2011.

Para o desenvolvimento desta pesquisa com base no esquema metodológico acima, foram utilizados vários métodos e técnicas que nos permitiram caracterizar, analisar e propor padrões espaciais de

configuração da cidade nas duas escalas - na escala da estrutura e na escala dos lugares:

- Revisão bibliográfica de autores que estudam o desempenho da forma da cidade vinculado à apropriação.
- Pesquisa de campo com coleta de dados e material gráfico junto à *Alcaldía del Municipio de Quito* – Prefeitura de Quito.
- Revisão bibliográfica de autores que estudam as características e a forma de ocupação da cidade de Quito e de suas expansões.
- Leitura e análise, como profissional arquiteta, de legibilidade da cidade contemporânea de Quito.
- Elaboração de duas maquetes para as leituras do existente e para o lançamento de diretrizes de projeto de arquitetura da cidade, utilizando a restituição aerofotogramétrica de 2007 do Vale de Tumbaco⁴. A primeira, da expansão nordeste, na esc. 1:50.000 e a segunda, da paróquia de Cumbayá, na esc. 1:5.000.
- Mapas e esquemas elaborados a partir das análises feitas nas maquetes.
- Pesquisa de campo de dois meses na cidade de Quito (sobretudo na Paróquia de Cumbayá, expansão nordeste), com a intenção de re-descobrir a arquitetura da cidade e seu papel na apropriação urbana.
- Observação *in loco* na Paróquia de Cumbayá, da estrutura, dos tipos de espaços públicos, dos tipos de usuários e dos tipos de usos existentes na paróquia.
- Visita e coleta de dados cadastrais na subprefeitura de Cumbayá - *Administración Zonal Cumbayá*.
- Análise da legislação vigente em Cumbayá a partir de dois planos: o *Plano de Uso y Ocupación de Suelo* (2007) e o *Plano de Uso y Edificabilidad* (2007).
- Entrevistas semiestruturadas com moradores de Cumbayá para identificar quais elementos de leitura urbana são percebidos por seus usuários.
- Registro fotográfico durante toda a pesquisa.
- Elaboração de mapas identificando elementos que facilitam a leitura da cidade em várias escalas.

⁴ Vale a nordeste da cidade, onde se localiza a Paróquia de Cumbayá.

- Elaboração de esquemas e *croquis* que facilitam a compreensão da configuração dos espaços públicos da cidade na escala da estrutura e na escala dos lugares.
- Elaboração de perspectivas e de cortes perspectivados que exemplificam as diretrizes de projeto de arquitetura da cidade propostas como hipótese de projeto para a Paróquia de Cumbayá.

Assim, no primeiro capítulo encontra-se a discussão teórica desta dissertação, onde revisamos a bibliografia em busca dos conceitos e definições de vários autores que abordam o desempenho da forma da cidade, principalmente em relação às características e aos padrões espaciais diretamente envolvidos com a apropriação dos espaços públicos.

Definido o referencial teórico, passamos ao segundo capítulo que busca caracterizar e analisar o desempenho da forma da cidade contemporânea de Quito para identificar escalas e padrões espaciais envolvidos na apropriação de seus espaços públicos; para tanto, analisamos quatro áreas distintas da cidade – a cidade tradicional e suas expansões norte, sul e nordeste.

No terceiro capítulo, trabalhado em paralelo com o primeiro e segundo, enfocamos um recorte da expansão nordeste - a Paróquia de Cumbayá – e verificamos padrões espaciais, tanto em sua estrutura quanto na configuração de seus espaços públicos, que restringem sua efetiva apropriação pela população. Assim, a partir do resgate dos padrões espaciais que incentivam a apropriação dos espaços públicos encontrados na cidade contemporânea de Quito, lançamos diretrizes – nas escalas da estrutura e da configuração dos lugares – para a Paróquia de Cumbayá como hipótese de projeto de arquitetura da cidade

Nas considerações finais, retomamos a reflexão sobre os critérios de desempenho da forma da cidade, em especial aqueles relativos à sua apropriação nas escalas da estrutura da cidade e da configuração de seus lugares, à luz da análise dos padrões espaciais encontrados na Quito contemporânea, mostrando a necessidade de futuras pesquisas e de propostas de arquitetura da cidade como hipóteses de projeto.

Objetiva-se com isso, subsidiar ações que ampliem sua relevância socioespacial ao possibilitar e potencializar uma maior apropriação do sistema de espaços públicos de nossas cidades contemporâneas. Espera-se que a pesquisa possa contribuir para as investigações acerca do que constitui uma boa forma da cidade e para projetos contemporâneos neste início de século.

CAPÍTULO I – QUALIDADES DA FORMA DA CIDADE: A APROPRIAÇÃO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS COMO CRITÉRIO DE AVALIAÇÃO DE DESEMPENHO ESPACIAL

Em relação aos debates acerca do que constitui um bom desempenho da forma urbana, várias qualidades têm sido abordadas por diferentes autores, principalmente a partir da década de 1960, em clara reação à desestruturação e à redução de apropriação dos espaços públicos da cidade, identificadas nas áreas urbanas construídas segundo os preceitos pós-guerra e em especial do Estilo Internacional. Destacam-se o trabalho de Kevin Lynch⁵ voltado à leitura urbana e à elaboração de critérios para análise da boa forma da cidade, os conceitos trabalhados pela jornalista e ativista Jane Jacobs⁶ no seu livro *Morte e Vida das Grandes Cidades Norte-americanas*, as considerações tecidas por Rapoport⁷ na área da antropologia cultural acerca dos aspectos humanos da forma das cidades, os critérios elaborados pela arquiteta-urbanista Nan Ellin⁸ como qualidades para a execução de projeto urbano, e aqueles propostos pelos alemães Trieb e Schmidt e introduzidos no Brasil pela arquiteta-urbanista e morfologista Maria Elaine Kohlsdorf⁹.

Com base em análise dos critérios propostos por este grupo de autores, destacamos algumas qualidades analítico-propositivas de desempenho da forma da cidade, a nosso ver, diretamente relacionadas à apropriação.

Entende-se por apropriação do espaço a “**unidade entre espaço e usuário**”¹⁰, a ação de tornar próprios os lugares na medida em que sua inter-relação com as pessoas é a que permite (e garante) sua sobrevivência. A autora enfatiza que as expectativas emocionais ou afetivas dos usuários, em relação à configuração dos lugares, buscam “condições favoráveis à segurança emocional, liberdade, sentimento de lar, estabilidade psíquica, privacidade, noção de território, interação social e amizade”¹¹, delimitadas por seus padrões culturais.

⁵ LYNCH, 1960; 1981.

⁶ JACOBS, 2000.

⁷ RAPOPORT, 1978.

⁸ ELLIN, 2006.

⁹ KOHLSDORF, 1996.

¹⁰ Ibid, 1996, p. 58.

¹¹ Ibid., p. 36

O uso do termo apropriação, vinculado ao espaço urbano como conceito, remonta às visões marxistas aportadas pela área da psicologia social fenomenológica desde o ano de 1976 quando o conceito foi introduzido na comunidade científica¹².

Segundo os psicólogos sociais Vidal Moranta e Pol Urrútia é através da apropriação do espaço que “[...] *la persona se hace a sí misma mediante las propias acciones, en un contexto sociocultural e histórico*”¹³. Neste sentido, os autores ressaltam que se trata de um processo dinâmico de interação entre a pessoa com o meio, ou a forma de “*entender la generación de vínculos con los lugares*”¹⁴, que desenvolve um papel fundamental nos processos cognitivos, afetivos, de identidade e relacionais dos usuários em relação ao espaço.

Alargando esta definição, Pol Urrútia¹⁵ argumenta que as pessoas incorporam seu entorno nos processos cognitivos e afetivos de forma ativa e atualizada através de interações que dotam o espaço de significado individual e coletivo. Vidal Moranta e Pol Urrútia acrescentam que por meio da identificação simbólica, a pessoa e os grupos de pessoas, se reconhecem no entorno e lhe atribuem qualidades que definem sua identidade¹⁶.

Neste sentido, Kohlsdorf¹⁷ analisa o espaço como um aspecto do processo urbano onde é importante considerar sua **percepção como elemento mediador importante entre as pessoas e sua apropriação**. Acrescenta que a percepção considera as variáveis dos diferentes grupos sociais e culturais de uma determinada época. Neste sentido, a autora identifica dois paradigmas em relação à percepção do espaço:

- O **primeiro** explica que “qualquer interpretação ou ação sobre o espaço urbano deve ser precedida da ação cognitiva sobre o mesmo, e, nesta, o ponto de partida é a percepção.”¹⁸
- O **segundo** indica que a visão é predominante na percepção, ainda que os demais órgãos dos sentidos estejam envolvidos

¹² VIDAL MORANTA; POL URRÚTIA, 2005, p. 282 e 283.

¹³ Ibid., p. 283.

¹⁴ Ibid., p. 283.

¹⁵ (2001) apud VIDAL MORANTA; POL URRÚTIA, 2005.

¹⁶ VIDAL MORANTA; POL URRÚTIA, loc. cit.

¹⁷ KOHLSDORF, 1996, p. 51.

¹⁸ Ibid., 1996, p. 51.

para a formação de uma “imagem mental”¹⁹ clara do espaço, ou seja, a fácil organização, identificação e reconhecimento dos elementos do espaço em uma estrutura clara e definida que permita sua leitura como todo.

Kohlsdorf²⁰ reflete a respeito da ligação entre os aspectos visuais da cidade, considerados como principais veículos de identificação do espaço, e a percepção, porém, ressalta que a percepção não é suficiente para criar uma imagem mental do espaço.

Sobre a importância da “leitura” da cidade, também Cullen²¹ (1971) considera que as pessoas, em todos os momentos, percebem sua posição relativa, mas sentem também a necessidade de identificar-se, com o local em que se encontram em relação ao espaço circundante, motivo pelo qual é necessário criar uma imagem mental para sentir-se orientado. Essas imagens mentais são entendidas por Rapoport como,

*[...] transformaciones psicológicas a través de las cuales la gente adquiere, codifica, recuerda y decodifica información acerca de su medio ambiente espacial, o sea las distancias relativas, direcciones, combinación de elementos, etc.*²²

Acima de tudo, sua importância nos remete à orientação do usuário da cidade. Neste sentido, Kohlsdorf (1996) considera que a imagem mental é um modelo simbólico expressivo que caracteriza e sintetiza todos os elementos que configuram o espaço, os quais, quando facilmente identificados, servem de informação aos usuários e permite sua orientação.

Já Rapoport define a orientação como “*un proceso a través del cual el individuo se sitúa en el espacio y en el tiempo y es capaz de predecir el uso del medio ambiente*”²³ e depende dos elementos físicos do espaço e **também dos socioculturais**. O autor acrescenta que para a orientação dos usuários, as atividades desenvolvidas no espaço também

¹⁹ Maria Elaine Kohlsdorf cita a expressão “imagem mental” de Lynch (1960) para explicar a estruturação mental dos cinco elementos que permitem a identificação e orientação no espaço.

²⁰ KOHLSDORF, op. cit.

²¹ CULLEN, 2010.

²² RAPOPORT, 1978, p. 124.

²³ Ibid., p. 147.

são importantes, e que **a importância da ordem visual dos elementos físicos aumenta através dos usos.**

Entendemos que é necessário dar às pessoas motivos concretos para utilizar a cidade e seus espaços públicos; assim, quanto maior e mais diversificado o leque de atividades e menor o número de muros cegos, maior sua apropriação. Segundo Jacobs²⁴ (1961) é necessário que existam usuários utilizando ininterruptamente o espaço público – o que gera **fluxos** – sendo preciso uma variedade de atividades, de horários e de usuários para incentivar sua apropriação.

Ao falarmos de apropriação, é imprescindível definir o conceito de **usuário** aqui adotado, entendido como o “interpretante urbano que transforma a paisagem e é por ela transformado”²⁵. Nesse sentido, é importante ressaltar que as interações entre usuários e espaço são essenciais no estudo das cidades, já que para o projeto é necessário entender quais “*mecanismos enlazan al hombre y su medio ambiente*”²⁶. Rapoport acrescenta que é importante compreender como os seres humanos dão forma a seu meio ambiente, e quais características dos seres humanos, como indivíduos ou como grupos, são importantes na construção do espaço, e vice-versa.

Segundo Santos e Voguel as manifestações socioculturais características de um grupo, as quais são as que os distinguem de outros grupos, estão referidas a conceitos de “abertura” de espaços e se dão em locais públicos ou “naqueles que, por força de um uso especial, passarão a ser vistos como se fossem públicos”²⁷, enquanto as atividades particulares e restritas são levadas a espaços privados, onde o espaço público “se fecha”. Os autores acrescentam que é nos lugares públicos onde “**deve estar o que é de todos**”.²⁸

Assim, interessam-nos aqui principalmente aquelas atividades cidadãs que se realizam nos espaços públicos como as atividades desenvolvidas para chegar ao lugar de trabalho, para comprar, para oferecer mercadorias, recreação, lazer, esporte, etc., já que segundo Krier, é nos espaços públicos onde se produz uma “*suerte de ritual*

²⁴ JACOBS, 2001.

²⁵ FERRARA, 1988, p. 22.

²⁶ RAPOPORT, op. cit., p. 15.

²⁷ SANTOS; VOGUEL, op. cit., p. 13.

²⁸ Ibid., p. 13.

societal”²⁹ que cria uma identidade entre o indivíduo e a coletividade. Corroborando com o autor, Assen de Oliveira³⁰ argumenta que é no espaço público que o indivíduo reconhece nos seus diferentes a possibilidade de se reconhecer, de refletir, de analisar, de descobrir e experimentar sua essência de ser coletivo.

Neste sentido, entendemos os espaços públicos como os principais estruturadores de uma imagem da cidade clara e organizada já que, no dizer de Lynch³¹ cada indivíduo cria e assume sua própria imagem da cidade, e, para que exista um consenso e uma **imagem coletiva da cidade** - a que interessa aos planejadores para criar ambientes urbanos apropriados, é necessário que o espaço produza **imagens mentais públicas**, as quais são criadas através do reconhecimento dos indivíduos no espaço urbano. Portanto, nos espaços que são acessíveis para todos – os espaços públicos.

Cullen³² (1971) reflete a respeito da inter-relação existente entre a composição de elementos arquitetônicos e a percepção humana, assim, considera que espaços públicos - sua configuração através da composição física do conjunto de edificações **e as relações** que estes estabelecem com o espaço público, são as que possibilitam a compreensão coletiva da cidade, a vida em comunidade e em última instância propicia a sua apropriação. Conforme Rapoport³³, essas relações entre os diferentes elementos urbanos, públicos e privados, se dá através de uma “barreira” de formas, regras e símbolos, estabelecidos culturalmente, os quais organizam e configuram o espaço urbano.

Lynch argumenta que qualquer “teoria normativa útil”³⁴ para construir uma boa forma da cidade, deverá estar baseada no comportamento humano. Isto, relacionado à apropriação resulta na percepção da forma dos espaços, de sua hierarquia no todo e no lugar e suas qualidades físicas, da articulação desses espaços com o todo e com o contexto imediato, da pluralidade de situações, atividades e culturas desenvolvidas nos espaços, da possibilidade de mudança (ou não) dos

²⁹ KRIER, 1981, p. 19.

³⁰ ASSEN DE OLIVEIRA, 2010.

³¹ LYNCH, 2006, p. 8.

³² CULLEN, 2010.

³³ RAPOPORT, 1978, p. 25, p. 261.

³⁴ LYNCH, 1981, p. 54.

espaços com o passar do tempo e das inter-relações existentes entre diferentes espaços.

Merleau Ponty apud Kohlsdorf³⁵ argumenta que nos apropriamos dos lugares quando a percepção articulada do espaço permite o diálogo entre usuários e lugar. Ressaltamos aqui, a importância da **articulação dos espaços públicos criando um sistema que estruture a cidade**³⁶ e que possibilite a criação de uma imagem mental da cidade organizada e estruturada que facilite sua apropriação.

Outro aspecto intimamente vinculado com a apropriação dos espaços público é a segurança. Explica Jacobs³⁷ (1961) que o principal atributo de uma cidade é que as pessoas se sintam seguras e protegidas nos espaços públicos em meio a desconhecidos, já que quando as pessoas temem estes espaços, os usam menos, e assim, os tornam ainda mais inseguros. A autora acrescenta que é inútil tentar esquivar-se da insegurança urbana tentando tornar mais seguros os elementos privados cercand-os, isto só promove a uma negação do espaço público, e assim, a uma cidade deserta e insegura.

Jacobs acredita que um espaço público que recebe desconhecidos é seguro simplesmente por sua presença, e explica que uma cidade, para ser segura, deve garantir a concentração de pessoas – conhecidos e estranhos para facilitar o sentimento de segurança nela. A autora questiona os projetos de reurbanização das cidades da década de 1960 onde pode se encontrar residências de renda média e alta ocupando grande extensão do solo urbano, fechadas por muros, com terrenos e ruas próprias dessas “ilhas urbanas” ou “cidades dentro da cidade”, negando o espaço público, e, como as pessoas continuam murando cada vez mais a cidade em busca de uma falsa segurança, “quanto mais isolado mais seguro”. No entanto, o problema é que ao deixar o espaço público sem olhos para ele e sem usuários, a cidade torna-se insegura, deserta e alvo de criminalidade. Assim, a dispersão de pessoas em espaços fechados não soluciona o problema da insegurança nas cidades, pois ao estarmos rodeados de mais pessoas somos menos vulneráveis ao perigo.

Acrescenta que para uma cidade ser segura deve possuir três características – a primeira é a separação nítida entre espaço público e as

³⁵ KOHLSDORF, 1996.

³⁶ PANERAI, 2002.

³⁷ JACOBS, 2001.

paredes que o configuram, a segunda é que na composição das fachadas configuradoras do espaço público devem existir “olhos” para o espaço público, ou seja, elementos que permitam a relação público-privado, e a terceira, é que os espaços públicos devem ter usuários transitando ininterruptamente para incentivar às pessoas de dentro dos edifícios a observá-lo.

Borja³⁸ considera que os espaços públicos podem ser avaliados pela intensidade e qualidade das relações sociais que facilita, pela mistura de grupos e comportamentos encontrados, e por sua capacidade de estimular identificação simbólica, expressão e integração cultural. O autor³⁹ argumenta que o **espaço público é um instrumento urbanístico fundamental** para o resgate da cidade democrática contemporânea, seriamente ameaçada por três fenômenos:

- O primeiro é a dissolução a partir da difusão da urbanização desigual e enfraquecimento ou especialização dos centros.
- O segundo é a fragmentação a partir da multiplicação de elementos dispersos em um território cortado por vias (centradas no trânsito de veículos).
- O terceiro é a privatização de seus espaços gerando guetos segundo classes econômicas.

Assim, explica que é conveniente que o espaço público tenha qualidades formais como: continuidade do desenho urbano, generosidade das formas, dos materiais e de sua imagem, e adaptabilidade a usos diversos através do tempo. Em relação à consideração dos espaços públicos na elaboração de projetos urbanos, o autor⁴⁰ acredita que o sistema de espaços públicos é chave por três razões principais – **a primeira**, é um meio eficaz para facilitar a multifuncionalidade dos projetos urbanos ao permitir diversidade e adaptabilidade no tempo, **a segunda**, garante a qualidade relacional de um projeto urbano, **e a terceira**, é uma possível resposta ao difícil desafio de articular a cidade em diferentes escalas já que a continuidade dos **sistemas de espaços públicos e de centralidades** é uma condição de visibilidade e acessibilidade para cada um dos fragmentos urbanos e, portanto, um fator essencial de integração cidadã.

³⁸ BORJA, 1998.

³⁹ BORJA, Id., 2003.

⁴⁰ Ibid., 2003.

Com base nos conceitos, nas considerações e nos argumentos do grupo de autores estudados neste capítulo, consideramos que a boa forma da cidade promove sua apropriação através de qualidades físicas (Figura 2) – sempre vinculadas ao comportamento social e a cultura, que permitam a leitura da forma, do papel e da hierarquia dos espaços na escala do lugar e na escala do todo – **LEGIBILIDADE**; que articulem os lugares com o contexto imediato e com o resto da cidade – **PERMEABILIDADE**; que permitam a pluralidade e simultaneidade de acontecimentos, situações, fluxos, atividades e nos lugares, que possibilitem a mudança de forma e de uso dos espaços – **DIVERSIDADE**; e que permitam a inter-relação e infiltração de espaços públicos e privados fazendo dos espaços privados também patrimônio coletivo - **POROSIDADE**.

Figura 2. Critérios analítico-propositivos, de desempenho da forma urbana, identificados como potencializadores da apropriação da forma da cidade



Fonte: Daniela Sofia Loaiza Jiménez, 2011.

Nesta pesquisa foram estudados critérios de avaliação do desempenho da forma urbana desde o olhar de vários autores identificados na Tabela 1, no entanto, para seu desenvolvimento, estes critérios foram fundidos em quatro qualidades espaciais principais da forma urbana (Figura 2), diretamente envolvidas com a apropriação da cidade como foi explicado.

Tabela 1. Tabela de Punter. Critérios de avaliação do desempenho da forma urbana de vários autores

Kevin Lynch 1982	Jane Jacobs 1961	Bentley, Alcock, McGlynn, Murrain, Smith 1964	Tibbalds 1988	Príncipe de Gales 1989	Holyoak 1985	Urban Design Group 1987	Wates 1988	Buchanan 1988
1. Vitalidade	Atividade apropriada acida da ordem visual.	Ambientes que respondem.	Lugares acima de edifícios	O lugar.		Formas que respondem.		Faça lugar, esfera pública, salas externas.
2. (ver sentido)		Adequação visual.	Respeite a história.	Harmonia e contexto.	i. Retenha o melhor. ii. Respeite a linha da rua.			Dialogue com o contexto e a história: re-contenha a rua.
3. (ver adequação)	Uso misto. Faixa etária mista. Aluguel misto. Concentração/	Variedade.	Encoraje usos mistos.		Mais de um uso.	Usos mistos.		
4. (ver vitalidade)	A rua.	Escala humana.	Escala de fechamento.	Em escala com o contexto.				
5. Acesso	Permeabilidade (quadras curtas).	Permeabilidade.	Encoraje a permeabilidade de pedestres.			Acesso público.		Sistemas de espaços públicos e de movimento.
6. Controle		Personalização	Mistura social e consulta.	Comunidade.	“Aceitabilidade”, personalização.	Consulta.	Responsabilidade individual, facilitadores profissionais, ação e controle local, experiência integradora, otimização de recursos, educação ambiental.	
7. Sentido (Clareza com que pode ser percebido)		Legibilidade.	Legibilidade.	Hierarquia.	Accessibilidade visual reflete usos.			i. Respeite convenções. ii. Articule significados. iii. Conecte interior e exterior.
8. Adequação	Espaços adaptáveis.	Adaptabilidade e robustez						
9. (ver eficiência)	Investimento gradual, não cataclísmico.		Mudança de pequena escala.					
10.	Atividade, riqueza.	Riqueza.	Deleite visual.	Materiais e decoração.	Construção “visível” Ornamento integral.	Estimulador.		Materiais ricos, naturais, decoração adequada ao desgaste do tempo.
Dois meta- critérios – Eficiência (custo relativo) Justiça (equidade social)	Automóveis. Atrito. Vigilância (segurança).			Sinais e luzes.		Proteção, segurança, Conforto, abrigo.		

Nesse sentido, elegemos a apropriação da forma da cidade e de seus espaços públicos como critério a nortear as diretrizes analítico-propositivas de projeto de arquitetura da cidade. Assim, as qualidades que, a nosso ver, estão diretamente envolvidas com a apropriação dos espaços públicos, estão vinculadas ao desempenho da forma em duas escalas – na escala do TODO; da **estrutura da cidade**, e na escala dos LUGARES; da **configuração dos espaços públicos** da cidade. Elegemos como qualidades de configuração - potencializadoras de apropriação - na escala da estrutura da cidade, a **legibilidade** e a **permeabilidade**, e na escala dos lugares a **diversidade** e a **porosidade**.

Para uma melhor compreensão destes conceitos e de como podem ser utilizados para o lançamento de diretrizes de projeto de arquitetura da cidade, a seguir, discorre-se sobre cada um mais profundamente.

1.1 NA ESCALA DO TODO: A ESTRUTURA E SUA APROPRIAÇÃO – SISTEMAS DE ESPAÇOS PÚBLICOS E DE CENTRALIDADES

*Un examen del aspecto y del papel de la calle a lo largo de la historia sugiere que las calles siempre han sido la **expresión tangible** de la estructura de relaciones de la cultura en que aparecen y el medio para considerar, amenazar o mantenerse dichas relaciones.* (ANDERSON, 1981, p. 238).

A forma da expansão das cidades, sobretudo no atual processo de urbanização, é atribuída ao consumo, e sustentada pelos novos meios de transporte que permitem uma maior “velocidade e fluidez”⁴¹, criando novas relações com o espaço e o território e definindo novas estruturas na cidade para a distribuição e circulação de bens e de usuários.

Entende-se por **estrutura da cidade**, os elementos que trabalhando em conjunto, criam uma rede de fluxos, permanências e tensões que organizam a cidade através de um sistema articulado de relações. Ao falarmos de sistema implica ressaltarmos a **inter-relação de todas as partes de um todo**, como as que interagem em conjunto para articular e organizar a cidade. Conforme Panerai⁴² a estrutura da cidade pode ser considerada como o esqueleto, o arcabouço, ou como o

⁴¹ PANERAI, 2006, p. 20.

⁴² Ibid., 2006.

sistema de estabilidade da cidade. Corroborando com o autor, Milton Santos⁴³ que propõe uma abordagem geográfica do espaço como método, define a estrutura da cidade como seu sistema de apoio.

Nos termos de Panerai⁴⁴, a **estrutura** das cidades é definida como o sistema de conexões que acompanha a necessidade de deslocamento dos habitantes, e que sua organização resulta, principalmente, da conexão física entre pontos de maior tensão (de intercâmbio), para os quais são criados espaços destinados ao fluxo e à permanência das pessoas, das mercadorias, da informação, etc. Assim, entendemos que as cidades estão sujeitas a transformações que acompanham as necessidades de deslocamento, pelas quais, sua organização física ocorre em boa parte, a partir da localização dos primeiros acessos no território.

Do Amaral e Silva argumenta que quando um elemento torna-se imprescindível na articulação da cidade como o todo e sua eliminação, ou inclusive qualquer modificação, muda totalmente as relações no sistema da cidade, pode ser considerado “estruturante e estruturador”⁴⁵.

As definições acerca de estrutura nos sugerem, conforme Vigil Munizaga apud Do Amaral e Silva⁴⁶ “[...] *explicitar tres requerimientos – teóricos, fenomenológicos y de método que son propios de la ciudad – la unidad del total [...], la existencia de partes interdependientes [...] y las relaciones entre ellos [...]*”

Estas partes interdependentes são os elementos componentes e estruturantes da cidade, os quais, inter-relacionados, permitem o crescimento, a articulação e a integração da cidade como todo. Panerai e Mangin (2002), abordando a conceituação de estrutura da cidade no âmbito do projeto urbano, consideram os **espaços públicos como os elementos estruturantes** fundamentais que dão permanência à cidade, sempre e quando se encontrem articulados formando um sistema e que atendam às necessidades de circulação e de acesso às áreas privadas.

Deste modo podemos dizer que o projeto urbano deve ser pensado desde a perspectiva do espaço público como o sistema estruturante e a base das cidades. Conforme Panerai, o espaço público,

⁴³ SANTOS, Milton, 1985.

⁴⁴ PANERAI, Ibid., 2006.

⁴⁵ DO AMARAL e SILVA, 2010, p. 125.

⁴⁶ Ibid., 2010.

[...] deve ser pensado como a origem e base fundamental do trabalho de projeto. [...] não se trata mais de pensar a cidade ou o bairro em termos de quantidade de edifícios a construir [...], mas como um sistema de espaços públicos formando a base estável do projeto [...].⁴⁷

Os espaços públicos, sob esta ótica, podem ser entendidos como o conjunto articulado de espaços que servem de suporte aos principais fluxos e permanências coletivas que dão sentido à vida urbana, **um sistema de espaços públicos que estrutura a cidade.**

Conforme Panerai⁴⁸, a estrutura das cidades **abrange várias escalas e vários tempos** permitindo a articulação da cidade como um todo em diferentes momentos e dimensões. O autor explica a estrutura como algo dinâmico e não estático, que muda em reação às ações dos “elementos reguladores”⁴⁹ que a constituem. Para ele são três elementos principais de estruturação da cidade que, argumentamos aqui, sempre se encontram **vinculados à cultura do grupo social**: o território, a rede de caminhos e centralidades, e a imagem e significado.

- **O primeiro, o território**, o qual possui várias características físicas, como o relevo que desempenha um papel importante na eleição da localização das cidades e seu desenvolvimento. Segundo os autores Panerai e Mangin⁵⁰ uma melhor visibilidade, a proteção dos ventos, os cursos de água, “impõem o desenho dos primeiros traçados e de seu desenvolvimento”. Os autores consideram que o relevo, a orientação e as vistas, por suas características ligadas à geografia, constituem uma base para o traçado urbano.

O território é categorizado por Trieb e por Schmidt apud Kohlsdorf⁵¹, como o sítio físico, no qual se examina como o contexto da paisagem natural participa na estruturação e configuração da cidade. Nesta categoria são considerados o relevo do solo, a vegetação, os cursos de água, os ventos e o clima, para poder estabelecer em que

⁴⁷ PANERAI, 1994, p. 79.

⁴⁸ PANERAI, Id., 2006.

⁴⁹ PANERAI, Ibid., 2006.

⁵⁰ PANERAI; MANGIN, 2002, p. 177.

⁵¹ KOHLSDORF, 2006.

medida participam ou devem participar da configuração morfológica das cidades.

Desde a área da geografia, Milton Santos caracteriza o território como o meio ecológico, ou “conjunto de complexos territoriais que constituem a base para os assentamentos humanos”⁵². Reafirma que o relevo, os cursos de água, os morros, o clima, etc., são os que contribuem com a forma de crescimento das cidades.

Assim, o território começa a ser estruturado por uma cultura em sua ocupação do sítio físico em um dado tempo.

- **O segundo elemento regulador** da forma da estrutura da cidade é **a rede de caminhos**, eixos ou “canais de circulação”⁵³, os quais formam composições de linhas que articulam o território formando uma malha tridimensional. Este elemento é analisado e proposto como base do sistema de deslocamentos e comunicações no território.

A rede de caminhos é entendida por Santos⁵⁴ como o trabalho humano materializado sobre o território que facilita e agiliza o deslocamento de pessoas, mercadorias e informação produzindo, ao mesmo tempo, espaços de concentração e centralidades (sistema de centralidades) onde o intercâmbio é mais intenso e assim o a apropriação da estrutura da cidade é maior.

Estes caminhos são criados a partir das necessidades próprias das pessoas ao viver em comunidade e de vincularem-se umas as outras e de estabelecerem intercâmbios. Essa necessidade de intercâmbio provoca tensões entre certos pontos ou localizações e, em consequência, o movimento ou fluxo entre um ponto de tensão e outro se dá através da rede de caminhos. Santos⁵⁵ reflete a respeito da ligação criada para vincular os pontos de tensão, e o explica como uma modificação do território pelo ser humano, para adaptá-lo à produção e ao consumo. A demanda de cada indivíduo ou membro da comunidade e, por sua vez, dos diferentes grupos da sociedade, incentivam à criação de redes de caminhos, e assim, participa da produção do espaço e da configuração da estrutura da cidade.

⁵² SANTOS, Milton, 1985, p. 6.

⁵³ TRIEB; SCHMIDT apud KOHLSDORF, 1996)

⁵⁴ SANTOS, Milton, loc. cit.

⁵⁵ Ibid., 1985, p. 7.

- Para Panerai, o **terceiro elemento regulador** da forma da cidade é **a imagem e significado**. Como enfatizado por Rapoport⁵⁶, a cultura de um determinado grupo de pessoas, é uma das variáveis mais essenciais na organização das cidades.

*Todo esto significa que los **lugares urbanos** pertenecientes a distintos grupos humanos tienen significado, simbolizan e indican una identidad social y que, por lo tanto, **no son meros receptáculos de actividad**.*⁵⁷

Corroborando com o autor, Aymonimo⁵⁸ argumenta que as cidades terão significado “[...] quanto mais o ordenamento espacial e o interpretativo tenderem a sobrepor-se, até se tornarem indispensáveis um ao outro.”

Entendemos que a cultura de cada grupo humano, pode sugerir tipologias de cidade (e de edificações) as quais, em interação com o território, condicionam a forma dos assentamentos humanos nas cidades. No dizer de Aymonimo⁵⁹, pode ser morfologicamente encontrada “[...] uma homogeneidade de representação arquitetônica [...]” através da qual se pode “[...] estabelecer uma relação precisa, e por isso reconhecível e individualizável [...]” da forma urbana com a cultura.

Kohlsdorf⁶⁰ argumenta que o território e a sociedade inter-relacionados fazem com que um espaço urbano se caracterize como um *lugar*, ou seja, como uma porção do território onde são desenvolvidas práticas sociais. Assim, a apropriação do território por uma cultura específica, define sua arquitetura.

Estes “elementos reguladores”⁶¹, chamados por Alexander de padrões de ocupação do território⁶² “possuem algo em comum e cooperam entre si para organizar o espaço urbano”⁶³. Cada elemento constitui um componente no **processo** de estruturação das cidades.

⁵⁶ RAPOPORT, 1978.

⁵⁷ Ibid., 1978, p. 35

⁵⁸ AYMONIMO, 1984, p. 21.

⁵⁹ Ibid. p. 21.

⁶⁰ KOHLSDORF, 1996.

⁶¹ PANERAI, 2006.

⁶² ALEXANDER, 1965.

⁶³ Ibid., 1965, p. 58.

Santos⁶⁴ também enfatiza o argumento de que as cidades estão constantemente alterando-se ou modificando-se, já que seu principal conteúdo, o movimento social, cresce e atribui significados diferentes a cada lugar com o passar do tempo. Para este autor, os elementos que regulam a forma da estrutura da cidade podem permanecer no seu lugar, com uma mesma significação com o passar do tempo, enquanto, ao mesmo tempo, existem forças ou novas estruturas que tentam deslocar ou penetrar na estrutura existente para, dessa maneira, articular-se à cidade e formar parte dela. Assim, a estrutura da cidade muda, modifica-se, cresce e adapta-se ao espaço, à cultura e ao tempo.

Para o geógrafo Jordi Borja, **o sistema estruturador da cidade está fundido com o sistema de espaços públicos** e acrescenta que, para criar cidade hoje, é necessário,

*[...] crear las nuevas centralidades y ejes articuladores que proporcionen la continuidad física y simbólica, estableciendo buenos compromisos entre el tejido histórico y el nuevo, y favoreciendo la mezcla social y funcional en todas las áreas.*⁶⁵

Estamos nos referindo à **centralidade** como uma característica atribuída aos espaços que possuem **maior intensidade e densidade de fluxos, de acontecimentos, de usos, de atividades e de significados, na estrutura da cidade**. No dizer de Hassenpflug,

As cidades são cidades porque elas têm um centro (ou mais centros), por exemplo uma hierarquia de centro principal, subcentros e centros de vizinhança. Os centros têm grande importância no provimento da forma urbana e de sua coerência.⁶⁶

Também, Vargas e Castilho consideram a centralidade como,

[...] o lugar mais dinâmico da vida urbana, animados pelo fluxo de pessoas, veículos e

⁶⁴ SANTOS, Milton, 1985.

⁶⁵ BORJA, 2001, p. 128.

⁶⁶ HASSENPFUG, 2007, s/p.

mercadorias decorrentes da marcante presença das atividades terciárias, transformando-se no referencial simbólico das cidades.⁶⁷

Neste sentido, Pesavento⁶⁸ argumenta que, para a formação de um centro urbano, são necessários três componentes fundamentais – os elementos estruturais que presidiram o traçado e organização física do espaço, a apropriação desse espaço no tempo construindo a experiência do vivido e transformando-o em território, e a dotação de uma carga imaginária de significados transformando-o em um lugar portador do simbólico.

Borja argumenta que o espaço público supõe domínio público, uso social coletivo e multifuncionalidade, “se caracteriza fisicamente por sua acessibilidade, o que faz dele um **fator de centralidade**”⁶⁹. Do Amaral e Silva⁷⁰ enfatiza a relevância das centralidades nas cidades precisamente por seu caráter público e coletivo. A autora acrescenta que, à medida que a cidade se torna mais complexa, surgem **outros pontos de centralidades, com diferentes características e escalas**, dando lugar a um **sistema de centralidades**. Assim, os sistemas de espaços públicos e de centralidades “têm papel essencial na estrutura dinâmica da cidade, podendo ser comparados a fios e nós na trama de uma rede.”⁷¹

Dessa forma, podem-se entender os **sistemas de espaços públicos e de centralidades como a estrutura fundamental sobre a qual se apoia a cidade** e que “assegura sua permanência no tempo”⁷². Ao falarmos de permanência, estamos enfatizando o papel dos espaços públicos e das centralidades como “produtores” de imagens coletivas da cidade que **abrangem diversas escalas espaço-temporais**.

Assim, no dizer de Borja, a cidade passa a merecer “[...] a consideração de espaço público, [...] que relaciona tudo com tudo, que

⁶⁷ VARGAS; CASTILHO, 2006, p. 1.

⁶⁸ PESAVENTO, 2007.

⁶⁹ BORJA, loc. cit., 2001, p. 128.

⁷⁰ DO AMARAL E SILVA, *ibid.*, 2010.

⁷¹ *Ibid.*, 2010, p. 101.

⁷² ROSSI, 2002.

ordena as relações entre os elementos construídos e as múltiplas formas de mobilidade e de permanência das pessoas.”⁷³

Com base na análise e critérios, argumentos e conceitos do grupo de autores estudados, elegemos a **legibilidade** e a **permeabilidade** da estrutura da cidade - sempre pensada desde uma ótica de rede configurada de sistemas de espaços públicos e de centralidades, como qualidades espaciais fortemente relacionadas à identificação, organização, e articulação da cidade como um todo, o que as torna, desde uma ótica morfológica, diretamente responsáveis pela efetiva apropriação da cidade e, sobretudo de seus espaços públicos.

1.1.1 Legibilidade

Entende-se por legibilidade da cidade a “[...] facilidade com que cada uma das partes pode ser reconhecida e organizada em um padrão coerente”⁷⁴. Assim, a legibilidade definida por Lynch⁷⁵ é possibilitada pelo aspecto de composição espacial e visual da cidade, que permite que as partes da cidade possam ser reconhecidas e organizadas mentalmente em um todo de uma forma clara e fácil. O autor argumenta que estruturar e identificar o ambiente são capacidades vitais para todos os seres que nele se locomovem, já que sua organização e estruturação permitem criar uma imagem mental do ambiente o que facilita a orientação dos usuários.

Desde o ponto de vista da arquitetura da cidade, entende-se por uma cidade legível, a que tem características espaciais que permitem sua compreensão como um todo e sua “decodificação, em termos de identificação e localização, por seus usuários”.⁷⁶

Kohlsdorf considera que os lugares possuem a capacidade de transmitir mensagens que são interpretadas através de sinais codificados, os quais expressam as diversas características do espaço por meio de signos captáveis por nosso sistema dos sentidos. Assim, “a informação captada é o fio condutor da formação da própria noção de espaço”.⁷⁷

⁷³ BORJA, op. cit., 2001, p. 127.

⁷⁴ LYNCH, 2006, p. 2

⁷⁵ Ibid., 2006.

⁷⁶ KOHLSDORF, 2006, p. 27.

⁷⁷ Ibid., 2006, p. 28.

Da mesma forma, Lynch⁷⁸ (1960) argumenta que uma boa imagem mental da cidade incentiva seu uso já que oferece às pessoas um sentimento de segurança, ao sentirem-se orientados e familiarizados nos lugares. Assim, o reconhecimento dos elementos, que estruturam a cidade e os padrões espaciais de sua disposição no território, produz **uma clara comunicação entre observador e a cidade** o que em última instância, facilita **sua apropriação**. A compreensão, o conhecimento da forma do espaço, é definida por Kohlsdorf⁷⁹ como apreensão, se dá necessariamente a partir da forma física dos lugares. Assim, o espaço – entendido como forma física e ordenação de elementos formais inter-relacionados, requer análise da composição plástica resultante da articulação desses elementos segundo padrões.

Para procedermos à análise propositiva da pesquisa na escala da estrutura, utilizamos o método de leitura da cidade proposta por Lynch⁸⁰, na que identifica que em toda cidade há cinco tipos de elementos, que inter-relacionados possibilitam sua estruturação e identificação mental. Assim, se produz uma forma clara e definida que permite a orientação dos usuários e possibilita a apropriação da cidade. Estes cinco elementos, antes mencionados, são: os caminhos, os nós, os marcos referenciais, as bordas de ruptura e costura, e as áreas homogêneas.

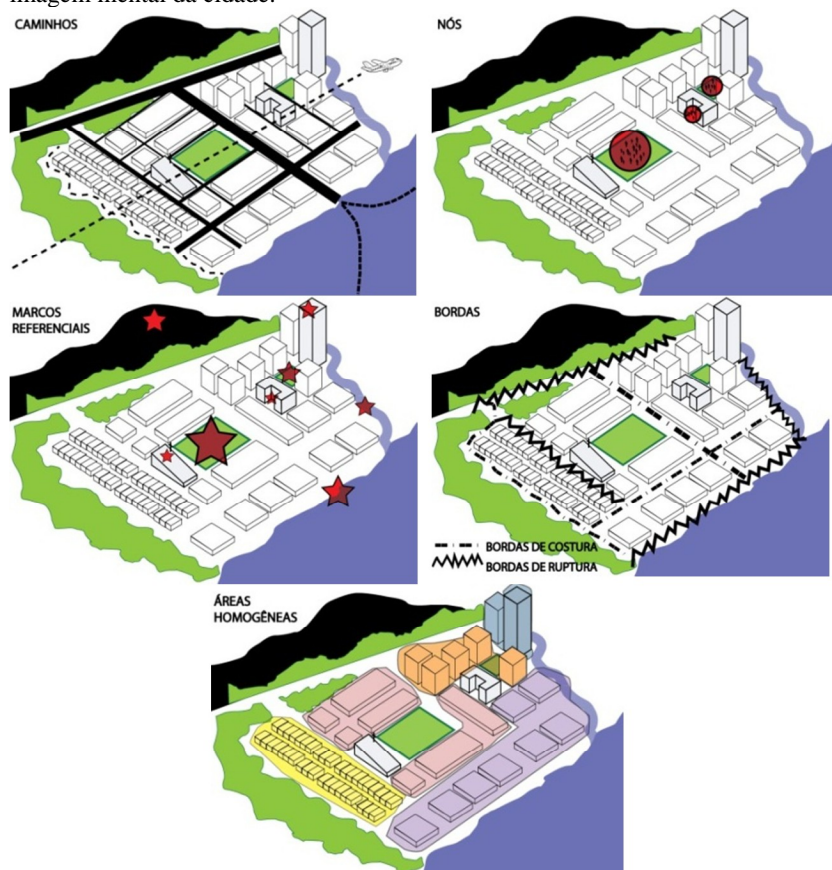
Os caminhos são considerados os **principais elementos públicos estruturadores da cidade** e de sua imagem mental já que as pessoas percebem a cidade enquanto se deslocam por eles. A leitura destes caminhos é classificada pelos usuários por suas qualidades espaciais; largos ou estreitos, configurados por prédios altos ou baixos, de caráter rural ou urbano, com vegetação ou sem ela e por sua hierarquia na estrutura da cidade (Figura 3).

⁷⁸ LYNCH, *ibid.*, 2006.

⁷⁹ KOHLSDORF, *ibid.*, 2006.

⁸⁰ LYNCH, 2006.

Figura 3. Esquemas dos cinco elementos envolvidos na formação de uma imagem mental da cidade.



Fonte: Daniela Sofia Loaiza Jiménez, 2011.

De acordo com Santos os caminhos são os principais elementos de uma cidade, e que não se pode conceber uma cidade sem eles, acrescenta que servem para ligar os diversos pontos de interesse particular “conformando uma rede de canais livres e de propriedade coletiva”.⁸¹

⁸¹ SANTOS, 1988, p. 91.

Se não existissem, não haveria troca de espécie alguma, pois servem de suporte ao deslocamento de pessoas, veículos, mercadorias, informações. Mas não só isto; **territórios de ninguém e de todo mundo, são o palco onde se desenvolvem os dramas, representações da sociedade.** Aí acontecem desde a agitação de todos os dias até as celebrações especiais [...].⁸²

Os nós, ou pontos nodais, são importantes pólos atrativos, que podem ser vinculados em alguns casos às centralidades urbanas, ao concentrar, fluxos, atividades, situações, etc. Estes nós variam em função da escala em que estejam sendo analisados. Por exemplo, uma esquina comercial em um bairro residencial, pode ser identificada como um nó, já numa escala maior, o bairro inteiro pode apresentar-se como um nó dentro do sistema de deslocamentos dentro da cidade. Estes nós, se caracterizam principalmente pela confluência e intensidade de fluxos (Figura 3).

Consideram-se **marcos referenciais** os elementos pontuais (dependendo da escala novamente) nos quais a principal característica é sua singularidade. Tem aspectos únicos e memoráveis dentro do contexto onde está localizado (Figura 3).

As áreas homogêneas são partes da cidade com dimensões significativas, nas quais o observador pode perceber algumas características em comum que as identificam e diferenciam das outras (Figura 3). Estas características podem variar em diversos aspectos como, formas, símbolos, tipologias das edificações, atividades, etc.

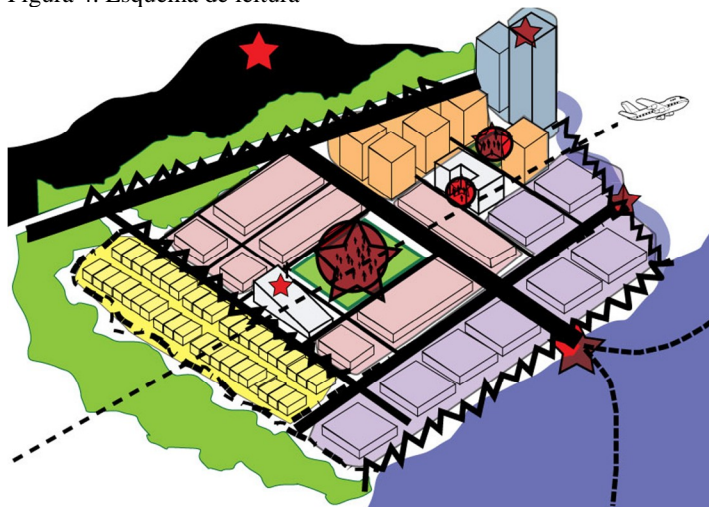
As bordas são elementos que configuram quebras lineares na continuidade dos espaços (Figura 3). Podem ser bordas na permeabilidade da circulação, ou bordas em termos visuais. Os rios, estradas, etc., podem ser considerados bordas de ruptura entre uma área e outra, e as praças, os caminhos de pedestres, os parques lineares, podem ser considerados bordas de costura entre áreas ou elementos da cidade. As bordas podem ter um efeito de segregação nas cidades quando atuam como barreiras ou bordas de ruptura, já que separam as partes da cidade, e quando este fenômeno se repete em excesso, não permite uma leitura da cidade como o todo.

⁸² Ibid.

A imagem mental do ambiente é o resultado de um processo de “decodificação da informação”⁸³ que o observador efetua a partir da forma dos cinco elementos citados acima. A autora argumenta que os lugares possuem a capacidade de transmitir mensagens que são interpretadas como revelação de certos sinais codificados da arquitetura. Estes nos comunicam informações de várias naturezas, expressando suas características por meio de signos captáveis pelo sistema dos sentidos. A autora acrescenta que a forma física do espaço é o principal veículo de sua comunicação já que as informações emitidas pelas formas possibilitam o entendimento do conteúdo do espaço e assim promovem a sua maior apropriação.

Podemos afirmar que uma cidade, na qual estes cinco elementos, inter-relacionados (Figura 4), possam ser facilmente identificados, é percebida como uma cidade com boa legibilidade, que permite uma fácil orientação, e, portanto, incentiva a apropriação pelos usuários.

Figura 4. Esquema de leitura



Fonte: Daniela Sofia Loaiza Jiménez, 2011.

No dizer de Rapoport⁸⁴, os elementos da cidade são conhecidos e incorporados nos mapas mentais através do seu aspecto. Assim, ao

⁸³ KOHLSDORF, 2006, p. 27.

⁸⁴ RAPOPORT, 1978.

poder identificar e estruturar uma cidade mentalmente, nossa locomoção é mais fácil e rápida ao produzir uma forma cognitivamente mais clara e definida o que permite aos usuários da cidade sentir-se orientados e familiarizados a partir de sua forma, o que os incentiva a **apropriar-se do espaço urbano**.

Neste sentido, enfatizamos o apontado por Kohlsdorf⁸⁵ ao dizer que no processo de apreensão ou leitura da cidade, a decodificação das referências formais é uma condição básica à formação da noção de espaço, que atua como mediadora importante entre os usuários e sua efetiva apropriação.

Entende-se a partir dos conceitos de vários autores sobre a estrutura da cidade, que a legibilidade contribui para uma maior apropriação do espaço urbano ao possuir os elementos necessários para a formação de uma imagem mental que nos permite sua identificação e a orientação na cidade.

A partir dos conceitos estudados, em relação à legibilidade da estrutura da cidade, foram identificadas, na Tabela 2, as variáveis morfológicas e seus aspectos físicos, que estão diretamente envolvidos na configuração de uma estrutura legível que possibilite uma maior apropriação da cidade.

Tabela 2. Variáveis morfológicas diretamente envolvidas com uma boa legibilidade da estrutura da cidade

<u>ESTRUTURA LEGÍVEL</u>	
VARIÁVEIS MORFOLÓGICAS	ASPECTOS FÍSICOS QUE POSSIBILITAM A APROPRIAÇÃO
<ul style="list-style-type: none"> Caminhos 	<ul style="list-style-type: none"> Devem articular os diversos pontos de interesse coletivo (sobretudo público). Devem facilitar os deslocamentos no tecido urbano para possibilitar que os usuários percebam a cidade enquanto se deslocam pela cidade. Suas características espaciais têm que facilitar sua leitura e identificação de acordo com sua escala.

⁸⁵ KOHLSDORF, *ibid.*, 2006.

<ul style="list-style-type: none"> • Nós 	<ul style="list-style-type: none"> · Tem que existir estes pontos de maior concentração e densidade de fluxos, atividades, situações, etc., em diferentes escalas para incentivar um maior uso do espaço urbano e possibilitar sua apropriação. · Suas características espaciais têm que facilitar sua leitura e identificação de acordo com sua escala.
<ul style="list-style-type: none"> • Marcos referenciais 	<ul style="list-style-type: none"> · Tem que existir elementos que por sua composição espacial, por suas dimensões, pelo contraste com o tecido urbano, ou por sua relevância coletiva, ressalte para facilitar a leitura da cidade. · Suas características espaciais têm que facilitar sua leitura e identificação de acordo com sua escala.
<ul style="list-style-type: none"> • Bordas de ruptura 	<ul style="list-style-type: none"> · Os rios, as quedas de água, os morros como bordas de ruptura na continuidade do tecido urbano, ajudam à orientação no espaço por suas características morfológicas que contrastam com o espaço urbano. · Deve existir uma interrupção na continuidade dos espaços quando exista a intenção de direcionar certos tipos de fluxos em um sentido concreto. · Não devem criar um efeito de segregação nas cidades.
<ul style="list-style-type: none"> • Bordas de costura 	<ul style="list-style-type: none"> · Os espaços públicos como caminhos, parques, praças, largos, etc., devem atuar como costuradores entre áreas ou elementos da cidade.
<ul style="list-style-type: none"> • Áreas homogêneas 	<ul style="list-style-type: none"> · Devem possuir características em comum que permita sua identificação na cidade.

Fonte: Daniela Sofia Loaiza Jiménez, 2011.

Assim, com base na revisão bibliográfica e análise de autores estudados neste título, identificamos a recorrência da legibilidade como importante qualidade de desempenho da forma da estrutura da cidade diretamente relacionada com a apropriação dos espaços urbanos.

1.1.2 Permeabilidade

A segunda qualidade identificada nesta escala de análise – da estrutura da cidade – é a permeabilidade de sua arquitetura. Se entendemos que a permeabilidade, segundo o dicionário da *Real Academia Española* (2011), pode ser definida como “*la propiedad de un cuerpo de dejarse penetrar por el flujo de alguna sustancia*”, então, uma cidade, cuja estrutura é permeável, é aquela que permite um adequado grau de conectividade e de acessibilidade, de forma a possibilitar o fácil deslocamento de pessoas, mercadorias, veículos e informação. Retomando os conceitos estudados sobre estrutura da cidade, entendemos que a permeabilidade é potencializada pela articulação de seus espaços públicos criando um sistema de deslocamentos e de permanências na cidade.

Assim, podemos entender que uma cidade permeável, onde os deslocamentos podem-se realizar de um lugar a outro de forma rápida e fácil, além de apresentar várias opções para chegar de um ponto a outro, e onde não existem grandes rompimentos do sistema de deslocamentos ou grandes espaços pelos quais se dificulta a passagem, incentiva uma maior apropriação da estrutura da cidade.

Lynch⁸⁶ investiga o desempenho da forma da cidade e propõe várias dimensões para sua avaliação. Em relação à estrutura da cidade, o autor apresenta o Acesso - conceito definido como “a capacidade de alcançar outras pessoas, atividades, recursos, serviços, informações ou locais, incluindo a quantidade e diversidade dos elementos que podem ser alcançados.”⁸⁷ Assim, a cidade permeável possibilita conexões para alcançar outras pessoas⁸⁸, acesso a trabalho, a residência, a recreação, a saúde, a educação, etc., acesso a recursos como água, energia e alimentos, acesso a espaços simbólicos e naturais dentro da estrutura da cidade.

Os deslocamentos, ou seja, os fluxos dão-se por meio de caminhos ou “canais”⁸⁹ que permitem o movimento através da estrutura

⁸⁶ LYNCH, 2007.

⁸⁷ LYNCH, *ibid.*, p. 117.

⁸⁸ LYNCH, *ibid.* O autor explica que por sermos animais sociais o contato é fundamental para nosso bem-estar.

⁸⁹ LYNCH, *id.* 2007; TRIEB; SCHMITD apud KOHLSDORF, 2006.

da cidade. Já Ellin⁹⁰, com um olhar voltado para solucionar a conectividade (“*connectivity*”) das cidades, classifica estes fluxos da seguinte forma: os **naturais**, conformados por fluxos de vida animal e vegetal, dos padrões do clima, dos cursos de água, e das cadeias de morros, e **os fluxos de pessoas** por meio de caminhos (estradas, ruas, avenidas, trilhas, caminhos aéreos e aquáticos, elevadores, escadas, avenidas, ruas-corredores etc.).

Neste sentido, a permeabilidade está vinculada com a integração dos elementos e processos naturais do território com o espaço urbano⁹¹; assim este tipo de permeabilidade cria espaços urbanos articulados elementos como morros, fluxos de água, e fluxos de vida animal. Ellin⁹² ressalta que projetar com a natureza não é algo novo, mas foi considerado secundário durante o século XX.

O rompimento ou obstrução destes fluxos podem ter efeitos adversos na cidade, como argumenta Ellin⁹³ ao dizer que a imposição de um limite ou borda de ruptura pode estrangular o crescimento e a estruturação natural da cidade. Qualquer interrupção que restringe o fluxo “natural”⁹⁴ e de pessoas pela estrutura na cidade, pode implicar em menor permeabilidade e de apropriação.

O tamanho dos quarteirões, resultantes do macroparcelamento do solo também influem no grau de permeabilidade da cidade, já que podem representar, por suas dimensões, barreiras ou bordas de ruptura na continuidade da circulação ou os fluxos de usuários, mercadorias, etc., no tecido urbano.

Neste sentido, observamos que na cidade contemporânea, o macroparcelamento a partir da conversão de glebas rurais em terras urbanas, frequentemente sem a criação de conexões com a malha do entorno⁹⁵, vêm resultando, em loteamentos com pouca conectividade e sem continuidade com a cidade. Em relação à permeabilidade é possível perceber claramente a expansão contemporânea das cidades latino-

⁹⁰ ELLIN, 2006, p. 50.

⁹¹ ELLIN, 2006, p. 72.

⁹² ELLIN, *ibid.*, 2006, p. 72.

⁹³ ELLIN, *ibid.*, 2006.

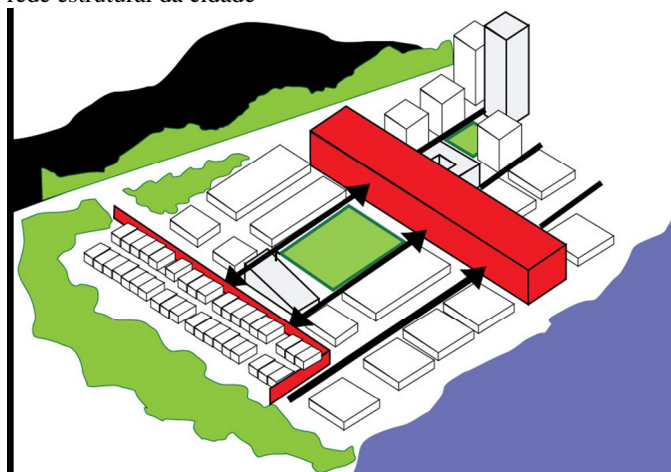
⁹⁴ O conceito de fluxo “natural” encontra-se entre aspas já que, contrário ao conceito de Ellin, consideramos que as pessoas conformam também parte dos fluxos naturais. Os fluxos de pessoas dão-se através de caminhos que assumem características de configuração diversas: estradas, avenidas, ruas, trilhas, etc., com diversas tipologias e linguagens.

⁹⁵ Com exceção da única conexão para o ingresso nestas grandes glebas.

americanas pela incorporação de grandes glebas a partir da ação dos agentes imobiliários. Estas grandes porções de terra atuam como barreiras e interrupções na continuidade da malha, o que pode reduzir a conectividade e, portanto, a permeabilidade da **estrutura** da cidade.

Este fato vem incentivando a proliferação de grandes centros especializados fechados, os quais, no dizer de Do Amaral e Silva “encontram-se espalhados como fragmentos no território configurando assentamentos monofuncionais, muitas vezes cercados e conectados à estrutura da cidade apenas por um cordão viário”⁹⁶, e à redução de espaços de contato coletivo público. De fato, as edificações construídas nestas glebas procuram, em geral, ter o menor contato possível com a cidade. Na Figura 5 podem-se observar estruturas arquitetônicas ocupando grandes áreas do território, atuando como barreiras na continuidade da malha e diminuindo sua permeabilidade. Estes elementos arquitetônicos, geralmente, com todas suas atividades voltadas para o interior, geram uma rede desarticulada de caminhos fragmentados e interrompidos, com baixa apropriação.

Figura 5. Esquema de arquiteturas atuando como barreiras na continuidade da rede estrutural da cidade



Fonte: Daniela Sofía Loaiza Jiménez, 2011.

⁹⁶ DO AMARAL E SILVA, 2010, p. 120.

Neste sentido, Netto⁹⁷ discorre sobre as ações que vêm formando, ao longo do tempo, cidades que o autor chama de “colcha de retalhos”, cidades com um traçado de ruas fragmentadas, com pouca conectividade.

Como consequência, se produz uma deterioração da vida pública da cidade, ao possuir espaços públicos configurados por muros cegos, carentes de vida. Neste sentido, Panerai argumenta que estes grandes enclaves urbanizados “tornam-se guetos que se opõem [...] sem que os vazios que os permeiam ou bordejam façam seu papel de sutura.”⁹⁸

Como já argumentado por Jacobs⁹⁹, para as cidades norte-americanas na década de 1960, isto vem ocasionando um problema sério, já que os espaços públicos ao serem desassistidos pela população trazem insegurança e motivam uma maior desertificação do espaço público¹⁰⁰. Isto se dá também ao existirem quadras muito longas que atuam como barreiras ou interrupções físicas entre espaços geograficamente próximos.

Alexander¹⁰¹ no seu texto, também da década de 1960, “Uma Cidade Não é Uma Árvore” considerava que as cidades que se desenvolveram de forma mais ou menos espontânea, são estruturadas por uma rede chamada pelo autor de “semi-trama” (Figura 14), a qual se relaciona e interage para formar um sistema complexo que permite várias opções de deslocamento de um lugar a outro. Esta forma de malha, concordamos, incentivaria uma maior apropriação em toda a estrutura da cidade. O autor¹⁰² criticava as cidades (sobretudo as modernistas) criadas por projetistas, por terem sido estruturadas em forma de “árvore” (Figura 6), a qual reduz a possibilidade de interação na cidade, já que se reduzem também as opções de deslocamentos entre lugares, oferecendo para isto poucas alternativas e combinações, deixando áreas desertas ou dispersas.

⁹⁷ NETTO, 2008, p. 8.

⁹⁸ PANERAI, 1994, p. 82.

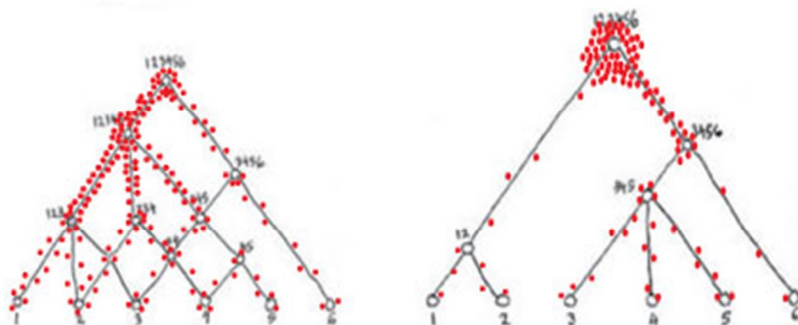
⁹⁹ JACOBS, 2000, p. 197.

¹⁰⁰ JACOBS, 2000. A autora argumenta que os espaços públicos configurados por muros cegos, os tornam perigosos ao não possuir a vigilância permanente necessária para que possam ser apropriados e se tornem seguros.

¹⁰¹ ALEXANDER, 1965, s/p.

¹⁰² ALEXANDER, *ibid.*, s/p.

Figura 6. Esquema de estrutura de cidade de desenvolvimento mais ou menos espontâneo (esq.) e esquema de estrutura de cidade em árvore (dir.). Em vermelho representado apropriação da estrutura



Fonte: Daniela Sofia Loaiza Jiménez, sobre esquema de ALEXANDER, 1965, s/p.

No dizer de Santos, em relação à baixa conectividade e continuidade dos elementos que configuram a rede de deslocamentos da cidade em uma estrutura de “árvore”,

O que é bom para uma árvore não presta em cidades, porque, além de hierarquias claras, é preciso providenciar muitas interligações. Quanto maior a possibilidade de trajetos diferentes maiores as chances de um bom desenvolvimento urbano.¹⁰³

Por outro lado, **muita permeabilidade também incentiva a insegurança e a falta de apropriação**, já que, no dizer de Netto¹⁰⁴ o grau de permeabilidade deve ser o suficiente para estruturar o movimento sem excessiva **dispersão**, pois esta aumenta a vulnerabilidade em muitos acessos pouco usados. O autor argumenta que ao evitar o rompimento da rede ou sua interrupção por grandes quarteirões, se produz uma melhor acessibilidade e conectividade da cidade, e assim, se estimulam os fluxos no espaço urbano.

Entende-se a partir dos conceitos de vários autores sobre a estrutura da cidade, que a permeabilidade contribui para uma maior

¹⁰³ SANTOS, 1988, p. 96.

¹⁰⁴ NETTO, 2008, p. 12.

apropriação do espaço urbano ao proporcionar diversas opções de **deslocamentos no sistema de espaços públicos** da cidade e diversos nós de concentração e densidade de fluxos, intercâmbios, situações, etc. formando um **sistema de centralidades**, como foi explicado, que incentivam um maior uso dos espaços públicos, e assim, aumentam sua apropriação.

A partir dos conceitos estudados, em relação à permeabilidade da estrutura da cidade, foram identificadas, na Tabela 3, as variáveis morfológicas e seus aspectos físicos, que estão diretamente envolvidos na configuração de uma estrutura permeável que possibilite uma maior apropriação da cidade.

Tabela 3. Variáveis morfológicas diretamente envolvidas com uma boa permeabilidade da estrutura da cidade

<u>ESTRUTURA PERMEÁVEL</u>	
VARIÁVEIS MORFOLÓGICAS	ASPECTOS FÍSICOS QUE POSSIBILITAM A APROPRIAÇÃO
Elementos naturais do território	<ul style="list-style-type: none"> · Espaços urbanos articulados a elementos e processos naturais próprios do território.
Malha	<ul style="list-style-type: none"> · Deve adaptar-se à topografia do sítio físico para não criar espaços, destinados aos deslocamentos, muito inclinados, pois restringem os fluxos, diminuindo sua apropriação. · A malha de canais de fluxos ou caminhos deve permitir o fácil e rápido deslocamento de um lugar a outro da cidade. Também, esta malha deve apresentar várias opções para chegar de um ponto a outro sem que existam grandes bordas de ruptura que restrinjam ou dificultem a passagem. · A largura dos caminhos contemporâneos como avenidas e estradas, devem estar voltadas à priorização dos pedestres (e não os veículos) como principais usuários destes espaços públicos; assim, as dimensões das calçadas devem ser projetadas para possibilitar sua apropriação.
Macroparcelamento	<ul style="list-style-type: none"> · As dimensões dos quarteirões, resultantes do macroparcelamento, devem ter dimensões que facilitem e agilizem os fluxos na cidade. Estes quarteirões não podem representar bordas de ruptura no sistema de deslocamentos, que restrinjam ou dificultem a passagem ou os fluxos de usuários, mercadorias, etc.

Edificações	<ul style="list-style-type: none"> · As edificações devem ter dimensões que possibilitem a articulação do tecido urbano, sem atuar como barreiras na continuidade da malha e gerando uma rede desarticulada de caminhos fragmentados ou interrompidos que restrinjam ou dificultem os fluxos pelo sistema de espaços públicos.
--------------------	---

Fonte: Daniela Sofia Loaiza Jiménez, 2011.

A permeabilidade não pode ser medida pela simples quantidade de elementos que podem ser alcançados. No dizer de Lynch “a mera quantidade perde seu significado assim que é alcançado um nível de satisfação. O valor vira-se então para o grau de escolha oferecido entre os recursos acessíveis”¹⁰⁵. Neste sentido, analisaremos no título a seguir, as qualidades da configuração dos espaços públicos – na escala dos lugares - que a nosso ver, estão diretamente envolvidas com sua apropriação ao possibilitar a diversidade de formas e de atividades que incentivam seu uso.

Assim, elegemos a legibilidade e a permeabilidade como importantes qualidades diretamente relacionadas com o desempenho da forma da estrutura da cidade. Estas duas qualidades, trabalhando em conjunto com as qualidades de configuração dos espaços que serão apresentadas no título a seguir, como foram explicadas anteriormente, incentivam uma maior apropriação da estrutura da cidade – o sistema de espaços públicos.

1.2 NA ESCALA DOS LUGARES: A CONFIGURAÇÃO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS E SUA APROPRIAÇÃO

Em relação aos debates do que constitui um bom desempenho da configuração dos espaços urbanos, têm sido ressaltados, por vários autores, critérios diretamente relacionados à configuração daqueles elementos urbanos, os espaços públicos, que são a essência da estrutura da cidade e os principais responsáveis por sua apropriação. Dentre os critérios sistematizados, optou-se pelo foco nos aspectos de diversidade

¹⁰⁵ LYNCH, 2007, p. 183.

e porosidade como qualidades físicas de configuração dos espaços públicos potencializadoras de apropriação.

Acerca da importância da configuração dos espaços públicos, vejamos o que dizem alguns autores. Panerai¹⁰⁶ ressalta a necessidade de uma maior preocupação na definição dos espaços públicos. O autor argumenta que o projeto urbano deve ser considerado desde o ponto de vista da configuração dos espaços públicos através da edificação.¹⁰⁷

Segundo Borja¹⁰⁸ os espaços públicos são instrumentos urbanísticos fundamentais para o resgate da cidade contemporânea, a qual se encontra ameaçada pela dissolução ou difusão de urbanização desigual e enfraquecimento dos centros, pela fragmentação ou multiplicação de elementos dispersos no território, e a privatização da maioria dos espaços coletivos os quais geram guetos segundo a classe econômica.

O autor¹⁰⁹ ressalta que os **espaços públicos costuram os tecidos urbanos, dão valor cidadão às infraestruturas comunitárias e produzem novas centralidades**. Neste sentido, De Solá Morales¹¹⁰ argumenta que a importância do espaço público está em referir entre si os espaços privados, fazendo deles também patrimônio coletivo, ou seja, **dar caráter urbano público aos edifícios que sem ele seriam só privados**; dessa forma, o papel dos espaços públicos é urbanizar o privado e convertê-lo em parte do público.

Assim, considerando os espaços públicos como caminhos e nós apropriados na estrutura da cidade, é analisada, neste capítulo, a forma da cidade na escala do lugar, identificando critérios e elementos morfológicos diretamente relacionados com o desempenho de sua forma.

¹⁰⁶ PANERAI, 2002.

¹⁰⁷ Panerai argumenta que o projeto urbano não deve ser pensado como a somatória de edificações isoladas, e sim, como o espaço público configurado por volumes arquitetônicos.

¹⁰⁸ BORJA, 2001.

¹⁰⁹ Id., 1998.

¹¹⁰ DE SOLÁ MORALES, 1992.

1.2.1 Diversidade

Por diversidade, entende-se a variedade de elementos, de formas e de usos inter-relacionados que existe em um sistema. Segundo Santos e Voguel¹¹¹ a coexistência de múltiplas formas, configurando os lugares, que permitam uma variedade de atividades, faz do lugar um espaço atraente e que possibilita intensa movimentação de pessoas, mercadorias e informação, ou seja, um espaço apropriável.

Rapoport, na área da antropologia cultural, explica que a diversidade¹¹², além de depender dos usuários, depende mais das **relações entre elementos** - configuradores e o lugar configurado - do que os elementos em si mesmo¹¹³. A diversidade deve-se a vários fatores como: texturas, pesos, variedade e número de elementos, diversidade de usos, usuários, horários, atividades, formas, sons, etc.

A diversidade de formas possibilita a variedade de usos (Figura 7), os quais, segundo Ellin, possibilitam a “saúde” e o bem-estar dos lugares¹¹⁴. Segundo a autora, esta diversidade de usos possibilita a diversidade de atividades, organizações, ideias e finalidades, usuários, e horários¹¹⁵ nos espaços públicos, o que incentiva uma maior apropriação da cidade.

Ellin¹¹⁶ acrescenta que a diversidade de formas, que possibilita a diversidade de atividades, de organizações, de ideias, de intercâmbios, etc., é otimizada em alguns pontos de maior intensidade e concentração de fluxos, de situações, de horários e, sobretudo de usuários. Estes nós ou centralidades em diferentes escalas, ao encontrar-se articulados formando um sistema de centralidades, incentivam um maior uso dos espaços públicos da cidade, e assim, estimulam sua apropriação.

¹¹¹ SANTOS; VOGUEL, 1985.

¹¹² RAPOPORT, 1978. O autor chama a esta qualidade da forma da cidade de Complexidade.

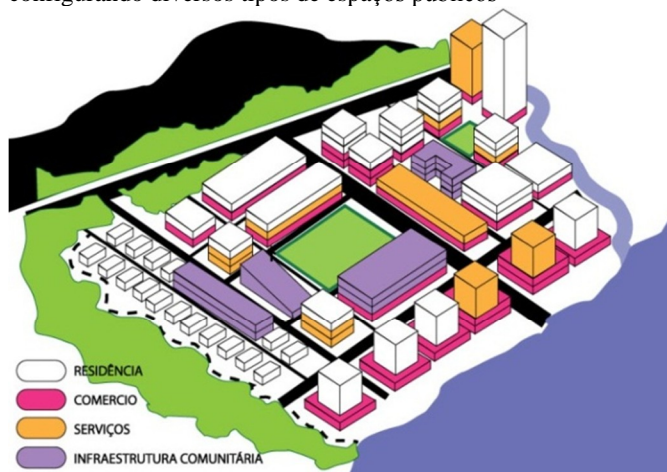
¹¹³ RAPOPORT, *ibid.*, p. 199.

¹¹⁴ ELLIN, 2006, p. 19. A autora descreve a diversidade de usos, usuários e horários, no mesmo sentido de Jacobs em seu livro *Morte e Vida das grandes cidades Norte-americanas*. Ellin chama esta qualidade da forma da cidade de Híbridação, definindo-a como a ação de integrar às pessoas e suas atividades para tornar os lugares “saudáveis”.

¹¹⁵ JACOBS apud ELLIN, 2006, p. 19.

¹¹⁶ ELLIN, *ibid.*, 2006.

Figura 7. Esquema de diversidade de formas e de usos de edificações configurando diversos tipos de espaços públicos



Fonte: Daniela Sofia Loaiza Jiménez, 2011.

Em relação às centralidades, os autores Santos e Voguel argumentam que esses “nódulos expressivos de confluência”¹¹⁷ ou pontos de intensidade e concentração de usos, usuários e horários, representam a cultura de um grupo determinado no tempo. Alargando seu argumento, os autores explicam que,

Tais nódulos de maior saturação corresponderiam a lugares, a pessoas e à conjugação de lugares e pessoas num determinado instante sobre o eixo temporal. Lugares, pessoas e conjugações particulares de lugares e pessoas no tempo, seriam indicativos das muitas medições e mediadores que tornam possível a unidade na diversidade.¹¹⁸

Os autores acrescentam que a diversidade constitui um mecanismo de afirmação e realimentação da confiança social; assim, acreditam que a confiança é um bem precioso que constitui o “princípio

¹¹⁷ SANTOS; VOGUEL, 1985, p. 87. Os autores chamam de “módulos expressivos de confluência” às centralidades em diferentes escalas.

¹¹⁸ Ibid., 1985, p. 87.

moral que permite unir e sobrepor os diversos sistemas que se combinam na totalidade social.”¹¹⁹

Para que exista uma efetiva diversidade no espaço urbano, é necessário que este possibilite a mistura de usos através da diversidade de configurações e relações que a forma permite. Desta maneira, entendemos que as diversas formas de configuração dos espaços públicos da cidade contemporânea devem estar preparadas para abranger as manifestações culturais que aparecem com o passar do tempo. Autores como Lynch¹²⁰ (1981), Jacobs¹²¹ (1961) e Ellin¹²² (2006) argumentam que os espaços urbanos necessitam possuir diversidade de formas e de configurações para que, assim, possam adaptar-se às manifestações sociais e culturais ao longo do tempo, incentivando a diversidade de usos, usuários e horários que possibilitam a apropriação da cidade.

Lynch¹²³ ressalta que a diversidade de usos se dá pela correspondência entre a forma e os usos; entre o local e os padrões globais de comportamento (históricos e contemporâneos). Explica que a diversidade da cidade está intimamente relacionada com sua cultura; das expectativas, das normas e dos modos habituais de fazerem as coisas com o passar do tempo. Assim, os espaços podem ser modificados para se adequarem a diferentes dinâmicas, que, por sua vez, possam ser alteradas para se adequarem a um lugar¹²⁴, ou seja, que os espaços tenham o potencial para criar diferentes tipos de apropriação.

A cidade precisa dispor de lugares, também para a expressão improvisada, para as mudanças inesperadas, e também lugares que estejam desenhados para atender padrões de comportamento com o passar do tempo. Ou seja, deixar lugar para a espontaneidade dentro de uma estrutura que funcione como um todo, para que ao longo do tempo “brotem” novas atividades, expressões e comportamentos improvisados. “*Lo importante es fijar algunos elementos físicos y dejar los sociales variables*”¹²⁵. Como argumenta Lynch,

¹¹⁹ Ibid., 1985, p. 88.

¹²⁰ LYNCH, 2007. O autor chama esta característica da cidade de Adequação.

¹²¹ JACOBS, 2000.

¹²² ELLIN, 2006. A autora chama esta característica da cidade de Vulnerabilidade.

¹²³ LYNCH, *ibid.*, 2007, p. 145.

¹²⁴ Ibid., 2007, p. 145.

¹²⁵ RAPOPORT, 1978, p. 310.

Uma paisagem na qual cada pedra conta uma história pode dificultar a criação de novas histórias. [...] o que procuramos não é uma ordem definitiva, mas uma ordem aberta, passível de continuidade em seu desenvolvimento.¹²⁶

No dizer de Ellin¹²⁷ deve-se abandonar a tentativa de deter a cidade, e argumenta que devemos ouvi-la atentamente (*"listen deeply"*), valorizar tanto o processo quanto o produto, e reintegrar o espaço com o tempo.

Assim, entendemos que a diversidade, na forma da cidade, otimizada em vários pontos, contribui com a mistura de usos, usuários e horários (que possibilita também a diversidade de atividades, intercâmbios e situações), incentivando a apropriação dos lugares, sobretudo dos espaços públicos, que vêm sendo considerada nesta dissertação como base fundamental de apoio da cidade.

Com base nos conceitos estudados, em relação à diversidade da cidade, foram identificadas, na Tabela 4, as variáveis morfológicas, e seus aspectos físicos, diretamente envolvidos na diversidade dos espaços públicos; qualidade, da configuração dos lugares, que incentiva sua apropriação.

¹²⁶ LYNCH, 2006, p. 7.

¹²⁷ ELLIN, 2006, s/p.

Tabela 4. Variáveis morfológicas diretamente envolvidas com a diversidade na configuração dos espaços públicos

<u>CONFIGURAÇÃO ESPACOS PÚBLICOS - DIVERSIDADE</u>		
VARIÁVEIS MORFOLÓGICAS		ASPECTOS FÍSICOS QUE POSSIBILITAM A APROPRIAÇÃO
Microparcelamento	Tamanho do lote	<ul style="list-style-type: none"> · As diversas formas e tamanhos dos lotes possibilitam a construção de edifícios com diversas formas e tamanhos e alturas. · A forma do lote possibilita diversas formas de disposição dos edifícios no lote.
	Usos atribuídos às edificações construídas nos lotes.	<ul style="list-style-type: none"> · As diversas formas e tamanhos dos edifícios e de sua disposição no lote possibilitam a atribuição de diferentes usos - comercial, residencial, institucional, de serviços, etc. - que incentivam a uma maior apropriação de diversos tipos de usuários em diversos horários.

Fonte: Daniela Sofia Loaiza Jiménez, 2011.

A relação entre os elementos configuradores dos lugares e os lugares em si se dá através da composição geométrica das fachadas, que permitem (ou não) as relações na cidade – a borda na relação público-privado. Neste sentido, analisaremos outra qualidade de desempenho da forma de configuração dos lugares que possibilita sua apropriação: a porosidade.

1.2.2 Porosidade

A porosidade é definida como a relação entre o volume de vazios (poros) frente ao volume sólido total de um mesmo corpo ou filtro¹²⁸. Nesse sentido, para esta pesquisa, a porosidade é considerada uma

¹²⁸ Conceito pesquisado no site do Serviço geológico do Paraná – Mineropar.

qualidade da forma da cidade, na escala da configuração dos lugares, **atribuída às paredes que os configuram**. Assim, pode ser entendida como um tipo de permeabilidade, analisada em outra escala. Para Ellin¹²⁹ a porosidade mantém a integridade dos elementos (configuradores e configurados) que se encontram junto, enquanto as relações, entre esses elementos, são possibilitadas através de “membranas permeáveis”.¹³⁰

A autora argumenta que uma cidade com espaços públicos configurados por várias destas membranas permeáveis aumenta a experiência da cidade, já que, permite a “infiltração”¹³¹ de um espaço e outro, e assim incentiva a inter-relação do espaço público e privado. Porém, ressalta que demasiada porosidade produz dispersão na cidade ao não criar paredes que delimitem os espaços para manter sua integridade.

A autora ressalta que a porosidade, exemplificada na Figura 8, nos permite manter a inter-relação dos espaços através de elementos, transparentes ou translúcidos, que possibilitam a visão parcial do dentro e do fora, e que também em alguns casos permitem o acesso a um lugar, enquanto mantém certo grau de privacidade entre um espaço e outro. Os elementos que permitem a porosidade são as portas (pórticos, arcadas, portões, etc.) e as janelas.

Figura 8. Porosidade na Praça San Francisco da cidade de Quito inter-relacionada com as edificações através de membranas permeáveis (em vermelho)



Fonte: Daniela Sofia Loaiza Jiménez, 2011.

¹²⁹ ELLIN, *ibid.*, 2006. Qualidade analisada pela autora a partir dos conceitos de Jacobs (1961) no seu livro *Morte e Vida das Grandes Cidades Norte-americanas*.

¹³⁰ ELLIN, *ibid.*, 2006, s/p.

¹³¹ ELLIN, *ibid.*, 2006, s/p.

Assim, entendemos que a porosidade permite a integração do público e do privado através destes elementos permeáveis que possibilitam sua infiltração, facilitando o fluxo de usuários, mercadorias, bens, etc., através dos espaços. Dessa forma, o uso dos espaços urbanos é incentivado, gerando maior apropriação.

Na mesma linha, os trabalhos de Santos e Voguel¹³² na década de 1980, já utilizando “olhos para a rua”¹³³ de Jacobs enfatizam o número de elementos que permitem a relação do público e do privado, incentivando a apropriação da cidade,

O que une os olhos vigilantes de uma rua é esse sentimento de serem seus “proprietários naturais”. O espaço que supervisiona é, de certa forma, o espaço de todos. Nesse sentido, é mais do que público, ou não é apenas público. Pertence a todos em comum, em função das relações que mantêm com ele, ou dentro dele, é graças a ele. [...] Mais do que simples usuários, os “proprietários naturais” da rua são cúmplices.¹³⁴

Nesta escala, a da configuração dos espaços públicos, os autores¹³⁵ consideram as janelas como elementos que servem para comunicar-se, desde o privado, com o espaço público; assim as situações que acontecem no público podem ser percebidas desde dentro dos volumes que os configuram. Os mesmos autores argumentam também que “é principalmente através das portas que o espaço da casa extravasa para a rua”¹³⁶, explicando a relação do público – a rua – com o volume privado – a casa.

Com base nos conceitos estudados, em relação à porosidade, foram identificadas, na Tabela 5, as variáveis morfológicas e seus aspectos físicos, diretamente envolvidos na porosidade dos espaços públicos; qualidade da configuração dos lugares que incentiva sua apropriação.

¹³² SANTOS; VOGUEL, 1985.

¹³³ JACOBS, 2001, p. 35.

¹³⁴ SANTOS; VOGUEL, *ibid.*, 1985, p. 93.

¹³⁵ *Ibid.*, p. 53.

¹³⁶ *Ibid.*, p. 54.

Tabela 5. Variáveis morfológicas diretamente envolvidas com a porosidade na configuração dos espaços públicos

<u>CONFIGURAÇÃO ESPAÇOS PÚBLICOS - POROSIDADE</u>		
VARIÁVEIS MORFOLÓGICAS		ASPECTOS FÍSICOS QUE POSSIBILITAM A APROPRIAÇÃO
Membranas permeáveis nas paredes que configuram os espaços públicos.	Janelas	<ul style="list-style-type: none"> · Uma parede com várias janelas, configurando o espaço público, permite uma visão parcial do dentro e do fora, possibilitando a vigilância constante do espaço público, aumentando o grau de segurança.
	Portas (pórticos, arcadas, portões, etc.)	<ul style="list-style-type: none"> · Uma parede com várias portas, configurando o espaço público, permite o acesso do público ao privado e vice-versa, infiltrando estes dois tipos de espaços enquanto mantém sua integridade.

Fonte: Daniela Sofia Loaiza Jiménez, 2011.

Elegemos assim, como principais critérios de desempenho da forma da estrutura da cidade a legibilidade e a permeabilidade, e como principais critérios de desempenho da configuração dos lugares a diversidade, e a porosidade – **sempre pensando na estrutura com base nos sistemas de espaços públicos e de centralidades, e aos lugares como os principais elementos interdependentes que o constituem** - vinculados a padrões socioculturais da cidade.

A revisão bibliográfica acerca dos debates sobre as qualidades da forma da cidade nos permitiu definir duas escalas de investigação e elencar algumas características, associadas a seu desempenho, que norteiem o estudo de caso no capítulo II, objetivando a identificação de padrões morfológicos bem apropriados na Quito contemporânea; para assim, a partir desta análise, embasar o lançamento de diretrizes de projeto de arquitetura da cidade na paróquia de Cumbayá, na expansão nordeste de Quito/Equador.

CAPÍTULO II – A FORMA CONTEMPORÂNEA DA CIDADE DE QUITO – PADRÕES ESPACIAIS E APROPRIAÇÃO

A forma da cidade é sempre a forma de um tempo da cidade, e existem muitos tempos na forma da cidade.¹³⁷

No capítulo anterior, discutimos abordagens de autores sobre qualidades do desempenho da forma da cidade que possibilitam e incentivam a apropriação de seus espaços públicos. Neste capítulo, caracterizamos e analisamos a forma contemporânea de Quito, como uma cidade que apresenta vários tempos e formas que nos ajudaram a identificar padrões espaciais positivos ou qualidades da forma urbana, relacionados a padrões de comportamento vinculados à apropriação dos espaços públicos. Dessa forma, neste capítulo são discutidas as apropriações propiciadas pela forma da estrutura e pela configuração dos espaços públicos na Cidade Tradicional de Quito (CTQ) e em suas expansões ao norte, ao sul e ao nordeste da cidade. Esta busca por padrões espaciais bem apropriados na cidade de Quito foram feitas em **duas escalas - na escala da estrutura e na escala dos lugares.**

Com base em conceitos estudados por autores como Lynch¹³⁸, Panerai¹³⁹, Borja¹⁴⁰, De Solá Morales¹⁴¹ e Kohlsdorf¹⁴², esta análise objetiva identificar as formas de apropriação coletiva dos espaços públicos de Quito, e verificar como a forma da cidade está diretamente envolvida com padrões de comportamento vinculados à apropriação.

Neste sentido, torna-se importante identificar padrões espaciais e a apropriação da cidade contemporânea de Quito. É a partir da análise da morfologia da cidade de diferentes períodos que começamos a identificar as qualidades do desempenho da forma.

Em relação à configuração e apropriação da estrutura da cidade contemporânea de Quito, **evidenciamos com base na técnica de caracterização e categorização morfológica**, elaborada por Trieb e

¹³⁷ ROSSI, 2001, p.57

¹³⁸ LYNCH, 2006; 2007.

¹³⁹ PANERAI, 2006.

¹⁴⁰ BORJA, 2001.

¹⁴¹ DE SOLÁ MORALES, 1992.

¹⁴² KOHLSDORF, 1996.

Schmidt, e estudada por Kohlsdorf¹⁴³ no Brasil: o **sítio físico** (considerando os elementos naturais como elementos importantes na apropriação do território), a forma e apropriação do **sistema de espaços públicos da cidade** (como base do sistema de deslocamentos e articulação no tecido urbano), e a forma e apropriação do **sistema de centralidades** (que ancora e dá sentido aos espaços públicos).

Assim, neste capítulo vamos analisar as qualidades do desempenho da forma da cidade identificadas na CTQ, e nas expansões norte, sul¹⁴⁴ e nordeste de Quito, visando identificar padrões espaciais que incentivem a apropriação do sistema de espaços públicos, e criticando os padrões espaciais que restrinjam a apropriação do sistema de espaços públicos – na escala da estrutura da cidade e na escala dos lugares – para poder lançar diretrizes de projeto de arquitetura da cidade no capítulo III. Neste sentido, buscamos na forma contemporânea da cidade de Quito, estruturas, configurações e elementos que, vinculados com a cultura quitenha, mostrem padrões coletivos de comportamento dos usuários envolvidos com a ocupação da cidade.

A CTQ é considerada atualmente o principal centro cívico, político, cultural e religioso e comercial da cidade. Assim, é ponderada uma das mais importantes centralidades da Quito consolidada. Nos itens 2.1.1. e 2.2.1 será estudada com maior detalhamento a CTQ com a intenção de encontrarmos padrões espaciais ou qualidades espaciais, na escala da estrutura da cidade e na escala dos lugares, que possibilitam padrões atuais do comportamento coletivo dos usuários relacionados com a apropriação de seus espaços públicos, para assim, poder lançar diretrizes de projeto de arquitetura da cidade no terceiro capítulo visando incentivar a apropriação da cidade a partir de suas características espaciais.

Um trecho da expansão norte¹⁴⁵, atualmente o principal centro financeiro da cidade, é considerada uma importante centralidade de Quito, será estudado nos itens 2.1.2 e 2.2.2 com maior detalhamento para podermos encontrar padrões espaciais ou qualidades espaciais

¹⁴³ Ibid.

¹⁴⁴ PANERAL, 2006.

¹⁴⁵ Consideramos importante explicar que é possível (quase seguro) que na expansão sul de Quito podíamos ter encontrado várias configurações espaciais com qualidades formais que incentivam a apropriação, no entanto, a forma desta expansão não foi aprofundada nesta pesquisa, já que sua complexidade exige um estudo mais profundo que pode ser feito numa próxima pesquisa sobre a forma da cidade contemporânea.

(diferentes aos da CTQ) na escala da estrutura da cidade e na escala dos lugares que incentivem a apropriação dos espaços públicos. No aprofundamento analítico desta expansão, também identificaremos e caracterizaremos padrões de configuração dos lugares que vêm diminuindo o potencial de apropriação dos espaços públicos da cidade contemporânea de Quito.

A expansão sul da cidade não foi aprofundada nesta pesquisa¹⁴⁶, já que consideramos que sua complexidade espacial merece um estudo mais detalhado que representaria uma nova pesquisa só de sua configuração morfológica.

A ocupação da expansão nordeste o Vale de Tumbaco, estudada no item 2.1.3 vem sendo potencializada com a construção do Novo Aeroporto Internacional de Quito em uma das paróquias que o configuram. Esta expansão é ainda uma área suburbana em processo de ocupação, no entanto, consideramos importante o estudo e caracterização desta expansão, já que, está sendo ocupado e configurado por modelos de ocupação fechados que negam o espaço público. Para a identificação deste tipo de ocupação, será estudada (no capítulo III), com maior profundidade, a paróquia de Cumbayá.

Nesta paróquia encontram-se alguns padrões de configuração espacial que restringem a apropriação do espaço público (ausência dos padrões espaciais positivos encontrados em Quito), **portanto, essa paróquia foi a elegida como a área para lançar diretrizes de projeto de arquitetura da cidade** que possibilitem sua apropriação. Estas diretrizes podem ser aplicadas à construção e ocupação das demais paróquias do Vale de Tumbaco e em outras cidades da América-latina.

Neste contexto, vamos analisar a estrutura contemporânea de Quito a partir da identificação das quatro partes importantes (já faladas) caracterizadas por diferentes padrões espaciais e cujas centralidades compõem um sistema.

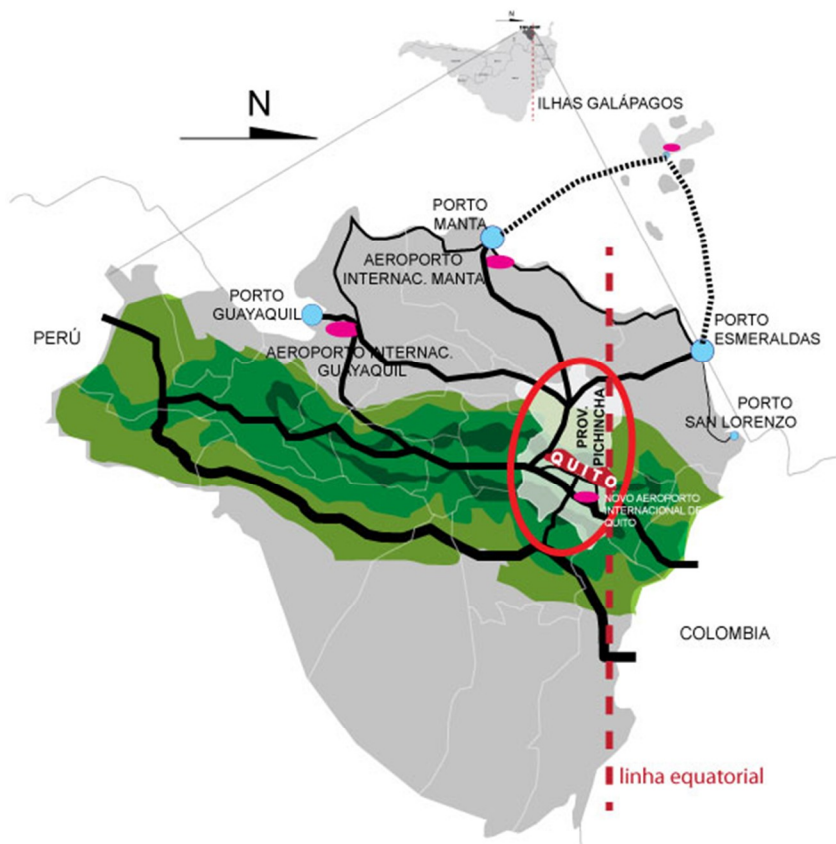
¹⁴⁶ Somente foram estudadas e caracterizadas, no item 2.1.2., algumas configurações de um trecho de sua estrutura que está diretamente envolvida com o processo de ocupação e estruturação da expansão norte de Quito.

2.1 A ESTRUTURA DA CIDADE NO TERRITÓRIO – SISTEMAS DE ESPAÇOS PÚBLICOS E DE CENTRALIDADES

A cidade de Quito¹⁴⁷, capital do Equador colonizada por espanhóis em 1534, localiza-se na zona andina do Equador próxima a linha equatorial (Figuras 9 e 10). Desde a época dos Incas este foi um ponto estratégico de concentração de fluxos para o intercâmbio. Santos (1981, p. 40) argumenta que as relações do território e sua ocupação, pretendem sempre aproveitar as condições naturais deste como uma vantagem para a produção e o consumo.

¹⁴⁷ Também capital da província de *Pichincha*, que leva o nome do maior vulcão da Província. O sítio já era ocupado pelos Incas desde a época pré-colombiana, mas são poucos os registros e vestígios do seu assentamento na cidade já que o Inca Rumiñahui – líder Inca desta ocupação queimou a cidade Inca em Quito antes de ser colonizada.

Figura 9. Apropriação do território e do sistema de caminhos principais do Equador¹⁴⁸. Observam-se a Cidade de Quito na Província de Pichincha (branco), os principais aeroportos (magenta) e os principais portos (cyan) do país, importantes nós na configuração do território

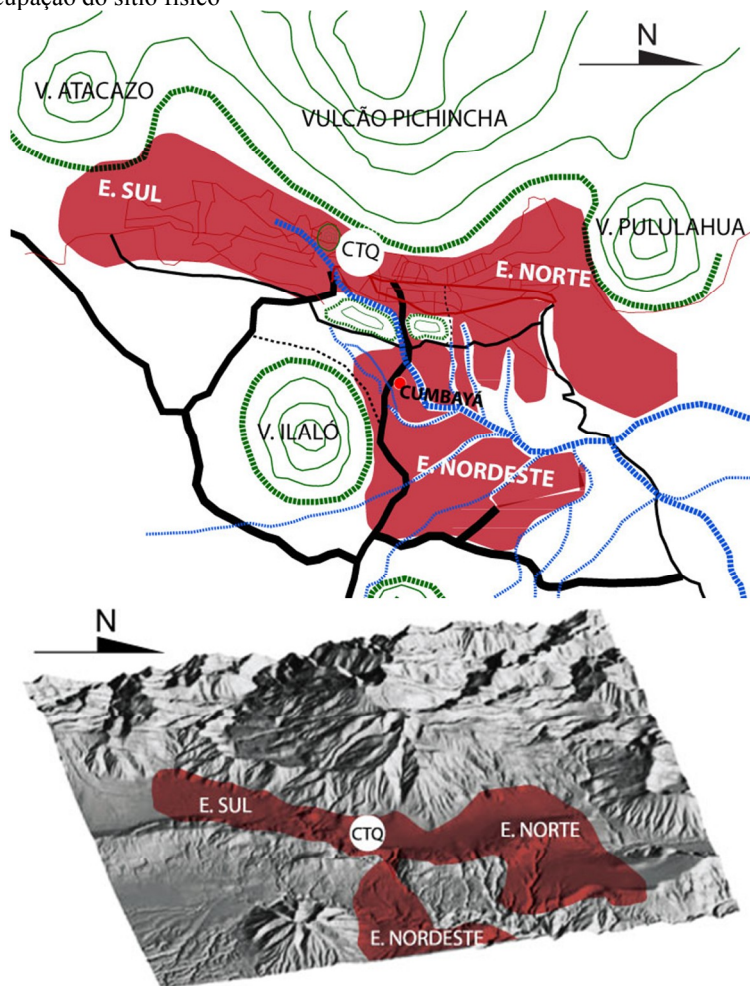


Fonte: Daniela Sofia Loaiza Jiménez, 2011.

¹⁴⁸ Observa-se que a maioria dos mapas e esquemas são mostrados com o norte para a direita em função do hábito de posicionar o vulcão Pichincha, que sempre foi considerado importante marco de referência no desenho, dos mapas de Quito, na parte superior para destacar sua importância. Igualmente, é importante ressaltar que os mapas elaborados nesta pesquisa foram trabalhados com base nestes mapas e esquemas mencionados.

cercada por morros e vulcões. A cidade estrutura-se essencialmente pelas características de apropriação do sítio físico onde foi inicialmente implantada, já que o primeiro assentamento deu-se numa planície próxima ao rio, que era também o cruzamento de caminhos, o que fazia dele um lugar estratégico de intercâmbio.

Figura 11. Cidade de Quito e suas expansões ao norte, sul e nordeste ocupando o território. Identificam-se os principais elementos naturais que caracterizam a ocupação do sítio físico



Fonte: Daniela Sofia Loaiza Jiménez, sobre figura de IMQ, s/d.

Quanto ao contexto da cidade de Quito temos uma planície, de 42 quilômetros de comprimento e 4 quilômetros de largura, delimitada ao oeste pelo vulcão Pichincha, ao leste pelos morros Guanguiltagua e Itchimbia, ao norte pelo vulcão Pululahua, e ao sul pelo vulcão Atacazo ou Ninahuilca (Figura 11). A temperatura de Quito varia entre os 10 e 25 graus centígrados com um clima seco durante a metade do ano (desde março até agosto).

A planície de Quito encontra-se dividida em uma zona norte e outra sul por um pequeno morro elíptico de 150 metros de altura e 1200 metros de diâmetro maior e 800 de diâmetro menor formado por uma acumulação de material vulcânico e é chamado de “*Panecillo*” (Figura 12), pãozinho, fazendo referência a sua forma redonda.

Figura 12. Cidade tradicional de Quito, o Panecillo e por traz a expansão sul de Quito



Fonte: Daniela Sofia Loaiza Jiménez, 2011.

Os pequenos rios e quedas de água que baixam pelas encostas do vulcão, cavaram “*quebradas*” ou fundos de vale com profundidades de até 30 metros que cruzam a cidade do oeste ao leste (Figura 13). Estes canais ofereceram drenagem natural de água e de lodo, no caso de chuvas ou de erupção do vulcão. A cratera do vulcão está aberta ao oeste, motivo pelo qual o material vulcânico quente e a lava fluem nessa direção, impossibilitando a chegada à cidade, contudo é afetada pelas

cinzas que são trasladadas pelo vento e pelos sismos provocados pela explosão do vulcão.

Figura 13. Cidade tradicional de Quito (vermelho) em 1534. Identifica-se o Vulcão Pichincha ao Leste e as quebradas que cruzam a cidade do Oeste ao Leste e permitem a drenagem natural de água e de lama



Fonte: Daniela Sofia Loaiza Jiménez, sobre figura de COLLIN DELAVAND, 2002, p. 31.

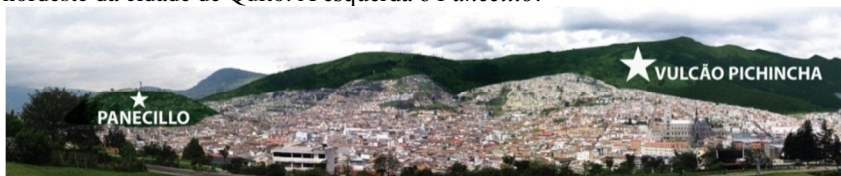
Os Incas apropriaram-se do território onde se encontra a cidade tradicional de Quito – atual centro histórico, por motivos estratégicos já que as elevações, morros e vulcões permitiam a observação de uma grande porção do território para controlar a passagem ou o ataque à cidade.

Esta localização foi importante para a colonização espanhola da cidade de Quito que ocupou o mesmo lugar onde estava situado o assentamento Inca que foi queimado antes da chegada dos espanhóis

pelo inca líder da época *Ruminahui*¹⁵⁰ com a intenção de não permitir que os colonizadores se apropriassem do que já existia. Por este motivo, não se tem certeza se os espanhóis mantiveram alguns dos lugares construídos pelos incas ou seu uso.

No caso da cidade de Quito, percebe-se que os critérios fundacionais dos espanhóis estiveram também vinculados a certo respeito “mágico” por encontrar-se no meio do planeta; na linha equinocial¹⁵¹, ao leste do Vulcão Pichincha; Deus para os indígenas ao ser um vulcão ativo (Figura 14) e ao norte do *Panecillo* que é um espaço de culto religioso para os indígenas e Incas. Graças a estas defesas naturais, os espanhóis não tiveram que construir muralhas de proteção.

Figura 14. Vulcão Pichincha, ao Oeste da cidade de Quito. Vista desde o nordeste da cidade de Quito. À esquerda o *Panecillo*.



Fonte: Daniela Sofia Loaiza Jiménez, 2011.

Os critérios de ocupação do sítio físico que podemos identificar em Quito são: o respeito e o aproveitamento das características, elementos e processos naturais próprios do território. Neste contexto, instalou-se a cidade de Quito, sempre orientada pela busca de segurança, da extração eficiente de recursos, da localização estratégica para o comércio. Para os autores estudados, estas características desempenham um papel importante na escolha da localização das cidades em geral e seu desenvolvimento.

Panerai¹⁵² argumenta, em relação à importância na eleição do território para sua ocupação, que os grupos sociais se apropriavam do território buscando pontos estratégicos que permitissem a defesa da cidade pelo contexto natural, uma melhor visibilidade e a proximidade a cursos de água para o abastecimento de água aos cultivos agrícolas mais

¹⁵⁰ Homem de cara de pedra em língua quíchua.

¹⁵¹ Existia uma importante relação com o Sol que foi incorporada na cultura dos espanhóis pelos Incas e indígenas que moravam no atual centro de Quito na época da colonização.

¹⁵² PANERAI, 2001.

próximos à ocupação. Neste sentido, Lynch¹⁵³ explica a origem de algumas cidades colonizadas como um novo aglomerado urbano criado para controlar um recurso numa região estranha. O autor acrescenta que a segurança e a boa localização do local e seus produtos foram as principais preocupações para instalar uma cidade.

Na época da colonização da cidade de Quito, percebe-se que os critérios fundacionais dos espanhóis mantiveram esse assentamento para a construção da cidade. Esses critérios estiveram também relacionados com o relevo e com o comércio, sendo um pólo de intercâmbio com boa conexão às cidades vizinhas e aos principais portos do país.

Os espanhóis levaram para Quito seu costume de construir em planícies com boa visibilidade para ter uma melhor defesa em caso de ataques. Também elegeram uma área que se encontrava mais próxima a terras naturalmente irrigadas por água para a agricultura - O rio *Machángara* fica próximo à cidade tradicional de Quito, o que permitia o fácil cultivo de vários alimentos, sobretudo cereais como o milho e o trigo, e a criação de animais sem se afastar da cidade consolidada.

Além dos critérios estratégicos físicos para a ocupação do território, a disponibilidade de mão de obra para a agricultura já existente em Quito foi um elemento importante na seleção do lugar de colonização.

As ordenanças de 1537 da cidade continham recomendações relativas à eleição do sítio de fundação com grande importância atribuída ao clima e aos materiais disponíveis para a construção da cidade. Acrescentavam,

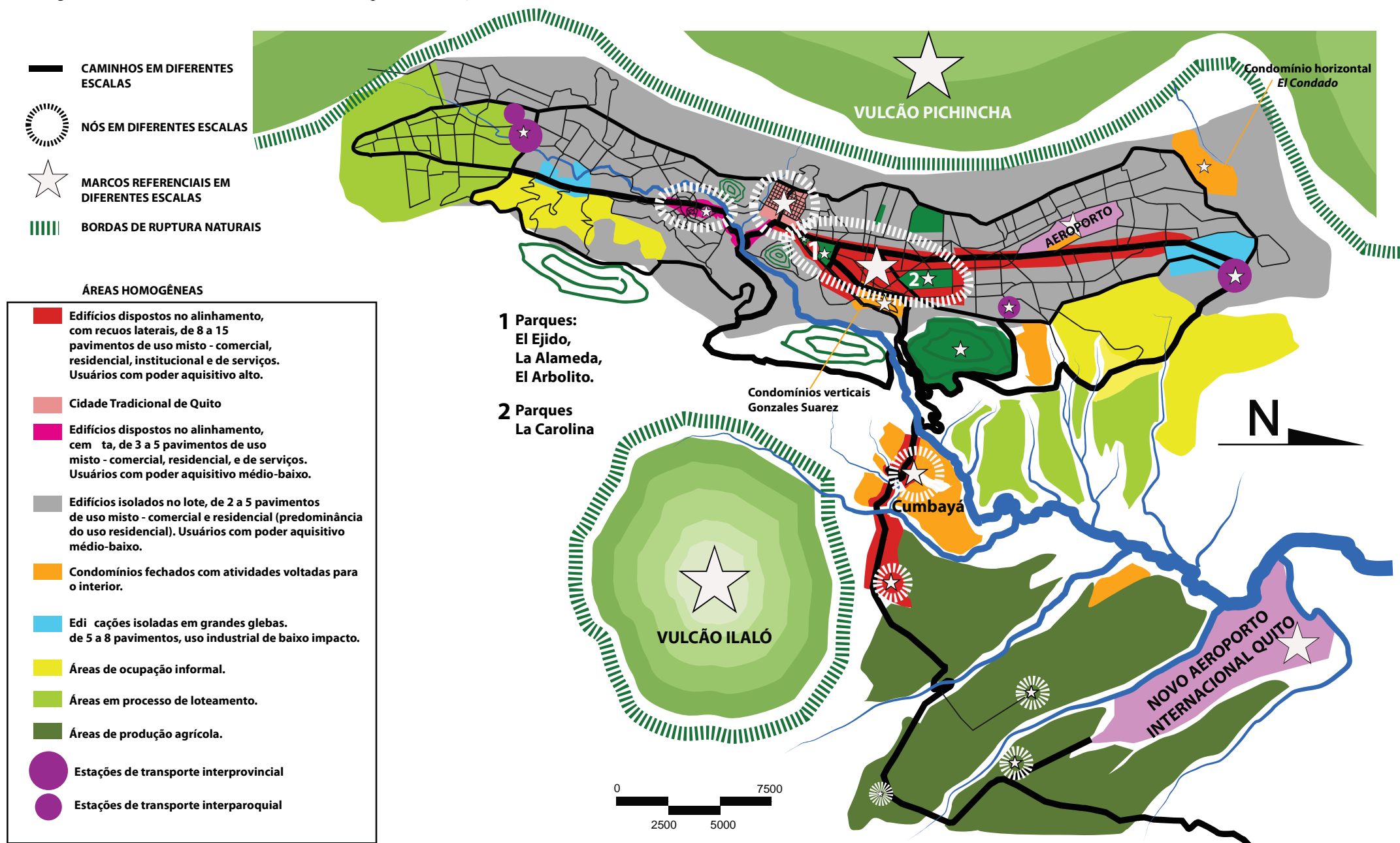
*que las tierras que hay que poblar deben tener buenas entradas y salidas por mar y tierra, buenos caminos y navegación para que se pueda entrar y salir fácilmente, comerciar y gobernar, socorrer y defender.*¹⁵⁴

Neste contexto, vamos analisar a estrutura contemporânea de Quito (Figura 15) a partir da identificação das quatro partes importantes (já faladas) caracterizadas por diferentes padrões espaciais e cujas centralidades compõem um sistema.

¹⁵³ LYNCH, 2007.

¹⁵⁴ COLLIN DELLAVAND, 2002.

Figura 15. Leitura do autor da cidade contemporânea de Quito



Na Figura 15 podem ser identificados os sistemas de espaços públicos e de centralidades na escala da cidade, e também estão identificados os cinco elementos envolvidos na produção de uma imagem mental da cidade de Quito e suas expansões como o todo. Nesta Figura podem-se identificar os principais caminhos (com diferentes espessuras segundo sua escala), os principais nós ou centralidades (em diferentes escalas), os marcos referenciais que coincidem com vários dos nós identificados, as bordas de ruptura que coincidem com os elementos naturais do sítio físico (vulcões, morros, rios, cursos de água e quebradas), e as principais áreas homogêneas.

Quito contemporânea (Figura 15) está configurada pela cidade tradicional, e as expansões norte, sul e nordeste, e se encontra delimitado por elementos naturais do sítio físico como morros, vulcões e rios, como já foi mencionado.

Na Figura 15 podemos identificar a CTQ, cuja estrutura e configuração dos principais espaços públicos serão analisadas nos itens 2.1.1 e 2.2.1 é considerado atualmente o principal centro político, administrativo e religioso da cidade. A CTQ está estruturada por uma malha xadrez de caminhos, que configura a forma e as dimensões dos quarteirões. Esta malha, considerada o principal sistema de deslocamentos da CTQ, configura vãos no tecido, destinados a praças; principais espaços públicos da cidade.

A CTQ, como se pode observar na Figura 15 está articulada às expansões do norte e do sul da cidade por um caminho principal que atravessa Quito em sentido Norte – Sul. Este caminho principal, que se encontra na escala de Quito urbana, está conectado por meio de outros caminhos, ao caminho que a articula com a expansão nordeste da cidade ou Vale de Tumbaco.

A expansão norte de Quito (identificada na Figura 15), cuja estrutura e configuração dos principais espaços serão analisadas nos itens 2.1.2 e 2.2.2 é considerado atualmente o principal centro financeiro e comercial da cidade. Esta expansão está estruturada por caminhos que configuram uma malha racional conformada por caminhos em sentido norte-sul e também por caminhos em diagonal que se articulam com a malha ortogonal. Estes caminhos principais são chamados de Avenidas, consideradas como o principal sistema de deslocamentos da expansão norte. Pode-se observar na Figura 15 que são estas avenidas as que configuram os grandes vãos no tecido urbano, destinados a serem os principais espaços públicos desta expansão (grandes parques identificados na Figura 15) e importantes marcos de referência na escala

da cidade. Estes parques são: La Alameda, El Ejido, El Arbolito e La Carolina, os que serão aprofundados no item 2.2.2.

Podem-se identificar, na Figura 15 que nesta expansão, existem atualmente condomínios fechados (em laranja) configurando grandes porções do território. Os condomínios que consideramos os principais, por suas dimensões, são: Os condomínios verticais Gonzalez Suarez, e o condomínio horizontal El Condado, os que serão analisados no final do item 2.1.2.

O atual aeroporto internacional de Quito encontra-se também nesta expansão, como se pode observar na Figura 15. Este grande equipamento será convertido em parque no ano 2012, pois o Novo Aeroporto Internacional de Quito (NAIQ), que está sendo construído na expansão nordeste (Figura 15), tem previsão de começar a funcionar nesse ano.

Atualmente, existem duas estações de transporte nesta expansão (identificadas em roxo na Figura 15): a interparoquial e a interprovincial (na periferia norte da cidade). Estas estações são importantes marcos de referência, na escala da cidade, já que formam parte do sistema de mobilidade de Quito.

A expansão sul de Quito está estruturada por uma malha resultante do sistema de deslocamento rural existente, antes da consolidação urbana desta expansão. No trecho mais próximo à CTQ, desta expansão, foi elaborado um plano diretor funcionalista, na década de 1940, que configurou um sistema de caminhos rádio-concêntrico atualmente marcado por rotatórias que distribuem o trânsito de veículos motorizados (que serão analisados no item 2.1.2).

Atualmente, existem duas estações de transporte nesta expansão (identificadas em roxo na Figura 15), igual à expansão norte, as estações são: a interparoquial e a interprovincial (as duas na periferia sul da cidade). Estas duas estações representam um marco referencial importante, na escala da cidade, já que formam parte do sistema de mobilidade de Quito.

Conforme explicado, as análises da estrutura e da configuração dos principais espaços públicos da expansão sul não serão aprofundadas, já que consideramos que sua complexidade morfológica precisa de uma pesquisa maior para poder ser analisada. No entanto, analisamos um trecho desta expansão, no item 2.1.2, que está diretamente envolvido com a expansão do norte da cidade.

A expansão nordeste – o Vale de Tumbaco – encontra-se articulado à CTQ e às expansões norte e sul através de quatro caminhos (identificados na Figura 15) que se fundem em um só caminho principal

que estrutura esta expansão. Estes caminhos serão analisados com maior detalhamento no item 2.1.3.

Nesta expansão, cuja predominância de uso ainda é agrícola, se encontra a paróquia de Cumbayá. Nesta paróquia foram lançadas as diretrizes de projeto de arquitetura da cidade (no capítulo III) a partir da análise prévia de sua estrutura e da configuração dos principais espaços públicos. O principal critério para fazer a proposta nesta paróquia foi nossa preocupação com: sua forma - **espaços públicos e centralidades desarticuladas** – e a **baixa apropriação dos poucos espaços públicos existentes**. Esta paróquia está configurada, em 70% de sua área total, por condomínios fechados de grandes dimensões, principais responsáveis de sua desarticulação. Este padrão de ocupação de Cumbayá é atualmente uma tendência para a ocupação de toda a expansão nordeste. Isto se vem potencializando pela construção do Novo Aeroporto Internacional de Quito, antes mencionado, nesta mesma expansão.

Neste contexto vamos começar com a análise da estrutura e da configuração dos principais espaços públicos da cidade contemporânea de Quito - da CTQ, e das expansões norte, sul e nordeste de Quito - para encontrarmos padrões espaciais, na escala da estrutura e na escala dos lugares, nos sistemas de espaços públicos e de centralidades diretamente envolvidos com a apropriação da cidade.

É importante ressaltar que para esta análise foi importante fazer em paralelo uma descrição do processo de ocupação de Quito em diferentes momentos, para assim, identificar as diferentes características morfológicas das diferentes formas que foram adquirindo os espaços públicos e as centralidades, que atualmente, se encontram articulados formando sistemas de espaços públicos e de centralidades.

2.1.1 Cidade Tradicional

A área da Quito contemporânea conhecida como Cidade Tradicional de Quito é o núcleo inicial da cidade, de ocupação espanhola, (Figura 16) e está estruturada em malha xadrez, seguindo a matriz do tabuleiro espanhol de 80m x 80m, com algumas variações nas dimensões de vários quarteirões, ao redor da praça principal – *Atual Plaza de la Independencia* (identificada na Figura 16). Esta praça está configurada por prédios institucionais como: A Catedral ao sul, O *Palacio de Gobierno* ao oeste, o *Palacio Municipal* (Prefeitura) ao leste, e o *Palacio Arzobispal* ao norte.

Figura 16. Mapa da Cidade de Quito de 1746 que mostra a estrutura de apropriação do sítio físico pela cidade: elementos do sítio físico, traçado e nós principais configurados como as quatro praças principais: 1. Plaza de la Independencia; 2. Plaza de San Francisco; 3. Plaza de Santo Domingo; 4. Plaza del Teatro. Mostra também como o núcleo inicial da cidade cresce ao Norte do “Panecillo”



Fonte: Daniela Sofia Loaiza Jiménez, 2011, sobre “*Plano de Quito*” do livro “*Damero*” do Jorge Juan e Antonio de Ulloa de 1748. In: FONSAL, 2010, p. 172.

Na época da colonização foram construídos, a partir deste ponto central, dois conventos, com sua igreja principal, cada um deles apoiado por praças (Figura 16) que levam seus nomes: A *Plaza de San Francisco* - praça do mercado na época da colônia¹⁵⁵ - e a *Plaza de Santo Domingo* - praça cultural. Também foi construído o teatro Sucre

¹⁵⁵ Existe a hipótese de ter conservado sua função desde a ocupação Inca.

também apoiado por uma praça; a *Plaza del Teatro*. Todas estas edificações institucionais e infraestruturas comunitárias são mantidas até hoje, configurando as quatro praças principais da CTQ.

Assim, a forma da estrutura da CTQ foi estabelecida pelas ordenanças de ocupação do território da época da colônia. Assim, foi definida uma **malha** ortogonal de caminhos como sistema de deslocamentos, deixando vãos no tecido como praças configuradas por elementos arquitetônicos que caracterizavam os lugares com suas diferentes formas e atividades.

A construção dos prédios religiosos, institucionais e culturais importantes para a cidade, que constituem verdadeiros marcos de referência, até a atualidade, e que são apoiados por importantes espaços públicos, foi um padrão de ocupação do território.

Em Quito, verifica-se que a CTQ apresenta características similares às das cidades espanholas, com prédios importantes, sobretudo religiosos, apoiados por uma praça que, com o passar do tempo, ia fechando-se por outras edificações construídas dispostas no alinhamento, em fita, em lotes¹⁵⁶ profundos de diferentes dimensões e formas, com três pavimentos, e com diversidade de usos, criando praças fechadas pelos quatro lados. A lógica da malha de 80m x 80m, que define o macroparcelamento e que caracteriza a estrutura da CTQ, e a configuração das praças, através do fechamento do espaço com edificações importantes (na escala da cidade), é mantida até a atualidade.

Podemos dizer que ao caracterizar-se, principalmente, por uma malha ortogonal de 80m x 80m, traçada em uma área relativamente plana, a cidade tradicional de Quito **é permeável**, já que esta forma de estrutura, conformada por caminhos e praças em grelha, permite fluxos intensos de pessoas, mercadorias e informação na cidade. A permeabilidade desta malha se dá pela articulação dos espaços públicos em um sistema, e pela inexistência de grandes barreiras ou bordas de ruptura na malha que impeçam ou dificultem as passagens. Estas características facilitam o deslocamento dos usuários para alcançar atividades, recursos, serviços, ou informação. Assim, os deslocamentos, de um lugar a outro, podem ser realizados de uma forma rápida e fácil, pelas várias opções para realizá-los, promovendo assim, à **apropriação** da estrutura da cidade.

¹⁵⁶ Chamados de solares na época da colônia.

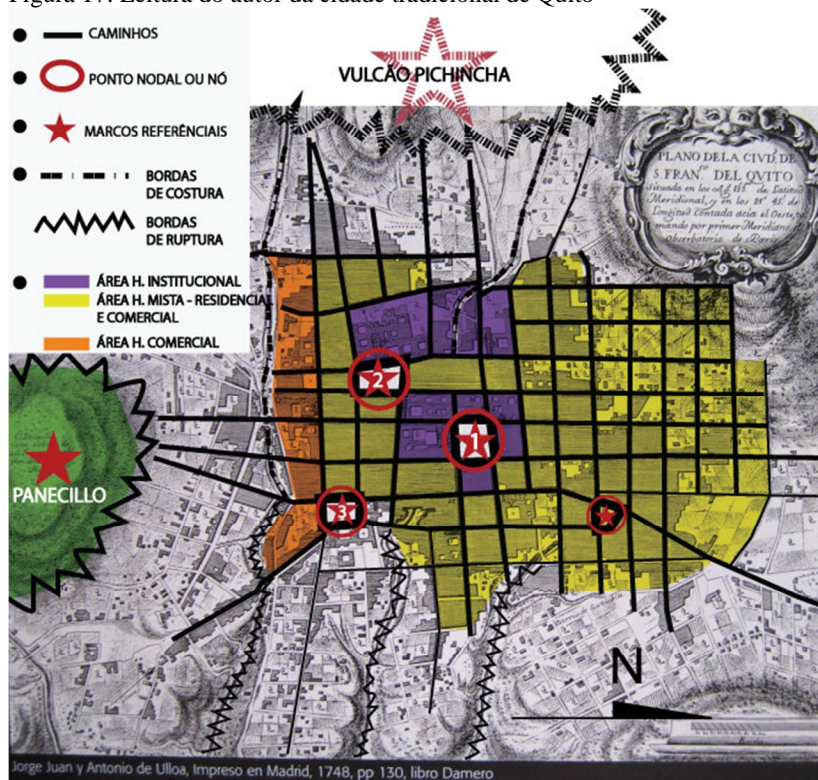
Se, como Kohlsdorf¹⁵⁷ argumenta, é importante examinar o contexto da paisagem natural para estabelecer em que medida eles participam e participaram da facilidade ou dificuldade da leitura de um lugar podemos dizer que, em Quito, as características naturais do sítio físico onde Quito está implantada são importantíssimas e sempre participaram na orientação na cidade.

Quanto à legibilidade da cidade tradicional de Quito, podemos dizer que suas características morfológicas e de apropriação permitem uma clara leitura de sua estrutura e facilitam a orientação, sua identificação através dos cinco elementos envolvidos na criação de uma imagem mental da cidade (Figuras 17 e 18), propostos por Lynch¹⁵⁸ (1960), e os deslocamentos, influenciando sua intensa apropriação pela população em geral.

¹⁵⁷ KOHLSDORF, 2006.

¹⁵⁸ LYNCH, 2006.

Figura 17. Leitura do autor da cidade tradicional de Quito



Fonte: Daniela Sofía Loaiza Jiménez, sobre Plano de Quito por Dionisio Alcedo y Herrera 1734. In: COLLIN DELAVAND, 2002, p. 59.

Figura 18. Identificação de três praças da CTQ. Tecido urbano da CTQ. O *Panecillo* no fundo



Fonte: Daniela Sofia Loaiza Jiménez, sobre imagem de COLLIN DEVALLAND, 2002, p. 59.

Já, se analisando os cinco elementos físicos perceptíveis deste trecho, que permitem a leitura da cidade – caminhos, nós, marcos referenciais, bordas de ruptura e costura e áreas homogêneas – (Figuras 17 e 18), pode-se observar que cada uma das partes da cidade, é organizada e, o sistema de espaços públicos articulados pode ser facilmente reconhecível. A composição do tecido compacto com alguns vãos conformando praças e caminhos - principais estruturadores da cidade - permite uma fácil compreensão e leitura da cidade já que os usuários percebem o espaço enquanto se deslocam ou permanecem neles. Assim, a forma física dos espaços públicos, como principal veículo da comunicação observador-cidade, possibilita o entendimento do espaço diretamente envolvido na **apropriação** do espaço.

Antes de entrar na caracterização de cada um dos cinco elementos do espaço urbano que facilitam a leitura da cidade como o todo, é importante também ressaltar que o fácil acesso¹⁵⁹ nos espaços públicos da CTQ, é possível graças à grande preocupação por configuração **desde o ponto de vista do pedestre**. Na figura 19 está exemplificada esta preocupação, ao observarmos que as calçadas são amplas em relação às dimensões das pistas para circulação dos veículos. Observamos também na mesma Figura, como as calçadas são alargadas, formando pequenos largos na escala local quando estão configuradas por infraestruturas comunitárias. Dessa maneira, se cria uma área pública de transição entre a infraestrutura e a calçada em si, que permita a concentração de usuários, incentivando a apropriação do espaço público.

Figura 19. Calçada da CTQ alargada formando um pequeno largo em escala local na frente da igreja La Merced



Fonte: Daniela Sofia Loaiza Jiménez, 2011.

É importante ressaltar que as próprias formas de alguns edifícios importantes e sua composição volumétrica em relação ao entorno construído, resultam em marcos de referência na escala local que facilitam a legibilidade dos lugares (Figura 19).

Na Figura 20 podemos observar como a leitura dos caminhos (e das praças) é potencializada ao criar certo fechamento destes espaços

¹⁵⁹ O acesso, como foi estudado no primeiro capítulo, é um fator importante para possibilitar uma **maior apropriação dos espaços públicos**.

através da composição das fachadas que os configuram – paredes sólidas. A configuração dos espaços públicos da CTQ será aprofundada no subtítulo 2.2.1, mas consideramos necessário mostrar algumas imagens desta configuração para possibilitar a compreensão da leitura da CTQ feita em planta na Figura 17.

Figura 20. Caminho delimitado a partir das edificações que o configuram



Fonte: Daniela Sofia Loaiza Jiménez, 2011.

Na CTQ, os caminhos são estreitos, sem vegetação e de caráter urbano, com a mesma hierarquia formal, porém, a maior intensidade de fluxos encontra-se no perímetro das praças, formando os principais nós e marcos de referência da cidade.

As praças são os principais pontos nodais da CTQ já que são importantes pólos atrativos de fluxos pela variedade de atividades que concentram os prédios no seu perímetro - principalmente os de maior significado como igrejas e prédios institucionais do estado. Em relação à cidade de Quito contemporânea, podemos dizer que pela alta confluência de fluxos, a CTQ inteira é um nó na escala da cidade.

Na CTQ os marcos referenciais também são as praças e vários elementos arquitetônicos – religiosos e institucionais que as configuram, pela sua singularidade formal em relação ao resto do tecido urbano e por seu significado dentro da cultura quitenha e equatoriana. Dentro desta categoria é importante ressaltar também, o *Panecillo* e o vulcão Pichincha, anteriormente identificados, como importantes marcos de referência naturais na identificação e orientação na cidade.

Os próprios caminhos e praças são considerados como bordas de costura da cidade, ao articular os diferentes elementos e escalas da cidade como indicaremos a continuação. As bordas de ruptura da CTQ, pela quebra e descontinuidade física que formam na malha e no tecido urbano, são o Panecillo ao sul, morro no qual a construção se dificulta pela inclinação do terreno a qual supera 25%. Outras bordas de ruptura são as encostas do vulcão Pichincha, ao oeste, nas quais não se construiu pelos deslizamentos de terra e água, além da inclinação do terreno, e as quebradas ou fundos de vale que por sua profundidade não foram consideradas como elementos de costura na malha urbana.

Os aspectos visuais da cidade tradicional de Quito, dentre eles os elementos naturais como os morros e vulcões, podem ser entendidos e organizados mentalmente com clareza e permitem estruturar e identificar o sítio físico e os espaços construídos, os quais permitem a fácil orientação no espaço urbano.

Entendemos que a estrutura da cidade tradicional de Quito possui uma boa **legibilidade** já que podemos identificar e inter-relacionar cada um dos elementos – caminhos, nós, marcos de referência, bordas de costura e ruptura, e áreas homogêneas – diretamente vinculadas com a leitura das cidades. Este entendimento e organização mental clara e definida permitem aos usuários sentirem-se orientados e seguros na cidade, e também permite que os fluxos possam se desenvolver de maneira mais rápida e fácil, o que incentiva seu uso, e assim, possibilite sua apropriação.

2.1.2 Expansões Norte e Sul

A forma da estrutura da CTQ, conformada por uma malha xadrez de caminhos e praças, ocupou durante a época da colônia 96 hectares e tinha 35 mil habitantes¹⁶⁰. Já no começo do século XX a cidade ocupava 230 hectares e tinha 60 mil habitantes¹⁶¹. Entre 1906 e 1914 a população aumentou unicamente em 142 habitantes, no entanto, sua área de extensão aumentou em 500 hectares, passando das 230 do começo do século para 731¹⁶². Começam assim, a serem ocupadas as áreas ao norte e sul de Quito, configurando as expansões norte e sul da cidade, consideradas hoje, junto com a CTQ a área urbana de Quito (Figura 21). Atualmente, Quito urbana ocupa uma área de 35.200 hectares com 2.219.146 habitantes.¹⁶³

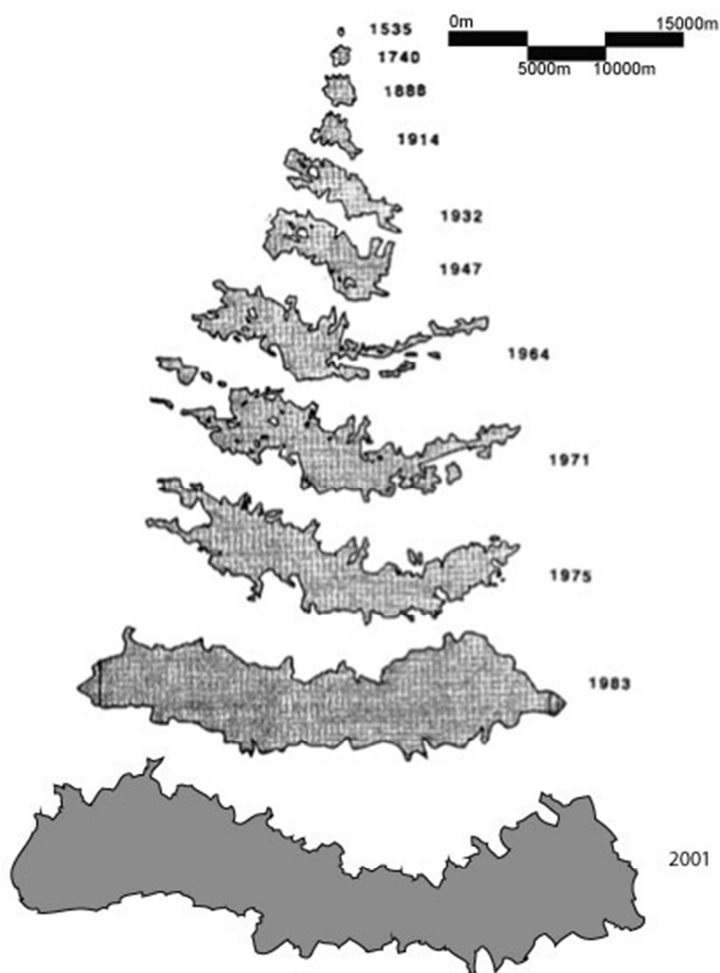
¹⁶⁰ COLIN DEVALAND, p. 62.

¹⁶¹ PAISDELEYENDA, *Fundación de Quito*.

¹⁶² PAISDELEYENDA. *Fundación de Quito*.

¹⁶³ WIKIPEDIA. Quito.

Figura 21. Mancha de Quito urbana em diferentes momentos desde o ano da colonização até o ano de 1990



Fonte: Ilustre Municipio de Quito, 1998 (desde 1535 – 1983); Daniela Sofia Loaiza Jiménez, 2011 (mancha urbana do ano 2001).

Na década de 1920 houve em Quito um crescimento rápido da população, que chegava a mais de 80 mil habitantes¹⁶⁴ (Tabela 6), favorecido pelas obras de saneamento realizadas para erradicar a epidemia de varíola, mas, sobretudo, potencializado pela construção da ligação ferroviária que conectava a cidade de Quito¹⁶⁵ com os dois principais portos do país no ano de 1908. Esta importante ligação facilitou a comunicação entre várias cidades do Equador e sua capital (Figura 22).

Tabela 6. População de Quito urbana em diferentes anos

QUITO	
Ano	Número de habitantes
1886	39.600
1906	51.526
1922	80.702
1990	1.095.000
2001	2.219.146

Fonte: Ilustre Município de Quito, 1992 (desde 1886 – 1990); WIKIPEDIA. Quito (dato 2001).

¹⁶⁴ MOORE, (dados de 1534-1748), 1984; Ilustre Município de Quito (dados de 1779-1950), 1992.

¹⁶⁵ Que chegou à cidade no ano de 1908, mas a construção da estação ferroviária de Quito foi só no ano de 1920.

Figura 22. Observa-se o caminho do trem em vermelho desde o Porto de Guayaquil até o Porto de San Lorenzo. A cidade de Quito foi conectada a dois principais portos do Equador nessa época, e que funcionam até hoje como principais nós de intercâmbio e comércio

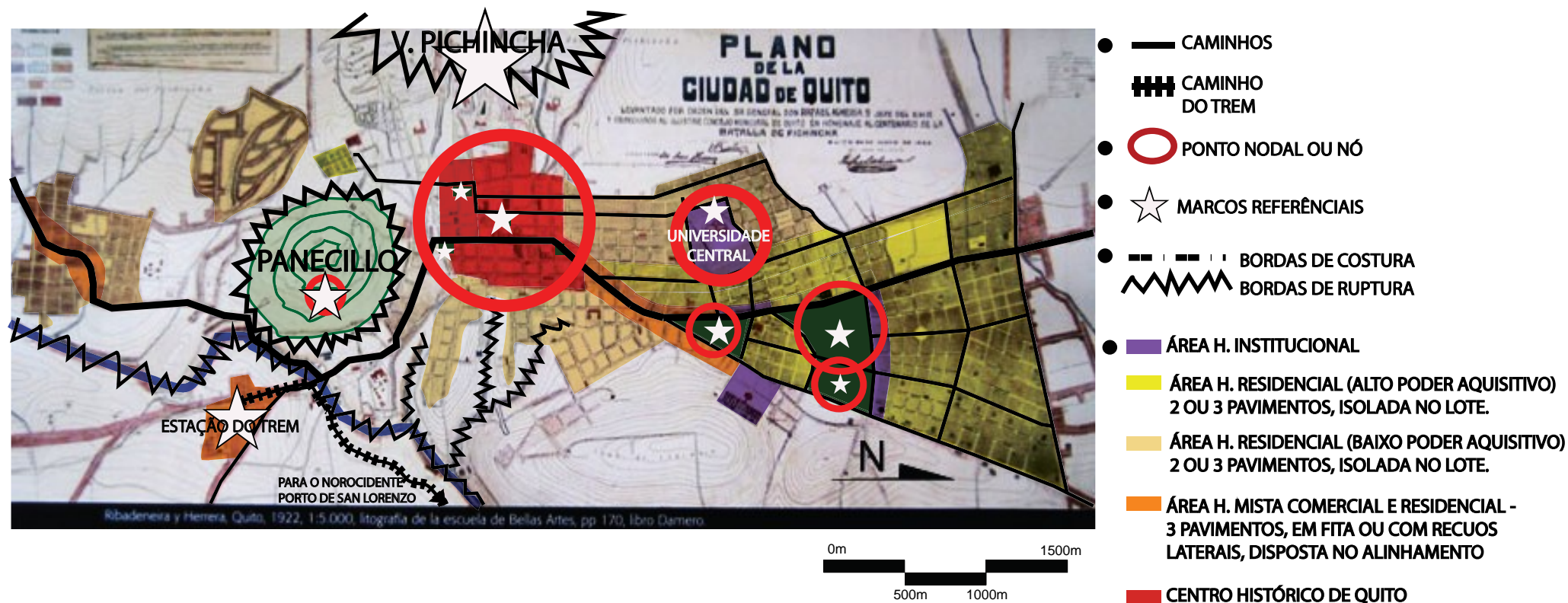


Fonte: Daniela Sofia Loaiza Jiménez, COLLIN DELLAVAND, 2002.

A partir da construção desta importante conexão, começaram a ser construídos novos assentamentos próximos ao CTQ, e dessa forma começa a expansão da cidade que ocorreu de forma longitudinal, desde o centro, para o norte e para o sul, devido às barreiras naturais do sítio físico – vulcões, rios, *quebradas*, e morros.

A **expansão sul** da cidade começou com a migração de trabalhadores de todas as províncias do Equador para Quito, com a expectativa de conseguir vagas de trabalho na construção da estação ferroviária, construída ao sudeste do morro *Panecillo* (Figura 23). Assim, o novo aglomerado urbano de migrantes das zonas rurais da periferia de Quito que pretendiam trabalhar na capital do país buscando melhorar sua situação econômica, forma uma nova área homogênea de construções pequenas de dois ou três pavimentos em lotes pequenos em quarteirões similares aos do centro, e de uso misto. A expansão sul da cidade começa a ser identificada como um novo pólo comercial onde se podiam encontrar materiais de construção, trazidas no *Ferrocarril* desde a Colômbia, alimentos e remédios para os animais das zonas agrícolas da periferia de Quito.

Figura 23. Leitura do autor da cidade de Quito no mapa do ano de 1922



Fonte: Daniela Sofia Loaiza Jiménez, sobre Plano de la Ciudad de Quito de Ribadeneira y Herrera, 1922. In: FONSAL, 2010, p. 177.

Neste período a forma de ocupação do território da expansão sul manteve o modelo de malha xadrez de 80m x 80m com algumas variações nas formas dos quarteirões (trapezoidais) (Figura 23) para adaptar-se ao relevo e às *quebradas*. A forma de ocupação deste trecho da expansão sul é mantida até hoje, e ainda é considerada uma área residencial de obreiros de baixo poder aquisitivo.

Pode-se observar na Figura 23 que, neste período, também começou a **expansão norte** de Quito, já que as pessoas com alto poder aquisitivo do CTQ migraram para esta área da cidade¹⁶⁶. Neste trecho desta expansão a forma da malha de caminhos configura quarteirões de forma trapezoidal, com quadras de no máximo 200m, à exceção dos espaços destinados a parques, os quais ocupavam áreas maiores. Este trecho da expansão norte, e em geral toda a expansão, não possui praças com características similares às da CTQ, já que elas foram substituídas por parques em diferentes escalas. Assim, este trecho, à semelhança da CTQ, está também estruturado por uma malha de caminhos e seus alargamentos, que, diferente das praças da CTQ, ocupam áreas maiores destinadas a parques.

Como pode-se ver na Figura 23, a malha xadrez foi mantida em algumas zonas como base do tecido da cidade nas expansões norte e sul; porém, este modelo de ocupação do território não favorecia os deslocamentos na cidade pelo relevo de algumas áreas e começaram a aparecer algumas variações na malha urbana para adaptar-se às características naturais do sítio físico.

Como foi mencionado, o macroparcelamento do trecho da expansão norte, ilustrado na Figura 23, resultou da estruturação dos caminhos e dos parques. Estes parques, construídos a partir de 1930, são: o Parque *La Alameda*, onde estava localizado o maior Observatório Astronômico do país; o Parque *El Ejido*, lugar de passeio e contemplação; e o Parque *El Arbolito*, espaço de contemplação onde a população quitenha, e de outras províncias, se reúne durante as greves políticas.

Pela análise da malha, podemos observar que este trecho da expansão norte de Quito possui uma boa **permeabilidade**, já que permite um alto nível de fluxos na cidade. Estes espaços públicos encontram-se articulados e integrados entre si e com os espaços públicos

¹⁶⁶ COLLIN DELAVAND, 2002, p. 113.

da CTQ através de um caminho principal que articula a cidade em sentido norte-sul.

Em relação à **legibilidade** deste trecho da expansão norte, podemos observar, na Figura 23, que os cinco elementos, envolvidos na criação de uma imagem mental da cidade, permitem um fácil reconhecimento e organização de suas partes de forma clara. Os elementos construídos e naturais podem ser facilmente identificados, como caminhos, nós, marcos referenciais, áreas homogêneas e bordas de costura e ruptura, facilitando a leitura e, portanto, permitindo sua maior apropriação pela população.

Os caminhos começam a mudar de largura de acordo com sua hierarquia urbana (Figuras 24 e 25) e passam a ser configurados por prédios de seis, três ou dois pavimentos. Isto pode ser observado na Figura 23, na qual se pode identificar como caminho principal, a rua do perímetro oeste dos novos parques da cidade. Esta rua foi pensada como a principal via de ligação da CTQ à expansão ao norte da cidade.

Figura 24. Configuração do Parque La Alameda



Fonte: Daniela Sofia Loaiza Jiménez, 2011, sobre fotografia. In: COLLIN DELAVAND, 2002, p. 21.

Figura 25. Edificações altas configurando o Parque El Ejido. Observa-se o caminho como borda de ruptura por suas dimensões e por conformar uma avenida de trânsito rápido



Fonte: PARQUE EL EJIDO, Imageshack, 2011.

No trecho da expansão norte de Quito, analisado na figura 23, o acesso aos espaços públicos é atualmente restringido pela relação interrompida que existe entre eles e os edifícios que os configuram, devido às pistas de trânsito rápido (Figuras 24 e 25) que dificultam a passagem de pedestres. Apesar de que a configuração dos parques, identificada nas Figuras 24, 25 e 26 possibilite a leitura e identificação destes, a largura das calçadas é relativamente pequena em relação à dimensão das pistas para circulação de veículos motorizados. Dessa forma, o próprio sistema de deslocamento público da cidade começa a constituir a principal borda de ruptura entre os edifícios e os parques.

A efetiva apropriação destes parques é atribuída pelos usuários às atividades comerciais – feiras informais de artesanato – desenvolvidas nestes espaços públicos. Além disso, a proximidade da Universidade Central do Equador (identificada na Figura 23) possibilita o constante

fluxo de estudantes nestes parques pela diversidade de atividades desenvolvidas nos volumes que configuram os parques – sobretudo o comércio em lanchonetes, em restaurantes, em papelarias, bancos, e outras instituições técnicas de educação superior.

Figura 26. Configuração dos parques El Arbolito e El Ejido. No fundo o vulcão Pichincha



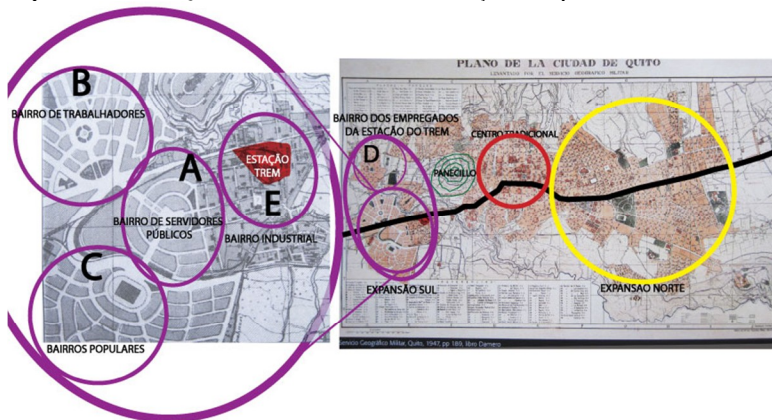
Fonte: *PANORÁMICAS QUITO*, Skyscrapercity, 2011.

Os marcos de referência na escala da cidade, deste trecho, são estes parques e o campus universitário público da *Universidad Central del Ecuador- Quito*¹⁶⁷ (identificado na Figura 23). Outro marco de referência natural importante é o vulcão Pichincha (Figura 26) que pode ser observado desde os três parques.

Na década de 1940 foi desenvolvido um plano de **expansão sul** de Quito concebido no Plano Diretor de Quito (*Plan Regulador Urbano de Quito*, elaborado no ano de 1942). Este plano confirma o uso de solo industrial para o sul da cidade. O novo traçado urbano proposto, com base no pensamento de Cidade Jardim, é caracterizado pela forma radial dos quarteirões, pelas áreas verdes comunitárias, e pelos eixos viários que conduzem às rotatórias (chamadas de parques pelos moradores do sul) de distribuição do trânsito de veículos. (Figura 27). No dizer de Del Pino Martinez (2008, p. 269.) “*Esta propuesta constituyó un aporte novedoso al urbanismo de Quito, que hasta ese momento había considerado la cuadrícula colonial como modelo a seguir*”. Segundo a autora, a expansão sul foi organizada em: A) Bairro de servidores públicos da cidade, B) Bairro de trabalhadores, C) Bairros populares, D) Bairro dos empregados da estação do trem e E) Bairro industrial (Figura 27).

¹⁶⁷ Em meados do século XIV a *Universidad Central del Ecuador-Quito* funcionava em várias faculdades espalhadas na cidade tradicional de Quito.

Figura 27. Mapa de Quito de 1947 (dir), identificadas as expansões norte (amarelo) e sul (roxo) de Quito e a cidade tradicional (vermelho). Detalhe da expansão sul de Quito identificando a zonificação da época



Fonte: Daniela Sofía Loaiza Jiménez, 2011, sobre Plano de la ciudad de Quito del Servicio Geográfico Militar, 1947 (dir) e detalhe do plano de Quito. In: DEL PINO MARTINEZ, 2008, p. 269.

Neste trecho da expansão sul, identificado na Figura 27, é possível observar uma boa **permeabilidade** ao tratar-se de uma área relativamente plana e com quadras que não superam os 200 metros de comprimento. Em relação à **legibilidade**, a setorização em cinco áreas homogêneas, articuladas por um sistema de caminhos rádio-concêntricos e marcadas por rotatórias de distribuição de trânsito, dificulta a leitura deste trecho como um todo. Além da dificuldade para sua leitura, podemos dizer que este trecho da expansão sul de Quito, ao ser ocupado de acordo com um plano funcionalista, **não levou a uma diversidade de formas e atividades necessárias** para promover um maior fluxo de usuários em diferentes horários, restringindo sua apropriação.

Em relação ao acesso destes “parques”¹⁶⁸ pudemos observar que a **apropriação é restringida** pelos caminhos de circulação rápida de veículos que dificulta (impossibilita) a passagem de pedestres desde os

¹⁶⁸ Como foi mencionado, as rotatórias do trecho analisado da expansão sul são chamadas de parques pelos moradores desta expansão.

edifícios até eles. Na Figura 28 pode-se observar esta relação interrompida pela via de trânsito rápido que configura a rotatória.

Figura 28. Rotatória na expansão sul



Fonte: Daniela Sofia Loaiza Jiménez, 2011.

Figura 29. Caminho principal de articulação da cidade de Quito na expansão sul



Fonte: Daniela Sofia Loaiza Jiménez, 2011.

Neste trecho da expansão sul, somente o caminho principal que articula as expansões norte e sul passando pela CTQ, identificado na

Figura 29 e 30, está configurado por edificações em fita, dispostas no alinhamento de 3 e 4 pavimentos e de uso misto – comercial e residencial. As outras áreas estão configuradas por edificações muradas, isoladas em lotes com testadas grandes, de 1 ou 2 pavimentos e de uso residencial. Assim, só no caminho principal, antes mencionado, podemos observar uma **efetiva apropriação** possibilitada pelas relações entre as edificações deste espaço público. Além disso, as dimensões das calçadas do caminho principal são relativamente amplas em relação à largura das pistas de circulação de veículos, o que permite um fácil acesso a este espaço público, incentivando seu uso, e assim, aumentando sua apropriação.

Fonte: Daniela Sofía Loaiza Jiménez, sobre Plano de la Ciudad de Quito de 1978. In: FONSAL, 2010, p. 177.

Na década de 1950 os migrantes das áreas rurais, localizados na expansão sul de Quito, representavam a maioria dos novos habitantes, levando a cidade a ter um crescimento espacial de 6%, maior ao crescimento demográfico de 4.2%¹⁶⁹.

Finalizando esta década o *Ferrocarril* foi abandonado e substituído por meios de transporte mais rápidos no país como os carros que começaram a popularizar-se desde a década de 1930, e pelo transporte aéreo. Nesta década também começou a construção do atual aeroporto internacional de Quito “*Mariscal Sucre*” (Figura 30) – primeiro aeroporto internacional da capital do Equador, 8 km ao norte da CTQ.

No começo da década de 1970, os recursos inesperados do petróleo¹⁷⁰ permitiram o começo da modernização da Capital. A aceleração tecnológica facilitou a mudança da paisagem urbana nas expansões do norte e do sul de Quito (Figura 30). Neste período, a expansão norte começa a constituir o principal centro financeiro e comercial da cidade, passando a conformar uma grande e importante centralidade ou nó na escala da cidade (Figura 30). Este rápido crescimento precisava de mais mão de obra na cidade para a construção do norte de Quito - chamado a partir da década de 1970 como “Centro Moderno de Quito”. Por este motivo, milhares de migrantes rurais de várias províncias do Equador, começam a ocupar **o sul da cidade e as periferias do norte** (identificadas na Figura 30) buscando acesso a emprego e a residência, sempre em função do preço dos terrenos que, como explica Collin Delavand (2001, p. 195), “*Cuanto más lejos (do Centro Moderno) tanto más barato.*”

Ao norte, as grandes torres dos prédios construídos eram o reflexo do “*boom petrolero*”¹⁷¹ e novos materiais, como o concreto, o aço, o alumínio e o vidro, começaram a fazer parte da nova imagem **do norte de Quito**. Nesta década a cidade continuou expandindo-se para o norte (Figura 30) com caminhos que configuram, até a atualidade, uma malha racional constituída por caminhos ortogonais em sentido norte-sul e também por caminhos diagonais que os articulam. Estes novos

¹⁶⁹ COLLIN DELAVAND, 2001, p. 176.

¹⁷⁰ Houve um aumento na valorização do petróleo o que ampliou o fluxo de recursos financeiros, facilitando um crescimento acelerado da economia equatoriana sem ser necessário um aumento da produção petroleira no país.

¹⁷¹ Assim foi chamado o fenômeno de crescimento da economia equatoriana a partir do incremento do preço do petróleo.

caminhos constituem a malha de avenidas da expansão, confirmando elementos importantes no sistema de deslocamentos de Quito.

Os principais espaços públicos desta expansão estão configurados por prédios de 8 a 15 pavimentos, dispostos no alinhamento, com recuos laterais e de uso misto – comercial, residencial, institucional e de serviços. Entre esses espaços públicos destaca-se o *Parque La Carolina* que constitui um vão de 67 hectares (Figuras 30 e 31), importante marco de referência na escala da cidade e suas expansões. Este parque, apesar de estar configurado em todo seu perímetro por edificações em altura (Figura 31) com alta densidade de usuários, e com uma grande diversidade de usos, tem uma apropriação quase nula durante a semana tornando-o perigoso e evitado. Desta forma o parque começa a constituir a principal e maior borda de ruptura na expansão norte de Quito, e não por sua configuração em si, mas pela própria falta de apropriação deste espaço público.

Figura 31. Configuração do parque *La Carolina*



Fonte: *PANORÁMICAS DE QUITO*, Imageshack, 2011.

Um fator importante para a desertificação deste parque é que a quantidade de residências localizadas neste centro financeiro, não é suficiente para que o parque possa ser apropriado em diferentes horários. As edificações que configuram este espaço público vêm-se especializando em atividades comerciais (voltadas para o interior de *shopping centers*), institucionais e de serviços, o que produz fluxo somente nos horários de ingresso e de saída dos escritórios, tornando desertificado este grande espaço público durante a maioria do dia e a noite. Assim, verificamos que a permeabilidade, deste trecho da expansão norte, é reduzida pela falta de apropriação deste parque que constitui a maior barreira para os deslocamentos e fluxos nesta expansão. A configuração deste parque será aprofundada no item 2.2.2.

A rápida expansão de Quito na década de 1970 dá-se, principalmente, pela intensa hegemonia do carro como alternativa ao transporte público. Isto, vinculado à construção de novos eixos viários para o rápido deslocamento deste meio de transporte, possibilitou a ocupação de áreas afastadas dos centros consolidados, muitas articuladas somente através de um cordão viário. Assim, estes mesmos eixos – caminhos na escala da cidade - começam a representar as **maiores bordas de ruptura do tecido urbano** (Figura 32) ao serem vias largas de trânsito rápido que dificultam a passagem de pedestres.

Figura 32. Avenida da expansão norte configurada pelo estacionamento de um *shopping center*



Fonte: *PANORÁMICAS QUITO*, Skyscrapercity, 2011.

Assim, outro fator que restringe a apropriação dos espaços públicos nesta expansão é a dimensão e velocidade dos veículos existentes nos principais caminhos ou avenidas e as calçadas muito estreitas em relação ao tamanho das pistas, e em alguns casos, a construção de *shopping centers* com suas atividades voltadas para o interior, ou configurados por seu próprio estacionamento (Figura 32). Podemos verificar na Figura 32 os dois casos; primeiro as dimensões dos caminhos que permitem o trânsito rápido de veículos que restringem a passagem de pedestres ao ser perigoso, convertendo-os em bordas de

ruptura (fenômeno paradoxo ao conformar ao mesmo tempo o sistema de articulação e deslocamentos da cidade), e o pequeno espaço destinado a calçadas. E no segundo caso, podemos observar na mesma Figura 32 à esquerda, o estacionamento do *Quicentro Shopping Center*, configurando o espaço público. Não existe uma clara separação entre o público e o privado o que dificulta a leitura deste caminho como um todo. Esta forma de configuração dos caminhos converte-se no padrão de configuração espacial dos espaços público na expansão norte.

Como foi identificado na leitura da Figura 30, o norte de Quito continuou expandindo-se com edificações em altura configurando o caminho principal de articulação da cidade em sentido norte-sul, e com uma malha ortogonal de quarteirões retangulares e trapezoidais – com quadras de no máximo 150m de comprimento, o que possibilitou a **permeabilidade** na cidade. Porém, como foi explicado anteriormente, com a predominância dos carros como meio de transporte, a relação dos edifícios com os espaços públicos começam a perder-se pelas bordas de ruptura criadas por estas vias de trânsito rápido.

Como foi mencionado, outro fenômeno importante observado em Quito foi a construção de *shopping centers* fechados, com todas suas atividades voltadas para o interior. Estes centros especializados foram construídos em terrenos grandes, com fácil acesso e próximos às vias com maior hierarquia da malha urbana. (Esta configuração será aprofundada no item 2.2.2 ao caracterizar e analisar a configuração do Parque La Carolina na expansão norte de Quito).

Nesta década, a apropriação dos parques *La Alameda*, *El Ejido* e *El Arbolito* aumentou graças à construção da *Casa de la Cultura Ecuatoriana*¹⁷², no parque *El Arbolito*, onde se desenvolvem atividades relacionadas com a cultura e a arte quitenha, ecuatoriana e latino-americana. A construção deste espaço público incentivou os fluxos nestes três parques onde foram potencializadas as atividades comerciais das feiras informais de artesanato e arte. A apropriação destes parques também foi potencializada, na década de 1970, com a construção de outro campus universitário privado da *Pontificia Universidad Católica del Ecuador*, muito próximo aos parques *El Arbolito* e *El Ejido*, o que aumentou os fluxos de estudantes nos espaços públicos próximos ao campus possibilitando uma maior ocupação dos parques.

¹⁷² Construída dentro do terreno do Parque *El Arbolito* na década de 1960.

Como as numerosas vagas de emprego criadas no início da prosperidade com o petróleo começaram a tornar-se escassas **no ano de 1990**, a ocupação informal na cidade de Quito¹⁷³ – na expansão sul e nas áreas circundantes ao atual aeroporto – se converteu no padrão de ocupação da classe de baixo poder aquisitivo, como a única maneira de permanecer na cidade consolidada, ainda em busca de oportunidades de trabalho. Assim, a cidade de Quito que ocupava uma área de 2.500 hectares na década de 1960, passa a ocupar 19.000 hectares na década de 1990 como foi ilustrado anteriormente.

Esta rápida expansão da cidade, em três décadas, provocou um crescimento desordenado, um verdadeiro “inchaço urbano” na periferia da cidade compacta. Isto pôde ser verificado com a pesquisa de Collin Devaland¹⁷⁴, ao detalhar que para o ano de 1990 a cidade tinha ao redor de 4.000 hectares de espaços vazios no tecido urbano caracterizados por não estabelecer nenhuma relação com o espaço público da cidade, na sua maioria terrenos murados e que não potencializavam a apropriação do espaço público.

A leitura do norte da cidade tornou-se mais clara, já que os vãos configurados pelos edifícios altos podem ser facilmente identificados no tecido urbano.

Desta forma, por sua configuração a identificação da CTQ, da expansão sul e da expansão norte tornou-se fácil ao conformarem três áreas homogêneas, na escala da cidade, claramente diferenciadas (Figuras 33, 34 e 35), o que contribui com a **legibilidade** de Quito como um todo.

¹⁷³ Equivalente a ocupação das favelas no Brasil.

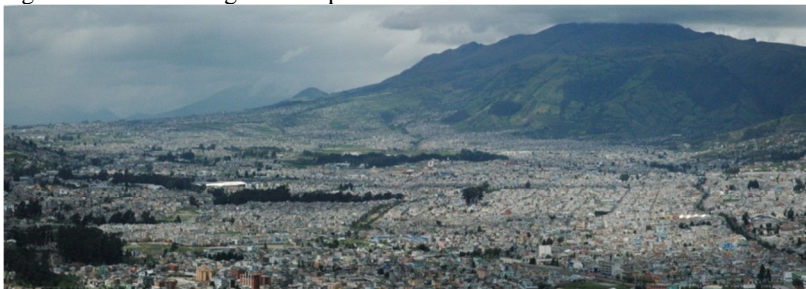
¹⁷⁴ COLLIN DEVALAND, 2002, p. 197.

Figura 33. Área homogênea - expansão norte



Fonte: *PANORÁMICAS DE QUITO*, Imageshack, 2011.

Figura 34. Área homogênea - expansão sul



Fonte: *PANORÁMICAS DE QUITO*, Imageshack, 2011.

Figura 35. Área homogênea – Cidade Tradicional de Quito



Fonte: *PANORÁMICAS DE QUITO*, Imageshack, 2011.

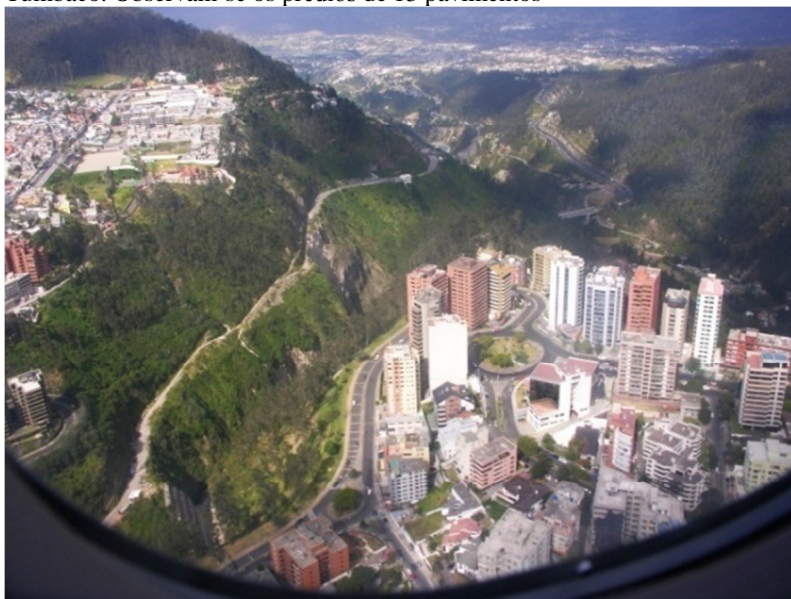
Como as numerosas vagas de emprego criadas no início da prosperidade com o petróleo começaram a tornar-se escassas no ano de **1990**, a ocupação informal na cidade de Quito (equivalente às favelas no Brasil) – na expansão sul e nas áreas circundantes ao aeroporto - se converteu no padrão de ocupação da classe de menor poder aquisitivo, como a única maneira de permanecerem na cidade consolidada, ainda em busca de oportunidades de trabalho. Assim, a cidade de Quito que

ocupava uma área de 2.500 hectares no ano de 1962, passa a ocupar 19.000 hectares na década de 1990 como foi ilustrado anteriormente.

Neste mesmo período, foram construídos, pelas pessoas com maior poder aquisitivo do norte de Quito, vários prédios residenciais de até 13 pavimentos ao nordeste da expansão norte da cidade (Figura 36) – setor Gonzalez Suarez, e também alguns condomínios fechados horizontais e de grandes dimensões na periferia norte da expansão norte (Figuras 37).

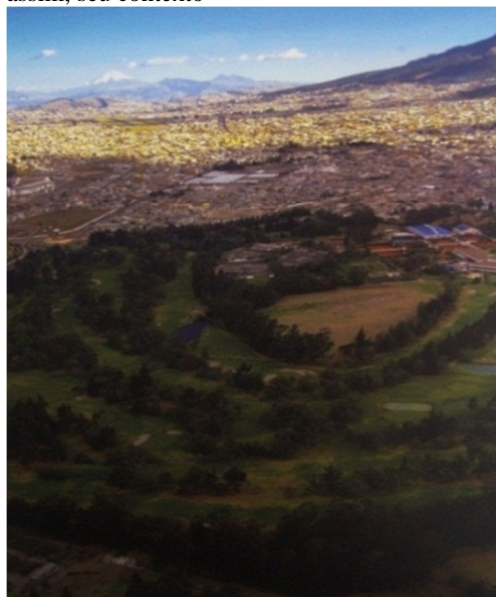
Este tipo de ocupação com centros especializados residenciais murados que não permitem sua relação com o espaço público que configuram, começa a tornar-se o padrão de ocupação do território ao norte da cidade, localizando-se um do lado do outro e configurando grandes bordas de ruptura na malha urbana; assim, a **permeabilidade da expansão norte, tornou-se baixo** o que desertificou ainda mais os espaços públicos.

Figura 36. Vista aérea do setor Gonzalez Suares. Ao fundo o Vale de Tumbaco. Observam-se os prédios de 13 pavimentos



Fonte: OCEANART.US, 2011.

Figura 37. Observa-se ao norte de Quito o campo de Golf de um dos condomínios da expansão norte da cidade que se encontra murado, negando assim, seu contexto



Fonte: Livro VIDA PARA QUITO, s/d , p. 134.

A baixa **porosidade** no térreo, observado nestes condomínios verticais e horizontais identificado em Quito, desertifica o espaço público ao não possibilitar a inter-relação do privado com o espaço público. Além disso, ao serem especializados, não possuem uma **diversidade** de atividades que possam promover o fluxo permanente de usuários em diferentes horários acentuando a desertificação dos espaços públicos e **dificultando sua apropriação** ao tornarem-se lugares inseguros.

Buscando ressaltar as características morfológicas da estrutura que possibilitem e incentivem a uma maior apropriação da cidade como o todo, identificamos, na Tabela 7, os padrões espaciais positivos – na escala da estrutura da cidade – encontrados na Quito contemporânea. Com base nestes padrões espaciais positivos vamos lançar as diretrizes de projeto de arquitetura da cidade para a paróquia de Cumbayá, na escala da sua estrutura, no capítulo III.

Tabela 7. Padrões espaciais positivos identificados na cidade contemporânea de Quitono de la Ciudad de Quito de 1978. In: FONSAL, 2010, p. 177.

<u>PADRÕES ESPACIAIS POSITIVOS DA ESTRUTURA - IDENTIFICADOS NA CIDADE CONTEMPORÂNEA DE QUITO</u>		
	<u>Qualidade de desempenho da forma da cidade identificada.</u>	<u>PADRÕES ESPACIAIS POSITIVOS (que possibilitam a existência das qualidades de desempenho da forma incentivando a apropriação da cidade.</u>
<u>ESCALA DA ESTRUTURA DA CIDADE – CONFIGURAÇÃO DO SISTEMA DE ESPAÇOS PÚBLICOS E DE CENTRALIDADES.</u>	LEGIBILIDADE	<ul style="list-style-type: none"> • Em relação aos caminhos: <ul style="list-style-type: none"> • Facilitam os deslocamentos na cidade. • Permitem sua identificação de acordo com sua escala, através de sua configuração espacial e das relações que estabelecem entre o público e o privado. • Articulam os diversos nós ou centralidades de interesse coletivo. • Em relação nós: <ul style="list-style-type: none"> • Nós em diferentes escalas, apoiados por infraestruturas comunitárias que incentivam os fluxos, os intercâmbios, as situações, etc., que configuram um sistema de centralidades. • Espaços (públicos) de transição como: largos, galerias, reentrâncias, etc., entre as infraestruturas comunitárias e os espaços públicos onde há concentração de usuários em diversos horários. • Em relação aos marcos referenciais: <ul style="list-style-type: none"> • Os próprios nós, a maioria de vezes, representam marcos de referência em diferentes escalas. • Alguns volumes arquitetônicos, por sua forma, tamanho, altura, relevância, linguagem, etc., representam marcos em diferentes escalas. • Os elementos naturais próprios do sítio físico atuam como marcos de referência para a orientação na cidade. • Em relação às áreas homogêneas: <ul style="list-style-type: none"> • Apresentam características que permitem sua identificação na cidade. • Em relação às bordas de ruptura: <ul style="list-style-type: none"> • São os elementos naturais do território como vulcões, rios, <i>quebradas</i> e morros. • Em relação ao sistema de espaços públicos e de centralidades: <ul style="list-style-type: none"> • Espaços públicos e centralidades articulados, em sistemas de espaços públicos e de centralidades, que permitem a identificação da cidade como o todo através dos cinco elementos envolvidos na produção de uma imagem mental da cidade.
	PERMEABILIDADE	<ul style="list-style-type: none"> • Em relação ao sítio físico: A ocupação urbana está articulada com os elementos e processos naturais como morros, quedas de água, quebradas, vulcões e rios. • Em relação à malha: <ul style="list-style-type: none"> • Adapta-se à topografia facilitando os fluxos. • Permite o fácil acesso a nós importantes de interesse coletivo dos usuários da cidade. • Priorização dos pedestres na construção dos caminhos (calçadas amplas que incentivem os fluxos de pedestres). • Em relação ao macroparcelamento: <ul style="list-style-type: none"> • Quarteirões com dimensões adequadas (de 80m x 80m até de 150m x 150m) que facilitam e agilizam os fluxos na cidade. • Os quarteirões não constituem bordas de ruptura por suas dimensões. • Em relação aos volumes que configuram os espaços públicos: <ul style="list-style-type: none"> • As edificações possibilitam a articulação do tecido urbano ao não atuar como barreiras ou interrupções na continuidade da malha. • Em relação ao sistema de espaços públicos e de centralidades: <ul style="list-style-type: none"> • Espaços públicos e centralidades articulados formando sistemas de espaços públicos e de centralidades que facilitam o fácil deslocamento pela cidade.

Fonte: Daniela Sofía Loaiza Jiménez, 2012.

2.2 A CONFIGURAÇÃO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS

Com base nas considerações acerca da configuração dos espaços públicos e sua apropriação tecidas no capítulo I, procedemos à caracterização e análise de alguns importantes lugares – espaços públicos da cidade de Quito, buscando identificar padrões espaciais de configuração que incentivem sua apropriação.

2.2.1 Na cidade tradicional de Quito

Para análise da configuração e apropriação dos espaços públicos na CTQ utilizamos a técnica de caracterização do espaço urbano proposta por Trieb e Schmidt apud Kohlsdorf¹⁷⁵. Das categorias propostas pelos autores, analisamos **a forma dos lotes resultantes de microparcelamento nos quarteirões resultantes do macroparcelamento, a relação do edifício com o lote e, sobretudo as relações entre espaços públicos e privados para investigar a apropriação dos espaços públicos, potencializada através de sua configuração.**

Assim, serão caracterizados os principais espaços públicos tradicionais da Cidade de Quito e sua configuração pelas das diferentes tipologias arquitetônicas das edificações que constituem as paredes destes espaços, para logo analisar-se a relação dos edifícios com o espaço público e o número de “*olhos*”¹⁷⁶ ou aberturas das edificações que permitem a relação direta do privado com o público.

Esta análise dos principais espaços públicos da CTQ se dá a partir de um cruzamento analítico da configuração desses espaços com as qualidades de desempenho da forma urbana, aqui abordadas como aquelas diretamente relacionadas com a apropriação: analisaremos a **diversidade**, e a **porosidade** nestes espaços.

As duas praças de Quito, principais espaços públicos da CTQ a serem caracterizadas e analisadas neste capítulo quanto à sua apropriação, forma e configuração, são a *Plaza de la Independencia* e a *Plaza de San Francisco*. Também são analisados alguns caminhos da cidade, já que se verifica que o conjunto dessas praças e dessas ruas

¹⁷⁵ KOHLSDORF, 2006.

¹⁷⁶ JACOBS, 2000, p. 52.

constitui um padrão na configuração dos principais espaços públicos na CTQ que possibilitam a apropriação.

· *A Plaza de la Independencia* – praça cívica

A *Plaza de la Independencia* (Figura 38), praça com a maior importância cívica da cidade, é configurada pelas paredes da Catedral - ao Sul, do *Palácio de Gobierno* - ao Oeste, do *Palacio Arzobispal* ao Norte, e da Prefeitura de Quito - ao Leste. Todos estes edifícios são públicos com exceção da Catedral que é privada, mas tem intensa apropriação coletiva; são edificações de três pavimentos (com exceção do campanário da Catedral com 12 metros de altura), estão dispostos no alinhamento e em “relação direta”¹⁷⁷ com o espaço público (Figura 39), o que estimula a apropriação da praça.

Figura 38. *Plaza de la Independencia* e as edificações que a configuram



Fonte: Livro VIDA PARA QUITO, s/d, p. 55.

¹⁷⁷ KOHLSDORF, 2006.

Figura 39. Observa-se a quantidade de portas ou membranas permeáveis que permitem a relação direta da praça com as edificações



Fonte: Daniela Sofia Loaiza Jiménez, 2011.

Os quarteirões regulares, de 80m x 80m e de 80m x 120m, que caracterizam o entorno da praça (Figura 40) estão divididos em lotes irregulares, ambos resultantes do macroparcelamento e do microparcelamento da época colonial. Os volumes edificados nestes lotes são prédios de três pavimentos, em fita, dispostos no alinhamento e de uso misto residencial e comercial.

Figura 40. Macroparcelamento e microparcelamento ao redor da *Plaza de la Independencia* (em vermelho)



Fonte: Daniela Sofia Loaiza Jiménez, 2011.

Os lotes maiores foram destinados à construção de edifícios públicos e religiosos considerados os prédios com maior importância e significado na colonização, quando o território foi estruturado e parcelado.

Essa **diversidade** de formas e tamanhos dos lotes permitiu a construção de volumes com diferentes tamanhos e dimensões. Isto, vinculado com a economia permite uma grande variedade de preços dos locais comerciais, residenciais, etc., tornando-se assim uma compra acessível para pessoas com diferente poder aquisitivo. Isto promove a mistura de pessoas com diferentes níveis econômicos, permitindo a diversidade de usuários tão importante na apropriação da praça.

Ao mesmo tempo, essa diversidade no tamanho dos lotes possibilita diferentes tipologias de edificações que permitem **diversidade** de atividades nelas desenvolvidas desde a época colonial, ou seja, a forma e tamanho dos prédios possibilitaram vários tipos de uso, o que incentivou a existência de vários tipos de usuários e em diferentes horários. Assim, se contribui com uma maior **apropriação** da praça.

A variedade de usos que existem nos prédios que configuram o espaço público da praça nos permite identificar a **diversidade** na CTQ. Entre eles identificamos os usos comercial, cultural e residencial, de escritórios e de serviços públicos e privados. Esta diversidade de usos promove fluxos intensos em diferentes horários e por diferentes usuários, já que não são áreas especializadas em uma só atividade e para um público alvo determinado. Assim, pode-se argumentar que a Praça na CTQ é altamente apropriada.

Ao falarmos de configuração, é importante ressaltar que a caracterização morfológica dos lugares por seus edifícios, ou seja, as correspondentes fachadas dos espaços devem ser “consideradas prioritariamente quando voltadas para as áreas públicas”¹⁷⁸, pois constituem as paredes laterais dos espaços mais expostos ao registro perceptivo dos usuários – os espaços públicos, e, no caso, a praça.

Verifica-se na figura 41 a forma como os volumes arquitetônicos criam um fechamento do espaço público produzindo uma clara noção das dimensões da praça. A proporção dos volumes e da praça é adequada para produzir este efeito. Neste sentido, podemos falar de **legibilidade na escala do lugar**, pois ao nos sentirmos orientados

¹⁷⁸ KOHLSDORF, 2006.

dentro de um espaço é possível criar uma imagem mental clara do lugar. Esta legibilidade possibilita a maior apropriação da praça, o que foi verificado em campo (Figura 41).

Figura 41. Praça da Independência configurada pelo Palácio Presidencial, pelo Palácio Arcebispal, pela Prefeitura e pela Catedral



Fonte: PANORÁMICAS DE QUITO, Imageshack, 2011.

Em relação à **porosidade**, identificamos na *Plaza de la Independencia* vários elementos permeáveis ou “olhos”¹⁷⁹ que permitem a relação dos espaços privados com os públicos. Ellin¹⁸⁰ ressalta que uma cidade com espaços públicos configurados por várias destas “membranas permeáveis” aumenta a experiência da cidade ao permitir uma “infiltração” de um espaço e outro, e assim incentiva a relação dos espaços públicos e privados. Enfatizando esta estreita relação o autor De Solá Morales¹⁸¹ argumenta que os **espaços privados só adquirem significado quando se encontram em inter-relação com o espaço público.**

Os atributos morfológicos dos edifícios são importantes caracterizadores dos espaços, já que, na maioria dos casos, constroem as paredes que configuram os espaços públicos; por esta razão não se podem esquecer os elementos que configuram essas paredes, já que são as “responsáveis” por gerar essa infiltração entre público e privado através dos elementos permeáveis.

Na figura 42 é possível distinguir os elementos construídos no seu alinhamento com clareza, e também os elementos que possibilitam a relação direta do prédio com a praça (em vermelho). Entendemos assim,

¹⁷⁹ JACOBS, 2000, p. 52.

¹⁸⁰ ELLIN, 2006.

¹⁸¹ DE SOLÁ MORALES, 1992.

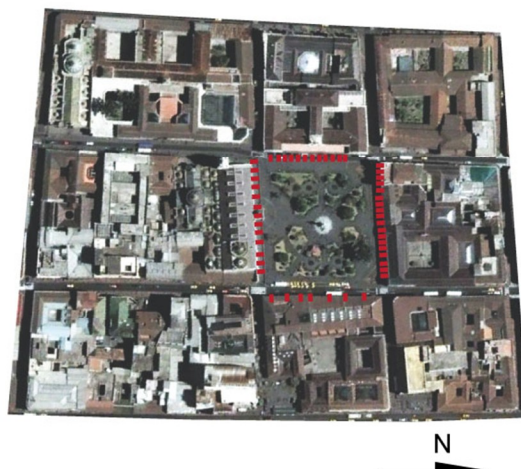
que as edificações apresentam uma alta **porosidade**, o que permite a inter-relação do espaço privado e do espaço público. Nas Figuras 42 e 43 é possível observar como as instituições políticas e religiosas que configuram a praça, têm no térreo vários elementos permeáveis – portas, marcadas em cor vermelha e laranja, que permitem o acesso a locais destinados a venda de artesanatos e comida típica. Esta relação incentiva o uso do espaço público, ao incentivar os fluxos, e assim, possibilita e contribui com uma maior **apropriação** da praça.

Figura 42. Fachadas dos *Palacios de Gobierno e Arzobispal* que configuram a *Plaza de la Independencia*. Em vermelho, os elementos que estabelecem porosidade: portas de locais comerciais em ambos os palácios, em relação direta com a praça



Fonte: Daniela Sofia Loaiza Jiménez, 2011.

Figura 43. Quarteirões circundantes à Praça da Independência com sua ocupação nos lotes. No centro a Praça, e em vermelho os elementos que estabelecem porosidade: portas em relação direta com a praça.



Fonte: Fonte: Daniela Sofia Loaiza Jiménez, 2011, sobre imagem do Google Earth, 2011.

Assim, podemos dizer que encontramos, na *Plaza de la Independencia*, todas as qualidades elencadas nesta pesquisa, vinculadas com o desempenho da forma que configura o espaço público da praça: **diversidade, porosidade, e legibilidade na escala do lugar**. Podemos falar, portanto, de uma praça com **grande potencial de apropriação**.

A interação destas qualidades do desempenho da forma promove a apropriação dos espaços públicos, já que incentiva os fluxos entre o privado e o público. Como explica Milton Santos,

O estudo das interações entre os diversos elementos do espaço é um dado fundamental da análise. Na medida em que *função é ação*, a interação supõe interdependência funcional entre os elementos. Através do estudo das interações, recuperamos a totalidade social, isto é, o espaço como um todo e, igualmente, a sociedade como um todo. Pois cada ação não constitui um dado

independente, mas um resultado do próprio processo social.¹⁸²

Além de encontrarmos estas qualidades nesta Praça da CTQ, é importante ressaltar que sua **densidade** é outra característica importante, já que a concentração de pessoas é a que permite que existam os fluxos constantes, e assim, a diversidade de usos, usuários e horários, o que permite maior **segurança** nos espaços públicos e promove **maior apropriação**.

· A *Plaza de San Francisco* – praça de mercado

A outra praça de grande importância na CTQ é a de *San Francisco* (Figura 44). Esta praça funcionava, na época da colônia, como praça de mercado informal. Atualmente, a praça continua sendo um espaço de venda informal de alimentos, mas tem diminuído bastante por ordenança da prefeitura de Quito que localizou o mercado informal em um prédio que fica próximo ao atual centro histórico de Quito. Este espaço público que ocupa um quarteirão do tecido da CTQ é configurado pelas paredes da *Iglesia de San Francisco* - a Oeste, e de edifícios privados - ao Norte, Sul e Leste. Todos estes edifícios são de três pavimentos (com exceção dos campanários da Igreja que com 12 metros de altura), estão dispostos no alinhamento e em relação direta com a Praça (Figuras 44 e 45).

¹⁸² SANTOS, Milton, 1985, p. 7.

Figura 44. Praça de San Francisco e as edificações que a configuram



Fonte: Livro VIDA PARA QUITO, s/d, p. 41.

Figura 45. Fachada da Igreja de San Francisco. Observam-se as portas dos locais comerciais no térreo da Igreja criando uma relação direta com a Praça

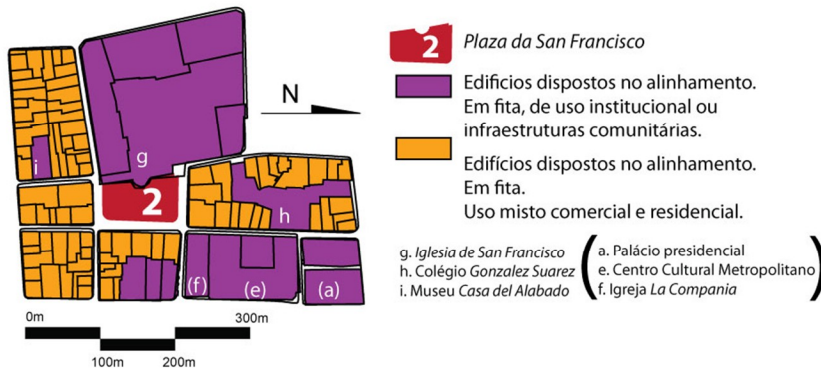


Fonte: Daniela Sofia Loaiza Jiménez, 2011.

Observa-se na figura 46 a divisão dos lotes nos quarteirões irregulares que circundam a *Plaza de San Francisco*. São menores do que os da *Plaza de la Independencia*, o que permitiu maior diversidade de formas. O único lote maior que configura o lado oeste da praça é o lote onde estão construídos a Igreja e o Mosteiro de *San Francisco*.

Todos os prédios estão construídos no alinhamento e todo o térreo do perímetro da praça é de uso comercial e de serviços. O segundo e terceiro pavimentos são de uso residencial.

Figura 46. Macroparcelamento e microparcelamento ao redor da *Plaza de San Francisco* (em vermelho)



Fonte: Daniela Sofia Loaiza Jiménez, 2011.

Essa **diversidade** na forma e tamanho dos lotes possibilitou ter diferentes tipologias arquitetônicas que possibilitam a existência de vários usos atribuídos a essas formas: comercial, de serviços, religiosa e residencial. Essa diversidade de usos, usuários e horários também promove maior uso da praça e assim, contribuem com sua efetiva **apropriação**.

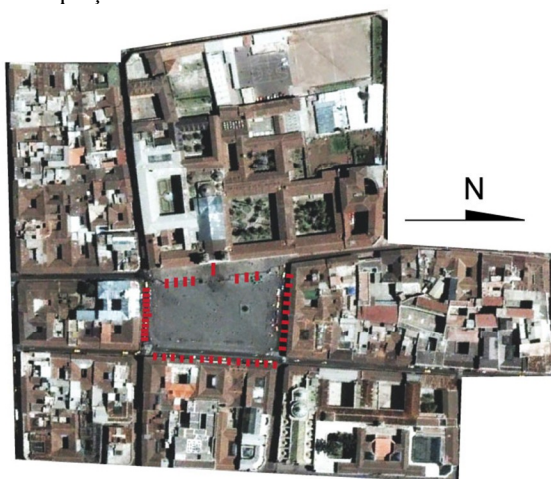
Nas figuras 47 e 48 é possível distinguir os elementos arquitetônicos construídos no alinhamento e as membranas permeáveis que permitem a **porosidade** entre os prédios privados e o espaço público. Pode-se observar como o prédio religioso da Igreja de *San Francisco* possui várias portas no térreo, marcadas em vermelho, de locais comerciais e de um museu. Essa relação direta que existe entre a praça e as edificações de seu entorno, inclusive a Igreja incentiva o uso desse espaço público e assim, promove sua **apropriação**.

Figura 47. Fachadas da Igreja de *San Francisco* e do edifício comercial que configuram a *Plaza de San Francisco*. Em vermelho os elementos que estabelecem porosidade: portas de locais comerciais, em relação direta com a praça



Fonte: Daniela Sofia Loaiza Jiménez, 2011.

Figura 48. Quarteirões que configuram a *Plaza de San Francisco* e sua ocupação nos lotes. Em vermelho as portas que se encontram em relação direta com a praça



Fonte: Daniela Sofia Loaiza Jiménez, 2011, sobre imagem do Google Earth, 2011.

Assim, podemos dizer a Praça *San Francisco*, ao apresentar todas as qualidades de desempenho da forma na escala da configuração dos lugares, elencada nesta dissertação, podemos dizer que se trata de uma praça com um **grande potencial para ser apropriada**.

· Caminhos

Nas ruas, que junto com as duas praças analisadas, constituem os principais elementos estruturadores da CTQ, os edifícios também estão posicionados com alto grau de contiguidade - em fita, dispostos no alinhamento e com diversidade de usos, gerando paredes contínuas, e assim, possibilitando efeitos perspectivos e de direcionamento (Figura 54). Nesse sentido, percebemos que estes caminhos apresentam uma boa legibilidade na escala do lugar ao permitir a criação de uma imagem mental do espaço que promove sua maior **apropriação**.

Figura 49. Ruas configuradas por prédios de uso misto na cidade tradicional de Quito. Percebe-se a efetiva apropriação do espaço



Fonte: Daniela Sofía Loaiza Jiménez, 2011.

A **diversidade** de tamanhos e formas dos lotes que encontramos na CTQ possibilita a existência de várias formas e tamanhos dos edifícios, e assim, uma diversidade de usos, usuários e horários.

A disposição das edificações no alinhamento, e a quantidade de elementos permeáveis na composição volumétrica das fachadas dos edifícios, permitem uma relação direta do público com o privado. A porosidade é identificada pela quantidade de portas marcadas em vermelho nas Figuras 50 e 51 que mostram como é essa relação direta dos locais comerciais com a rua. Esta relação permite um maior fluxo dos usuários, incentivando o uso das ruas, e assim, promovendo uma maior apropriação.

Figura 50. Fachada da Rua Gabriel García Moreno na cidade Tradicional de Quito. Em vermelho os elementos que estabelecem porosidade: portas de locais comerciais, em relação direta com o espaço público. No segundo e terceiro pavimento, janelas das residências dessa rua



Fonte: Daniela Sofía Loaiza Jiménez, 2011.

Figura 51. Em vermelho as portas da Rua que se pode ver na Figura 14 que estão em relação direta com o espaço público



Fonte: Daniela Sofia Loaiza Jiménez, 2011.

Assim, podemos dizer que encontramos, nas ruas da CTQ, todas as qualidades de desempenho da forma na escala da configuração dos lugares - espaços públicos – **diversidade, porosidade, e legibilidade na escala do lugar**, são ruas com um grande potencial para serem apropriadas.

2.2.2 Na expansão norte

Para análise da configuração e apropriação dos espaços públicos da expansão norte de Quito utilizamos também a técnica de caracterização do espaço urbano, proposta por Trieb e Schmidt apud Kohlsdorf¹⁸³. Assim, foram analisados **a forma dos lotes resultantes de microparcelamento nos quarteirões resultantes do macroparcelamento, a relação do edifício com o lote e, sobretudo, as relações entre espaços públicos e privados para investigar a apropriação dos espaços públicos potencializada através de sua configuração.**

Foram caracterizados os principais espaços públicos desta expansão a partir de sua configuração por diferentes tipologias

¹⁸³ KOHLSDORF, 2006.

arquitetônicas dos volumes que constituem as paredes destes espaços públicos. Também foi analisada a relação dos edifícios com estes espaços públicos através de membranas permeáveis que permitem a infiltração do público e do privado.

Esta análise dos principais espaços públicos da expansão norte foi feito a partir do cruzamento analítico dos padrões espaciais de sua configuração e a base teórica estudada no segundo capítulo em relação aos critérios de desempenho da forma da cidade diretamente envolvidos com a apropriação – a diversidade e a porosidade.

Os quatro parques de Quito, principais espaços públicos da expansão norte, caracterizados e analisados neste título são: Os parques *La Alameda*, *El Ejido*, *El arbolito* e *La Carolina*. Estes parques foram eleitos ao apresentar padrões espaciais de configuração e de apropriação nos espaços públicos desta expansão.

· Parques *La Alameda*, *El Ejido* e *El Arbolito*

Estes três parques da expansão norte de Quito representam nós ou pólos atrativos da cidade, pela **diversidade de formas** de atividades, de usuários e de horários que concentram através de sua configuração. As edificações antigas que configuram os três principais parques do norte da cidade foram demolidas no começo da década de 1930 (com exceção das mais antigas que foram conservadas por seu valor histórico), e o novo microparcelamento do solo, que foi estudado anteriormente, permitiu a construção de grandes prédios em seu lugar com o começo da modernização da cidade.

Grandes prédios em altura são agora os configuradores dos três parques, *El Ejido*, *La Alameda* e *El Arbolito*. Este começa a ser o novo padrão espacial de configuração dos espaços públicos da expansão norte da Cidade, aumentando a densidade de usuários e de atividades. A partir desta significativa mudança na imagem do norte da cidade, que se mantém até hoje, estes três parques passaram a ter maior **apropriação**, o que os transformou em pólos atrativos na escala da cidade, e os converte em importantes nós onde existe uma intensa concentração de fluxos de usuários e mercadorias.

A partir da década de 1970 o norte de Quito transformou-se no novo centro financeiro da cidade como já foi explicado, e duas das instituições financeiras mais importantes do país, verdadeiros

referenciais e nós, que ficavam anteriormente na CTQ, migraram para o perímetro dos parques do norte. O *Banco Central del Ecuador* (Figura 52) instalou-se, em um prédio de 12 pavimentos, na frente do parque *La Alameda*, e a *Corporación Financiera Nacional* (Figura 53) instalou-se em um prédio de 23 pavimentos - o mais alto de Quito, na frente do parque *El Ejido*.

Figura 52. Observa-se o prédio novo do Banco Central do Equador, na frente do Parque *La Alameda*, que mostra uma arquitetura moderna visando representar à nova Quito Moderna



Fonte: *BANCO CENTRAL DEL ECUADOR*, Flickr, 2011.

Figura 53. Observa-se o prédio mais alto de 23 andares onde se localiza a Corporação Financeira Nacional ao Norte de Quito na frente do Parque *El Ejido*



Fonte: *EDIFICIOS MÁS ALTOS DE QUITO*, Skyscraperlife, 2011.

A configuração destes parques (Figura 54, 55 e 56), com prédios altos, dispostos no alinhamento, com afastamentos laterais (os que configuram os parques *El Ejido* e *El Arbolito*) e em fita (o que configura o parque *La Alameda*), e de uso misto, possibilitou uma maior **diversidade** de atividades, e assim também de usuários e horários, incentivando a apropriação dos espaços públicos da área. Além disso, a maioria destes volumes que configuram os parques possui vários elementos permeáveis que permitem uma alta **porosidade** e inter-relação dos edifícios com o espaço público, o que reforça ainda mais seu potencial de **apropriação**.

Figura 54. Observa-se a configuração do parque *La Alameda* por alguns prédios modernos de até 12 andares dispostos no alinhamento, em fita, e de uso misto comercial e escritórios, e por prédios históricos de até 4 andares, dispostos no alinhamento, em fita que são conservados como patrimônio de uso institucional



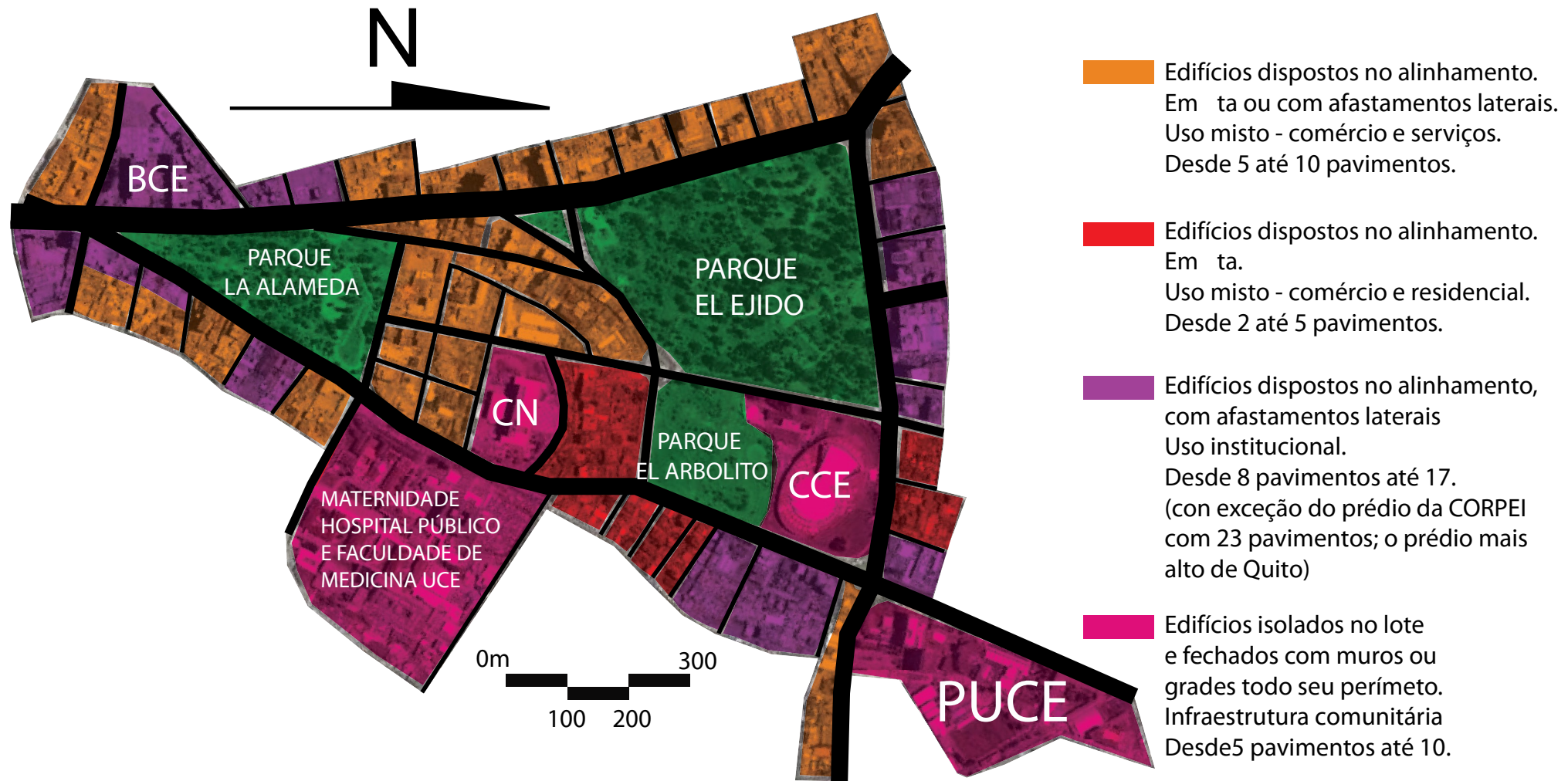
Fonte: Livro VIDA PARA QUITO, s/d, p. 81.

Figura 55. Observa-se a configuração do Parque *El Ejido* por prédios modernos de até 23 andares dispostos no alinhamento, com afastamento lateral, e de uso misto residencial, comercial e institucional



Fonte: Livro VIDA PARA QUITO, s/d, p. 80.

Figura 56. Configuração dos parques La Alameda, El Ejido e El Arbolito



Fonte: Daniela Sofia Loaiza Jiménez, sobre imagem do Google Earth, 2011.

· Parque *La Carolina*

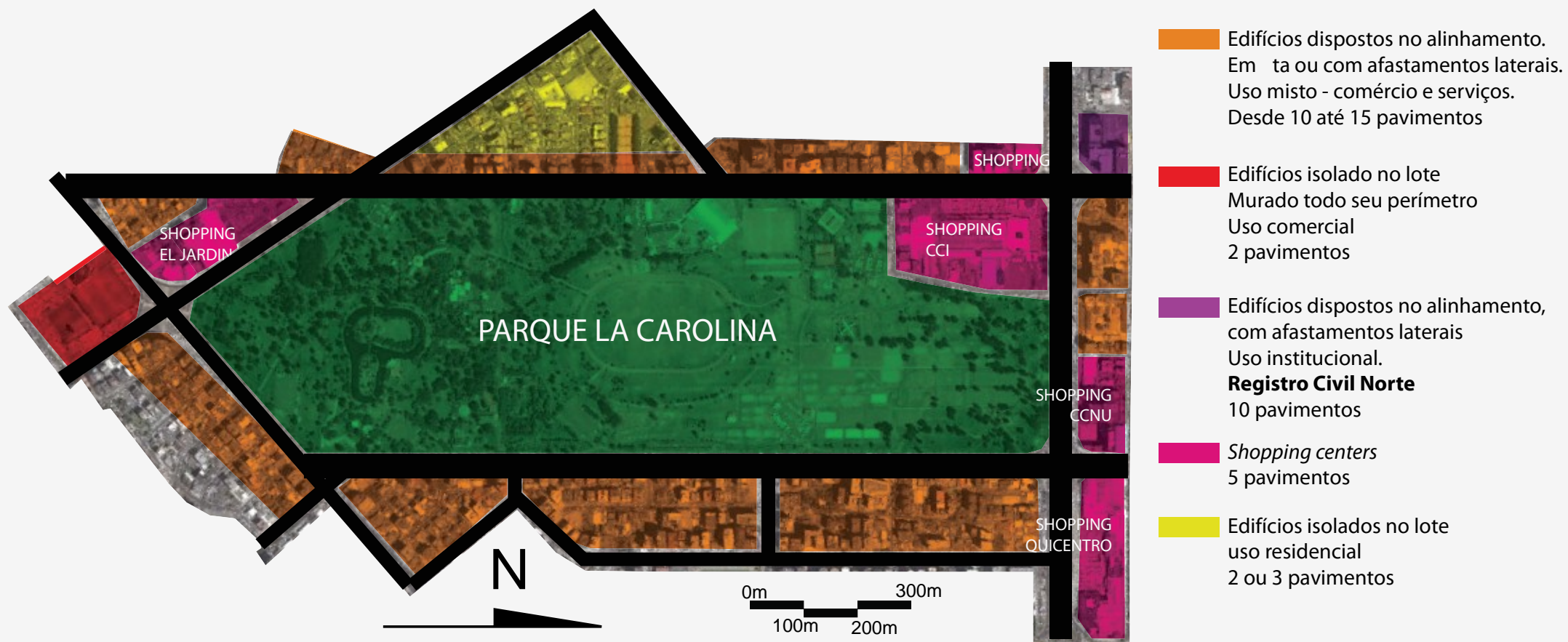
Este parque de 67 hectares, como já foi mencionado, é configurado por prédios de até 17 pavimentos dispostos no alinhamento, com afastamentos laterais, de uso misto, e também por 3 *shopping centers* que foram construídos ao norte, nordeste e sudoeste de seu perímetro, ao lado de avenidas importantes da cidade (Figura 57 e 58). As vias de trânsito rápido, que separam o parque dos volumes configuradores, tornaram-se barreiras que dificultam a passagem de pedestres, e a pouca relação existente entre os prédios dos novos *shopping centers* e este espaço público, também **dificultaram a apropriação** do parque.

Figura 57. Observa-se a parte Sul do Parque *La Carolina*, configurado por prédios em altura



Fonte: Daniela Sofía Loaiza Jiménez, 2011.

Figura 58. Configuração do Parque La Carolina por prédios altos e shopping centers



Fonte: Daniela Sofia Loaiza Jiménez, sobre imagem do Google Earth, 2011.

Este parque tem se convertido numa enorme barreira na cidade e um dos espaços públicos mais evitados durante a semana, pois por sua baixíssima ocupação, tornou-se um espaço deserto e perigoso. Já nos finais de semana, o parque é aproveitado pelas pessoas de menor poder aquisitivo da cidade, geralmente moradores da periferia norte e da expansão sul de Quito, pois o parque tem elementos para a realização de atividades gratuitas nos sábados e domingos, motivo pelo qual o parque é apropriado nesses dias.

Esta apropriação ocorre com as áreas esportivas (com campos de futebol e vôlei), com uma área para passeio de crianças em cavalos, pequenas lagoas artificiais para passear em barcos pequenos, o Jardim Botânico de Quito, O Museu de Ciências Naturais. A “*Cruz del Papa*” que foi inaugurada para a chegada do Papa João Paulo II em 1985, agora é um importante marco de referência da Cidade, já que ali se fazem várias apresentações de bandas de música do país e é um ponto de encontro para as greves, encontros políticos e manifestações de todo tipo.

A **diversidade** de atividades, usuários e horários, promovida pela diversidade de formas e usos dos prédios configuradores, e sua **porosidade** permitem a relação dos prédios com o espaço público, no entanto, a presença destas qualidades **não é suficiente para possibilitar uma efetiva apropriação** do parque, já que as relações estão interrompidas pelo alto fluxo e velocidade do trânsito e a pouca preocupação das dimensões das calçadas, como foi exemplificado anteriormente. Ou seja, esta relação não foi pensada na escala dos pedestres no entorno, os principais potenciais usuários deste espaço.

Buscando ressaltar as características morfológicas dos espaços públicos que possibilitam e incentivam a uma maior apropriação da cidade, na Tabela 8, foram identificados os padrões espaciais positivos – na escala dos lugares – encontrados na Quito contemporânea. Com base nestes padrões espaciais positivos vamos lançar as diretrizes de projeto de arquitetura da cidade para a paróquia de Cumbayá, na escala de configuração dos espaços públicos, no capítulo III.

Tabela 8. Padrões espaciais positivos identificados na configuração dos espaços públicos da Quito contemporânea

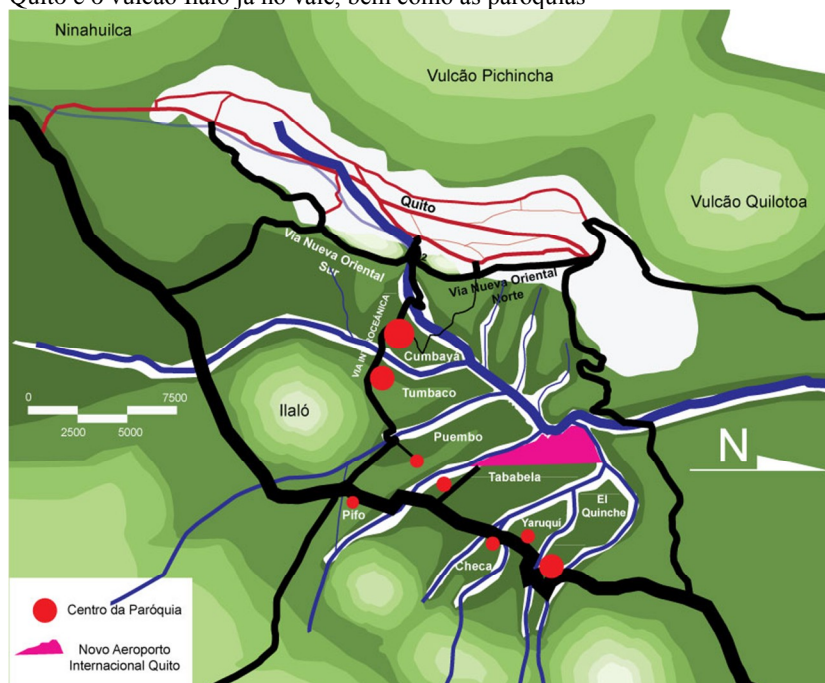
<u>PADRÕES ESPACIAIS POSITIVOS DA CONFIGURAÇÃO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS – IDENTIFICADOS NA CIDADE CONTEMPORÂNEA DE QUITO</u>		
	<u>Qualidade de desempenho da forma da cidade identificada.</u>	<u>PADRÕES ESPACIAIS POSITIVOS (que possibilitam a existência das qualidades de desempenho da forma incentivando a apropriação da cidade.</u>
<u>NA ESCALA DOS LUGARES – CONFIGURAÇÃO ESPAÇOS PÚBLICOS.</u>	DIVERSIDADE	<ul style="list-style-type: none"> • Em relação ao microparcelamento: <ul style="list-style-type: none"> · Diversidade de formas e tamanhos de lote configurando os espaços públicos. • Em relação à disposição dos volumes que configuram os espaços públicos: <ul style="list-style-type: none"> · Diversas formas de dispor as edificações que configuram os espaços públicos pela diversidade de formas e tamanhos dos lotes onde são construídas. • Em relação aos usos atribuídos aos volumes que configuram os espaços públicos: <ul style="list-style-type: none"> · Diversidade de usos – comercial, residencial, institucional, de serviços, de educação, cultural, etc., que podem ser atribuídos às diferentes formas e tamanhos dos volumes que configuram os espaços públicos. • Em relação aos usuários e horários: <ul style="list-style-type: none"> · Diversidade de usuários e horários possibilitada pela diversidade de usos existentes nos edifícios que configuram os espaços públicos.
	POROSIDADE	<ul style="list-style-type: none"> • Em relação às membranas permeáveis que facilitam a infiltração do público e do privado: <ul style="list-style-type: none"> · As paredes que configuram os espaços públicos apresentam várias janelas e portas que permitem a infiltração (física e visual) do público e do privado.

Fonte: Daniela Sofia Loaiza Jiménez, 2011.

2.3 EXPANSÃO NORDESTE DE QUITO – O VALE DE TUMBACO

O vale de Tumbaco abrange uma área de 64 mil hectares e conta atualmente com 174 mil habitantes. Está conformado pelas Paróquias de Cumbayá, Tumbaco, Pifo, Puembo, Tababela, Checa, Yaruquí e El Quinche (Figura 59) e constitui a expansão nordeste da cidade de Quito (Figura 59). O vale tem uma altitude média de 2.300, um clima úmido e uma temperatura que varia dos 10°C aos 25°C.

Figura 59. Localização da cidade de Quito e o vale de Tumbaco com as paróquias que o configuram e os centros tradicionais de cada uma delas formando um sistema de centralidades. Observam-se os três vulcões ao oeste de Quito e o vulcão Ilaló já no vale, bem como as paróquias



Fonte: Daniela Sofia Loaiza Jiménez, 2011.

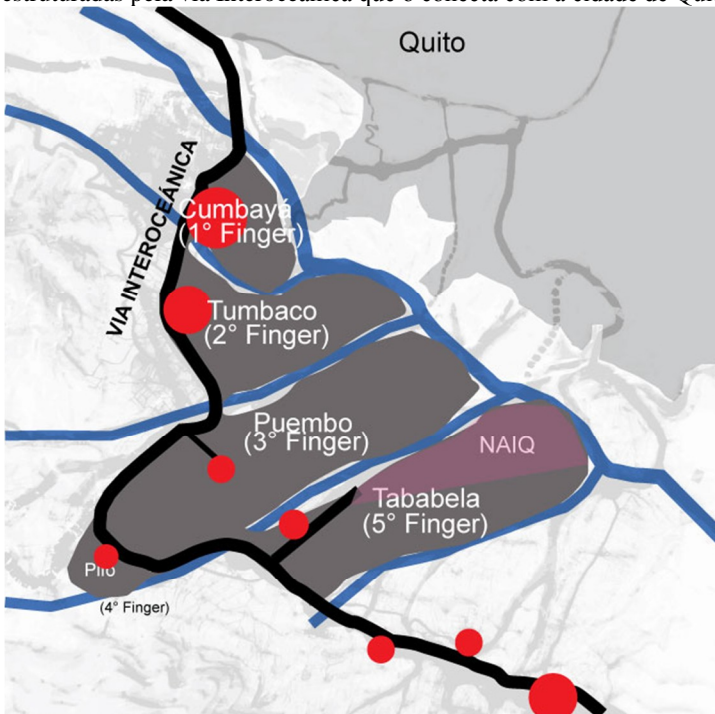
O solo do vale permite o cultivo de vários produtos agrícolas como o milho, tomate e morango, motivo pelo qual o vale foi

considerado desde a época pré-colombiana como área destinada à produção agrícola que abastecia a cidade de Quito.

Como pôde se observar na Figura 59, o vale se estrutura essencialmente pelas características do sítio físico, já que os elementos naturais – cursos de água, *quebradas*, morros e o vulcão Ilaló – estiveram diretamente vinculados aos critérios de ocupação do território.

Este vale forma um conjunto de enclaves – as paróquias – como se fossem dedos (*Fingers*) de uma mão (Figura 60). Os centros de cada uma destas paróquias se articulam com a cidade tradicional de Quito através de um caminho que existe desde o período da colônia. Cada um dos enclaves ou *fingers* que configuram o sítio físico do vale de Tumbaco estão formados por cursos de água – rios caudalosos que constituem bordas de ruptura entre um e outro. Na divisão administrativa desta expansão, se manteve este critério para dividir as paróquias do Vale – Cumbayá, Tumbaco, Puembo, Pifo e Tababela.

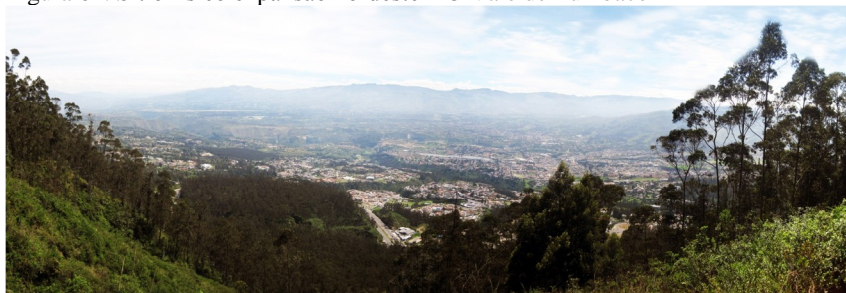
Figura 60. Paróquias do vale de Tumbaco (consideradas nesta dissertação) estruturadas pela via Interoceânica que o conecta com a cidade de Quito



Fonte: Daniela Sofía Loaiza Jiménez, 2011.

Entendemos assim, que as características do sítio físico (Figuras 61) constituíram elementos importantes na ocupação do vale e de sua articulação com a cidade; por esse motivo existe uma baixa **permeabilidade** da estrutura, entre os enclaves ou *fingers*, que se dá principalmente pelas bordas naturais que os configuram, entre eles, os rios os quais formam fundos de vale de até 200 metros de profundidade.

Figura 61. Sítio físico expansão nordeste – O Vale de Tumbaco



Fonte: Daniela Sofia Loaiza Jiménez, 2011.

Em relação à acessibilidade do vale, podemos observar na figura 62 que a via Interoceânica é o principal elemento estruturador do vale e o caminho que o articula com a cidade de Quito. A esta via, se articulam vários caminhos urbanos e rurais que configuram a estrutura de cada uma das paróquias. A esta via também se conectam quatro outros caminhos no trecho entre o ingresso ao Vale e a cidade de Quito que distribuem a circulação para o norte, para o sul e para a cidade tradicional de Quito.

Figura 62. Vias que conectam a cidade de Quito com a via Interoceânica. 1. Via de Los Coquistadores; 2. Via INTEROCEÂNICA ou Guayasamín; 3. Via Nueva Oriental Norte; 4. Via Nueva Oriental Sur. Em vermelho, o nó viário onde as quatro vias acima se encontram e se articulam com a via Interoceânica



Fonte: Daniela Sofía Loaiza Jiménez, 2011.

A *Via De Los Conquistadores* (1) conecta o vale com a cidade tradicional de Quito (atual centro histórico), é mais antiga existindo desde a colonização espanhola, e é uma rua estreita e perigosa por onde não tem acesso o transporte público ou pesado.

A *Via Interoceânica ou Guayasamín* (2), inicia no Centro Moderno de Quito, no início da expansão nordeste, em forma de túnel com três quilômetros de comprimento, e que quando chega ao ingresso do vale, se transforma em uma via com cobrança de pedágio para circular. Esta via também tem restringida a passagem de transporte pesado público – ônibus.

Neste caminho, a circulação é restringida para vários veículos por motivo do tráfego nos horários “pico”. Esta medida chamada de “*pico y*

placa”¹⁸⁴ foi implementada no ano 2010. Por este motivo, a *Via De Los Conquistadores (1)*, torna-se a única alternativa de deslocamento entre o vale e a cidade para vários usuários dos veículos restringidos a passagem nos horários definidos.

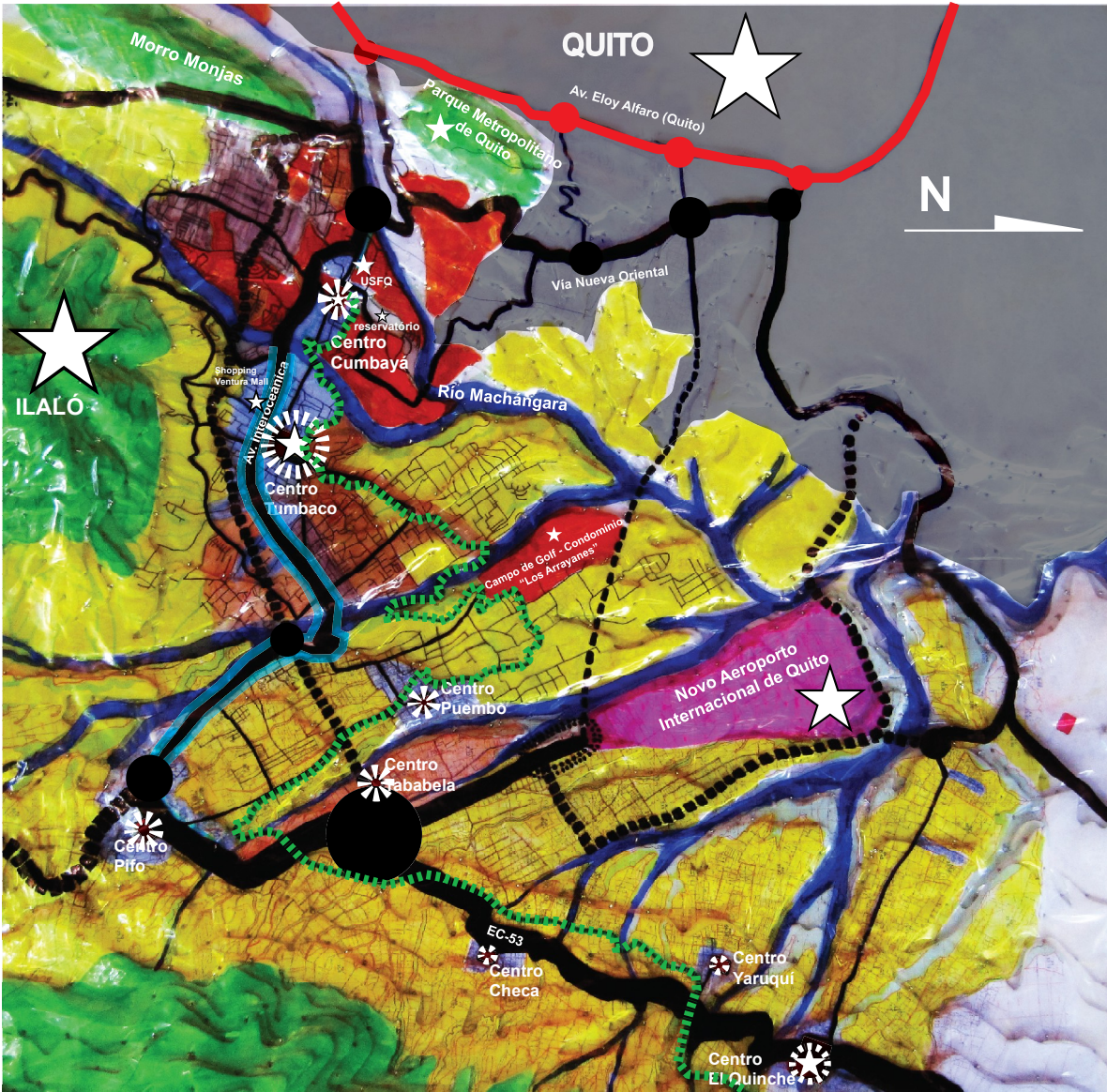
A *Via Nueva Oriental Norte (3)* articula a via Interoceânica com a expansão norte da cidade de Quito. Nesta via é permitida a circulação de transporte público e pesado, e chega até a estação de transporte interparoquial ao norte da cidade de Quito que fica próxima ao Centro Moderno.

De igual forma, a *Via Nueva Oriental Sur (4)* articula a Via Interoceânica com a expansão sul, chegando até a estação de transporte paroquial ao sul da cidade de Quito. Neste caminho também é permitida a circulação de transporte público e pesado, mas os horários do transporte público não são suficientes para a demanda das pessoas, as quais preferem viajar do sul da cidade para o norte e pegar ali o ônibus que os levem ao vale.

Em relação à estrutura do Vale, pode-se observar na Figura 63 que o Vale de Tumbaco encontra-se estruturado pelas vias de maior fluxo de veículos. A grande maioria de caminhos encontra-se dentro dos centros especializados murados (identificados na Figura 63), os quais continuam espalhando-se como uma nova tendência de ocupação do território, sobretudo nas áreas mais próximas aos centros tradicionais de cada uma das paróquias.

¹⁸⁴ A circulação é restringida na Via Interoceânica das 7h30 até as 9h30 (no sentido Quito-vake) pela manhã, e restringe a circulação no sentido Vale-Quito das 18h30 até as 20h pela noite, dependendo do número em que acaba a placa do veículo. Esta medida não se aplica ao transporte coletivo como ônibus, nem a taxis.

Figura 63. Leitura do Vale de Tumbaco



CAMINHOS

- EC - 53, escala nacional
- Escala do Distrito Metropolitano de Quito
- Escala do Vale de Tumbaco
- Escala local
- Av. Eloy Alfaro (Quito) Escala do DMQ
- Chaquinan - Parque linear e ciclovia
- VÍAS PROPOSTAS PELO ILM (Ilustre Município de Quito)

NÓS

- Nós viários Vale de Tumbaco
- Nós viários Cidade de Quito
- Nós - concentração de pessoa e atividades

MARCOS REFERENCIAIS

- Marcos em diferentes escalas

ÁREAS HOMOGÊNEAS
RELAÇÃO DA EDIFICAÇÃO COM O LOTE E O ESPAÇO PÚBLICO,
RELAÇÃO DA VOLUMETRIA - COMPOSIÇÃO
USO

NOVO AEROPORTO
INTERNACIONAL DE QUITO



CENTRO DE PARÓQUIA
Concentração de infraestrutura comunitária
Edifícios dispostos no alinhamento
Em fita - 3 e 2 pavimentos
Uso misto



Edificações dispostas no alinhamento
Em fita - 3 e 2 pavimentos
Uso misto



Edificações isoladas no lote
Uso residencial unifamiliar - 2 pavimentos



Condomínios privados fechados
- glebas grandes
Edificações isoladas no lote
uso residencial multifamiliar - 4 pavimentos



Condomínios privados fechados
- glebas pequenas (tamanho do quarteirão)
Edificações geminadas com recuo frontal de 3 m.
uso residencial multifamiliar - 3 pavimentos



Glebas fechadas por muros para construção
de condomínios.



Edificações dispostas no alinhamento
Uso comercial



Área agrícola



Como foram discutidos anteriormente, vários estudos indicam que os centros especializados fechados estão produzindo uma negação do espaço público, ao serem voltados para o interior e ao serem indiferentes com o contexto onde são inseridos. Este fenômeno cria uma dificuldade de leitura do Vale ao não propiciar uma imagem mental clara da cidade como o todo.

Este Vale vem sendo ocupado, principalmente, pelos habitantes de alto poder aquisitivo da expansão norte de Quito que buscavam uma área para morar fora da cidade compacta em casas com terrenos grandes e pátios, em condomínios residenciais murados. Além disso, as imobiliárias, ao verem a grande demanda por terrenos no Vale, compraram várias glebas - antigas chácaras e fazendas de produção agrícola, a preços relativamente baixos, criando assim um mecanismo de especulação do preço da terra. Dessa forma, os terrenos no Vale incrementaram seus preços rapidamente e tornaram-se inacessíveis para as pessoas de baixo poder aquisitivo.

No Vale foram construídos um grande número de *shopping centers*, de centros comerciais e de condomínios fechados, na busca por espaços “seguros” – murados – para morar. Este fenômeno trouxe mudanças significativas na estruturação da cidade, pela pouca preocupação com os espaços públicos, e a criação de centros especializados com suas atividades voltadas para o interior das edificações. Esta tendência de ocupação do território observada no Vale de Tumbaco pode ser explicada nas palavras de Assen de Oliveira, que argumenta que,

[...] este padrão modifica categorias exemplares da cidade como a rua e a praça, protagonistas também das centralidades. Estas versões de “ruas e praças internas” relativizam a interação social própria do espaço efetivamente público, separando atividades urbanas neste âmbito correlacionadas [...] ¹⁸⁵

A rápida expansão da ocupação do Vale de Tumbaco está sendo ainda mais potencializada com a construção do *Nuevo Aeropuerto Internacional de Quito* (NAIQ) na paróquia de Tababela. A tendência desta expansão, argumentamos, é de repetição do atual padrão

¹⁸⁵ ASSEN DE OLIVEIRA, 2010.

configurado por modelos especializados, apresentando assim riscos à vida pública da cidade, pois como veremos, existe uma baixa preocupação com a articulação e a configuração dos espaços públicos do Vale.

Em relação a este tipo de ocupação do território nas expansões das áreas metropolitanas das cidades, Mignaqui apud Borja e Muxí (2001) ressalta,

*En el caso de los barrios cerrados del área metropolitana se estaría construyendo un modelo de ciudad fragmentada, de manzanas, donde no se reconstituiría el ámbito de la sociabilidad y lo colectivo, que sí tiene la ciudad tradicional, y [...] no solamente en términos de morfología urbana sino de tejido social [...] el riesgo de establecer nuevas reglas de juego entre el estado y la sociedad civil fundamentalmente por parte del sector privado y del sector inmobiliario, es que se reproduzca una manera de hacer ciudad, que aísla, que segrega y genera lugares de ricos y de pobres.*¹⁸⁶

Santos¹⁸⁷ reforça que os usuários destes condomínios, *shoppings*, parques temáticos, etc., sentem-se “imunizados” em relação à insegurança, à violência e à mistura do entorno, mas que, porém, esta nova forma de ocupação, de cidades compostas por espaços fechados e de costas para o espaço público é acusada de anti-humana onde prolifera todo o socialmente “indesejável”.¹⁸⁸

Do Amaral e Silva explica este fenômeno de “*guetificação*”¹⁸⁹ nas cidades brasileiras o qual é similar ao que acontece no Equador,

Em países como Brasil, no entanto, em que a desigualdade social reflete-se nas condições de ocupação do espaço urbano, verifica-se que estas tendências não são tão “naturais”, mas sim um mecanismo de especulação imobiliária, na qual

¹⁸⁶ BORJA; MUXÍ, 2001, p. 118.

¹⁸⁷ SANTOS, 1981.

¹⁸⁸ Ibid., 1981, p. 24

¹⁸⁹ DO AMARAL E SILVA, 2001.

incorporadores imobiliários compram sítios, em geral localizados em periferias ou zonas degradadas, por preços mais baixos e os repassam a preços bem mais altos.¹⁹⁰

A autora ressalta que,

[...] os potenciais de interação entre os usuários das ilhas e os usuários do entorno, e o espaço urbano torna-se não mais uma rede de espaços públicos coletivos, mas sim o somatório de redes de ilhas privadas em que se minimiza o contato de “nós” com os “outros”. [...] ¹⁹¹

A **dificuldade na leitura** do Vale se vem apresentando também por sua falta de estruturação e articulação a partir de espaços públicos. O pouco conhecimento do Vale, ao ter restrito o ingresso à maioria de espaços, gera lacunas mentais nos usuários, os quais não podem articular o Vale como o todo, e sim, como a somatória de vários elementos isolados.

Neste sentido, o argumento de Panerai e Mangin¹⁹² de que, na base ou no esqueleto da cidade - os espaços públicos deveriam ser considerados como os elementos estruturantes fundamentais que dão permanência à cidade, mostra que sua desarticulação, cria uma falência no sistema de espaços públicos.

Com a construção dos condomínios fechados, foram construídos em paralelo, outros espaços privados, fechados e especializados para abastecer as necessidades dos habitantes do Vale. Entre esses novos espaços, destacamos o campus de uma universidade privada, vários colégios privados, *shopping centers* e clubes privados.

Na caracterização morfológica destes espaços encontramos as seguintes recorrências: são interiorizados, ou seja, as atividades estão voltadas para o interior, ignorando e negando sua relação com seu contexto e, sobretudo com o espaço público - ocupam grandes áreas, provocando uma interrupção na continuidade da malha diminuindo a permeabilidade da estrutura da cidade - concentram atividades, horários

¹⁹⁰ DO AMARAL E SILVA, *ibid.*, 2001. p. 152.

¹⁹¹ *Ibid.*, 2001. p. 153.

¹⁹² PANERAI; MANGIN, 2002.

e usuários homogeneizados que restringem a mistura e a diversidade criando guetos urbanos que segregam o diferente.

Estes espaços de uso coletivo, pelas características identificadas, também dificultam a leitura e a determinação de elementos que permitam criar uma imagem mental clara do Vale. Ou seja, ao serem restringidos os fluxos a partir destas barreiras, a criação de imagens mentais do Vale torna-se muito limitada. As pessoas não conhecem e não reconhecem várias áreas do Vale como parte de sua cidade.

Neste sentido, observou-se, na figura 63 que os condomínios fechados, grandes ou pequenos (vermelho, laranja e marrom) são o padrão de ocupação da paróquia de Cumbayá, e que esta é uma tendência de ocupação do território em todo o Vale. Verifica-se que este padrão também ocupa uma significativa percentagem da paróquia de Tumbaco, e começa a aparecer também (com dimensões importantes) nas paróquias de Pumbo e Tababela.

Os elementos que configuram a via Interoceânica são na sua maioria de caráter comercial (de pequeno porte) e estão dispostos no seu alinhamento. Porém, a proliferação de *shopping centers* como configuradores nesta via é uma tendência que está aparecendo com força nas paróquias de Cumbayá e de Tumbaco.

As áreas rurais (representadas em amarelo na figura 63) são na sua maioria fazendas de produção agrícola de milho, morango e tomate, que abastece a cidade de Quito, o Vale de Tumbaco e que também são destinados à exportação.

O novo NAIQ (representadas em magenta na figura 63) representa quase a metade da área da paróquia de Tababela, e todo seu perímetro encontra-se fechado por muros de três metros de altura. Isto implica uma ruptura e descontinuidade na estrutura da paróquia, tirando a permeabilidade dessa área, e desarticulando-a da imagem mental das pessoas, as quais reconhecem só o ingresso principal ao aeroporto.

Existem os caminhos, mas poucos deles são públicos já que em sua maioria ficam dentro dos condomínios e centros especializados; não se percebe nenhum nó, ou dito de outra maneira, não existe nenhuma apropriação, não se consegue ver ninguém na rua (só quando estão no carro chegando ou saindo da sua casa ou trabalho).

Os marcos referenciais (Identificados na figura 63), além daqueles do sítio físico, são também os atuais “nós” ou espaços de maior intensidade de fluxos - os grandes *Shoppings* com diferentes tipologias, todas elas sem relação com o espaço público. As áreas homogêneas acabam sendo todas, espaços murados. Constitui-se assim, a cidade das bordas de ruptura.

É possível ler esta nova forma urbana? Percebe-se que os cinco elementos identificados por Lynch, envolvidos na formação da imagem mental da cidade, e cuja adequada inter-relação incrementa **a legibilidade das cidades, começam a diluir-se pela falta de conhecimento da cidade configurada por grandes centros especializados e murados que não tem relação com o espaço público em seu entorno.**

A continuação, no item 2.2, vai identificar padrões espaciais positivos de configuração dos espaços públicos, na Quito contemporânea, na escala dos lugares, visando ressaltar as características morfológicas que incentivem sua apropriação.

CAPÍTULO III – DIRETRIZES PROPOSITIVAS PARA UMA NOVA FORMA E APROPRIAÇÃO DA PARÓQUIA DE CUMBAYÁ

A área escolhida para caracterização, análise e lançamento de diretrizes propositivas nesta dissertação é a paróquia de Cumbayá¹⁹³, já que ali foram encontradas várias problemáticas de estruturação e de configuração dos espaços públicos que puderam ser verificadas em campo como uma forte tendência na forma de ocupação do Vale de Tumbaco.

Assim, inicialmente caracterizamos e analisamos, com base nas categorias propostas por Lynch¹⁹⁴, a forma atual da estrutura da Paróquia de Cumbayá considerada como o todo, e em um segundo momento, analisamos a configuração de seus principais espaços públicos, a luz dos critérios esboçados por Ellin¹⁹⁵, relacionando as características formais com sua efetiva apropriação.

3.1 ATUAIS PADRÕES ESPACIAIS DE CONFIGURAÇÃO DE CUMBAYÁ

Cumbayá, com 2.006 hectares, é a paróquia de ingresso ao Vale de Tumbaco desde a cidade de Quito. Trata-se de uma área que na última década vem se convertendo em um lugar com maior ocupação dos habitantes de maior poder aquisitivo de Quito. Verifica-se ali um processo de urbanização acelerado, mas ainda existem espaços de caráter agrícola ao redor de alguns dos seus bairros. A paróquia de Cumbayá é uma área atualmente consolidada, no entanto, é uma paróquia relativamente dispersa e com baixa densidade de ocupação.

Segundo Moscoso Cordero¹⁹⁶, Cumbayá que no começo da década de 1990 foi uma paróquia destinada à produção agrícola da cidade, hoje é um centro residencial de classe alta pelo alto preço da terra que chega a ter uma das mais altas mais-valias do Equador. O Vale tem crescido em número de habitantes em um processo de expansão

¹⁹³ Significa Terra de Guabas em língua Quíchua; árvores frutíferas nativas do Vale de Tumbaco. Cumbayá foi transformada em paróquia em 1970.

¹⁹⁴ LYCNH, 2006.

¹⁹⁵ ELLIN, 2006.

¹⁹⁶ MOSCOSO CORDERO, 2008.

urbana que busca a proximidade com a cidade de Quito, a acessibilidade à cidade consolidada por transporte privado, e a facilidade de acesso a diversos serviços na paróquia. Há 10 anos Cumbayá tinha 6.047 habitantes, hoje, segundo o último censo, feito no ano de 2010, têm 21.078 habitantes, um incremento de mais de 300%.

Além da busca de um lugar seguro, Panerai¹⁹⁷, abordando a cidade ocidental contemporânea, explica esta tendência de morar na periferia das cidades. Argumenta que morar numa pequena casa ao redor de jardins e longe do centro urbano é uma fórmula que atrai um grande número de pessoas já que combina a natureza com uma vizinhança restrita. O autor conclui que este fenômeno corresponde ao modo de vida de uma porção importante da classe média (e alta) na periferia das grandes cidades ocidentais. Porém em Cumbayá, o modelo de crescimento que vem sendo adotado é baseado no somatório de enormes condomínios fechados, com a negação da estrutura urbana que torne seus espaços públicos mais apropriáveis.

Para a análise da relação entre a forma da estrutura desta paróquia e sua apropriação, foi feito um reconhecimento em campo para avaliar sua legibilidade e permeabilidade. Na escala da paróquia analisamos a configuração dos principais espaços públicos e sua apropriação para verificar a diversidade e a porosidade na escala dos lugares, através de um mapeamento dos elementos que os configuram, para assim, poder relacionar sua forma com sua efetiva apropriação. Nesta análise buscamos identificar padrões espaciais de configuração dos espaços públicos que restringem sua apropriação¹⁹⁸ com base nos padrões espaciais positivos encontrados em Quito, para lançar diretrizes de projeto de arquitetura da cidade nesta mesma paróquia.

As diretrizes propositivas lançadas, a partir da análise e caracterização da forma atual da paróquia, visam estruturar Cumbayá através de novos sistemas de espaços públicos e de centralidades, os quais serão criados ou resgatados com base nas qualidades ou critérios do desempenho da forma da estrutura e na escala dos lugares – na escala de Cumbayá, e da configuração dos espaços públicos, estudados no primeiro capítulo.

¹⁹⁷ PANERAI, 2001.

¹⁹⁸ Também foram identificados padrões de configuração espacial positivos, que foram resgatados nas diretrizes de projeto de arquitetura da cidade, lançadas no subtítulo 3.2.

3.1.1 Estrutura e apropriação – legibilidade e permeabilidade

Partindo de uma leitura da estrutura atual de Cumbayá (Figura 64), podemos dizer que a paróquia foi ocupada a partir de critérios relacionados com as características naturais do **sítio físico**, entre as quais identificamos o relevo, os cursos de água e as *quebradas*, muitas das quais constituem bordas de ruptura do tecido urbano. As bordas de ruptura identificadas no sítio físico são as beiras dos rios e dos cursos de água e as *quebradas*, mas em nossa opinião, cada centro especializado constitui uma barreira ou borda de ruptura, pois rompe com a continuidade e articulação do território.

Outra característica importante para o desenvolvimento desta paróquia é o clima, pois se encontra a 500 metros abaixo do nível da cidade consolidada de Quito (2.800m) – a 2.300 metros sobre o nível do mar, sendo, portanto, mais quente.

Cumbayá está **estruturada**, principalmente, pelo caminho da Via Interoceânica que articula os centros tradicionais do Vale de Tumbaco com a cidade de Quito, e também por alguns caminhos que se articulam a este eixo principal (Figuras 64 e 65).

Figura 64. Leitura atual da Paróquia de Cumbayá

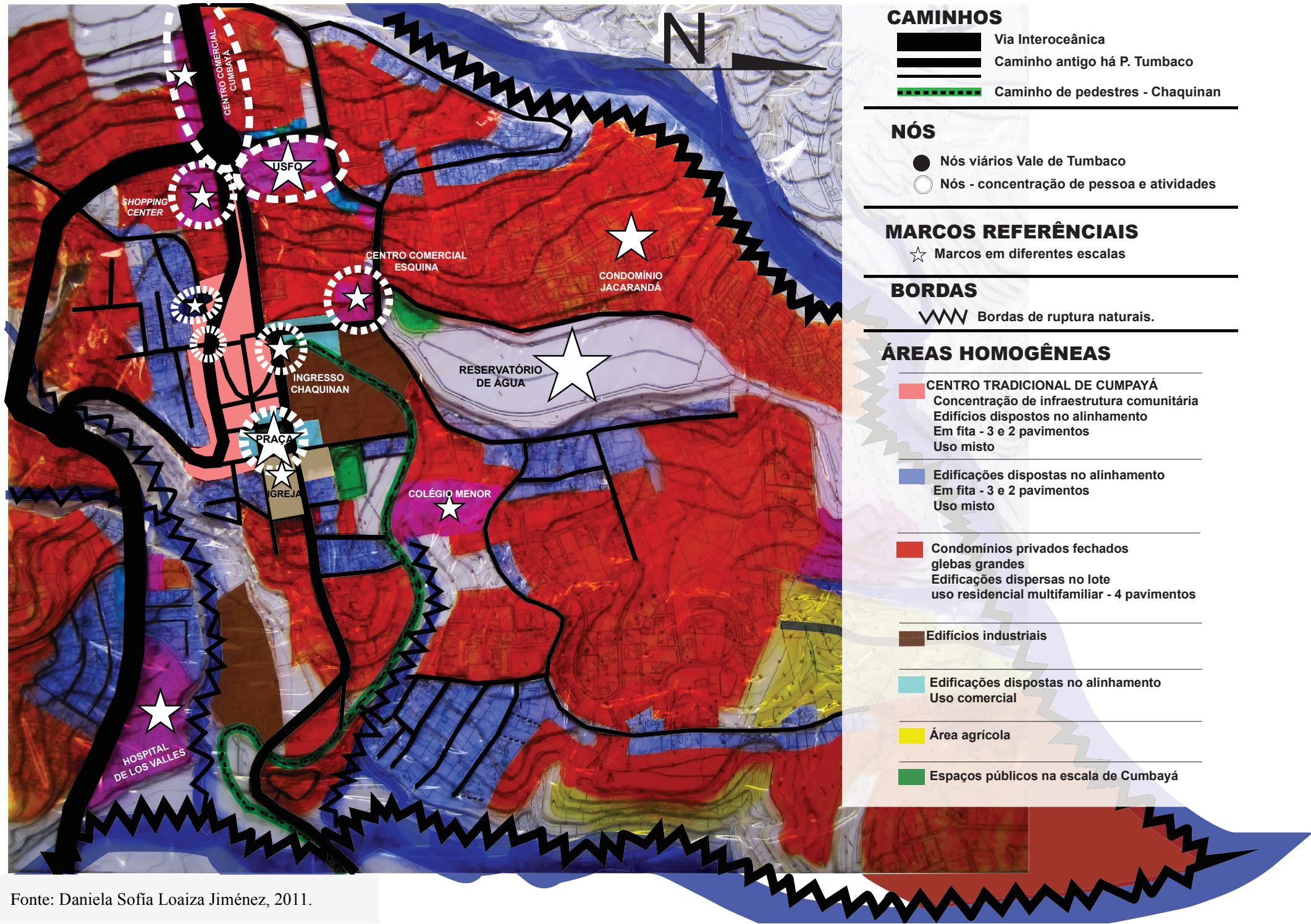
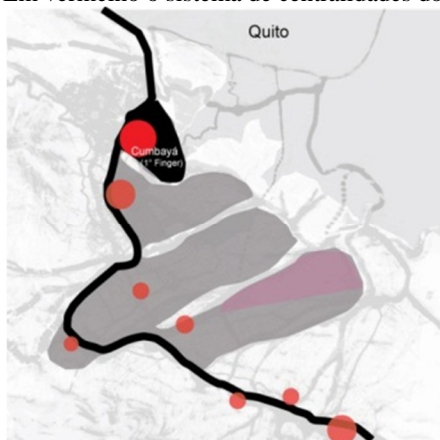


Figura 65. Identifica-se o primeiro *finger*, a Paróquia de Cumbayá em preto. Em vermelho o sistema de centralidades do Vale de Tumbaco



Fonte: Daniela Sofia Loaiza Jiménez, 2011.

Quanto aos demais elementos envolvidos na formação de uma imagem mental de Cumbayá, pode-se observar, que os caminhos identificados são: a via Interoceânica com a maior hierarquia, os caminhos do centro histórico da paróquia, o caminho antigo que leva desde o centro histórico da paróquia de Cumbayá até o centro histórico da paróquia de Tumbaco, e alguns caminhos com menor hierarquia que levam aos centros especializados.

Já os pontos nodais ou pólos públicos atrativos de encontro coletivo são formados pela praça central da paróquia e pelo mercado municipal. Verificamos, assim, que a maioria dos nós da paróquia são os viários. Outros pontos nodais formam-se a partir de equipamentos privados, principalmente a Universidade San Francisco de Quito – privada e murada, os *Shopping Centers* e outros centros comerciais com suas atividades voltadas para o interior.

Os marcos referenciais coincidem com os pontos nodais identificados, além do reservatório de água – fechado por uma grade em todo seu perímetro, o do maior condomínio-clubes da paróquia – Jacarandá, com aproximadamente 50 hectares, murado – o do colégio Menor – privado e murado, e o do *Hospital de los Valles* – hospital privado na escala da cidade.

Em relação às áreas homogêneas, podemos observar, na Figura 64, que os condomínios fechados (em laranja) que ocupam a maior área da paróquia, os equipamentos privados ou centros especializados (em

magenta), o centro histórico da paróquia (em cor de rosa), os bairros residenciais (em azul), os edifícios industriais (em marrom) e por último a área de produção agrícola (em amarelo).

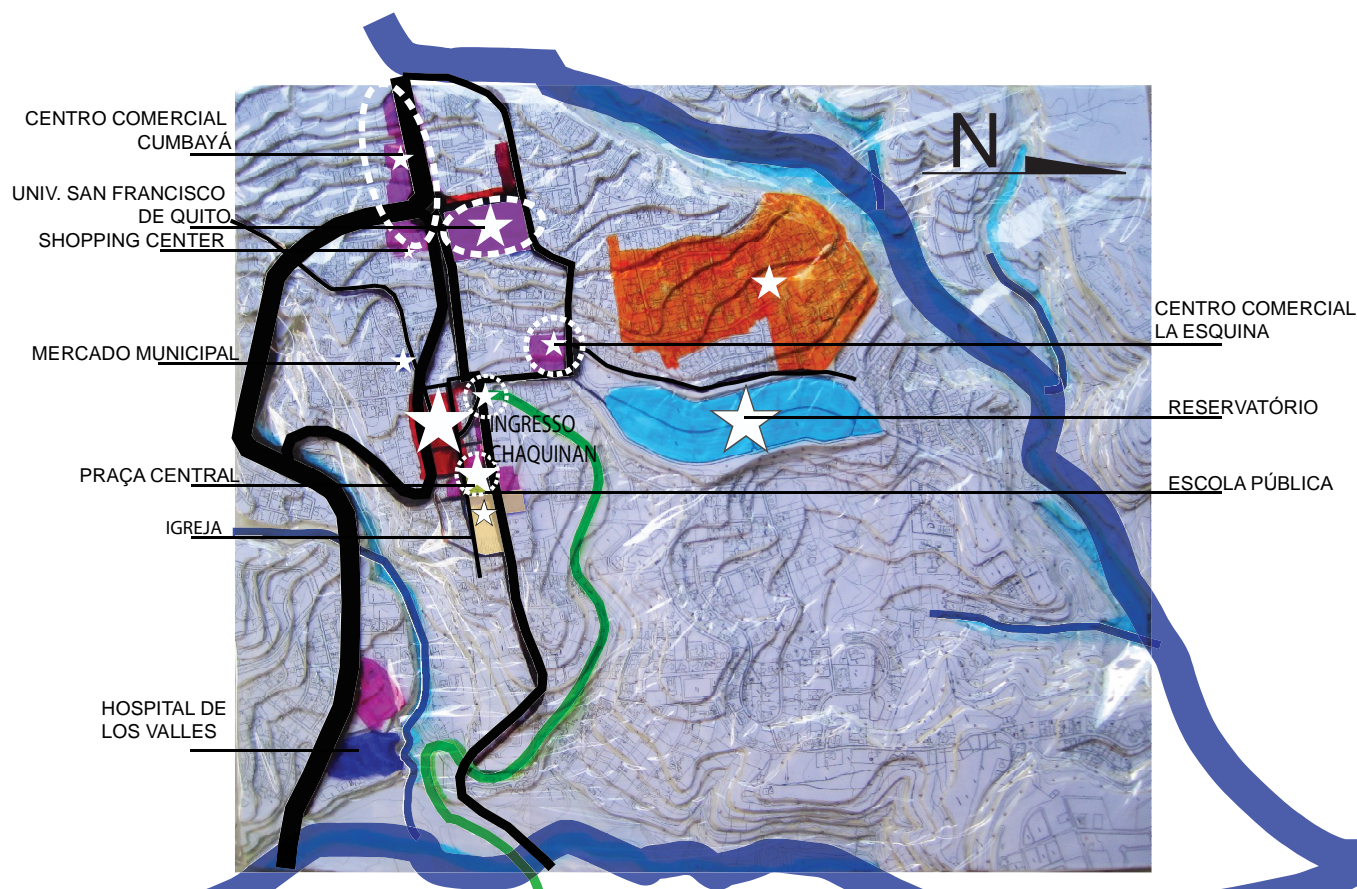
O macroparcelamento em Cumbayá mostra duas formas de divisão do solo (ilustradas na Figura 64): uma no centro colonial da paróquia e outra de condomínios privados. No centro histórico da paróquia o macroparcelamento segue o padrão colonial em malha xadrez de 80m x 80 m – similar à da cidade tradicional de Quito; já nos condomínios, o macroparcelamento segue o padrão das grandes glebas de produção agrícola que foram muradas e convertidas em condomínios privados.

Concluimos que há grande dificuldade de identificar uma imagem mental clara e organizada da paróquia. As poucas opções de deslocamento que encontramos, pelos poucos caminhos públicos, não permitiram fácil orientação ou identificação de todos os elementos envolvidos na leitura da paróquia como todo. Assim, podemos afirmar que a estrutura atual da paróquia de Cumbayá possui, não permite sua leitura, **o que dificulta sua apropriação.**

Ao percebermos que a formação de uma imagem mental da paróquia nos apresentou um resultado pouco provável, procedemos a entrevistar a dezoito moradores de Cumbayá, com diferentes níveis de poder aquisitivo para verificar a legibilidade percebida e a baixa apropriação identificada nos espaços públicos de Cumbayá. Dos dezoito moradores, foram entrevistados sete homens – dois deles têm sua residência dentro do condomínio Jacarandá, dois moram em um bairro residencial ao leste da paróquia, e os três restantes moram no centro histórico em ruas próximas à via Interoceânica, e onze mulheres – três delas têm sua residência em condomínios privados, cinco em bairros residenciais espalhados pela paróquia, e as cinco restantes moram e trabalham em locais comerciais do centro histórico da paróquia.

A entrevista incluía pedidos da descrição de seus deslocamentos na paróquia (caminhos) para realizar atividades, e a identificação dos lugares - com maior importância (marcos referenciais) - que possam ser usados como referência para outra pessoa chegar a sua casa ou lugar de trabalho - que frequentam (nós), e que descrevam os limites da paróquia (bordas). A partir das respostas dos dezoito moradores mapearam-se estas leituras (Figura 66), identificando os cinco elementos envolvidos com formação de sua imagem mental de Cumbayá. Comparando-se as duas leituras, dos moradores entrevistados e a realizada por nós, pode-se verificar que os lugares identificados pelos entrevistados representam, aproximadamente, só 30% da área total de Cumbayá (Figura 66).

Figura 66. Comparação da leitura de Cumbayá dos moradores (acima) x a leitura feita através de pesquisa (abaixo)



Assim, verificamos que a estrutura que identificaram está restrita à área dos principais (porém poucos) caminhos públicos nas escalas de Quito e do Vale.

A partir desta análise é possível dizer que a apropriação da paróquia como um todo é percebida como reduzida, principalmente, nas áreas que não são sequer identificadas como parte da paróquia pelos moradores. Assim, a baixíssima apropriação de Cumbayá, é atribuída à difícil leitura e à pouca articulação dos poucos espaços públicos existentes na paróquia, que podemos observar na Figura 66.

Os caminhos públicos da paróquia são poucos, sobretudo devido à proliferação de grandes condomínios fechados-murados em todo seu perímetro (figura 67).

Figura 67. Caminhos públicos configurados por muros de condomínios fechados na Paróquia de Cumbayá



Fonte: Daniela Sofía Loaiza J. 2011.

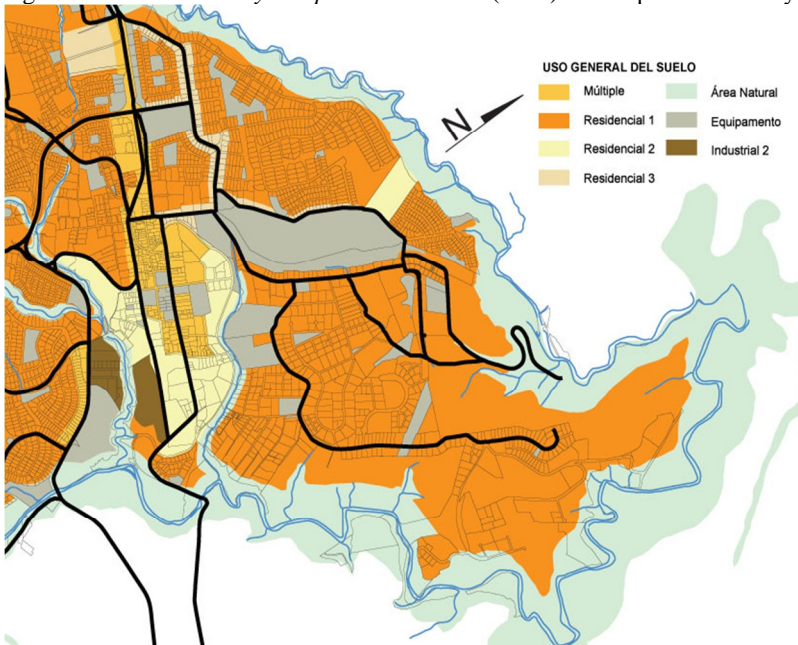
Pudemos identificar que muito da estrutura e dos padrões espaciais encontrados na paróquia se deram no contexto de uma legislação urbanística que conta com dois planos em vigor. A análise da

atual ocupação de Cumbayá, a luz destes planos, nos permite identificar as diretrizes de planejamento para a paróquia.

O primeiro é o plano de uso e ocupação do solo (PUOS) – que se preocupa principalmente do uso permitido para certas áreas determinadas da paróquia, e o segundo é o plano parcial de ocupação e edificabilidade (PUE) – onde as ordenanças referem-se à forma dos volumes a serem construídos, os recuos laterais e frontais, o número de pavimentos e o tamanho mínimo de lote permitido.






No PUOS de 2007 (Figura 68 e Tabela 9) pode-se observar a diretriz de setorização de Cumbayá em 7 categorias funcionais e o reduzido número de caminhos propostos, ou seja, o plano não propôs uma estrutura mais legível ou permeável.

Figura 68. *Plano de Uso y Ocupación del Suelo* (2007) – Paróquia de Cumbayá



Fonte: Daniela Sofía Loaiza Jiménez, sobre PUOS (2007) elaborado pelo *Municipio del Distrito Metropolitano de Quito*.

Tabela 9. Uso do Solo (2007) – Paróquia de Cumbayá

PLAN PARCIAL ZONA TUMBACO (PARROQUIA CUMBAYA) MAPA GENERAL DE USO DEL SUELO	
 Multiple	Usos diversos de caráter ZONAL e DE CIDADE compatíveis.
 Residencial 1	Zonas de uso residencial nas que [e permitida a presença limitada de comércios e serviços de nível BAIRRAL e equipamentos BAIRRAIS E SETORIAIS.
 Residencial 2	Zonas de uso residencial nas que é permitido comércios e serviços de nível BAIRRAL E SETORIAL e equipamentos BAIRRAIS, SETORIAIS E ZONAIS.
 Residencial 3	Zonas de uso residencial nas que é permitido comércios, serviços e equipamentos de nível BAIRRAL, SETORIAL E ZONAL.
 Industrial 2	De impacto mediano ambiental e urbano – estabelecimentos industriais que geram impactos ambientais moderados, de acordo a natureza, intensidade, extensão, reversibilidade, medidas corretivas e riscos ambientais causados.

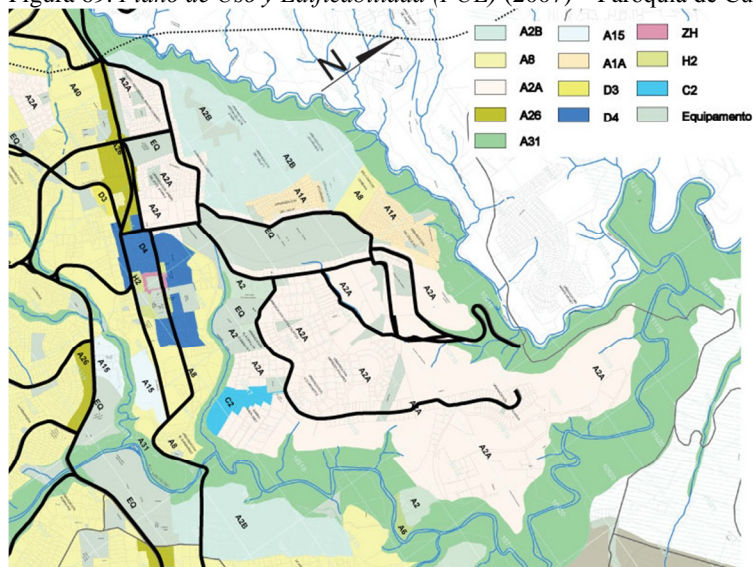
Fonte: PUOS (2007) *Municipio del Distrito Metropolitano de Quito*.

Verifica-se no PUOS a ênfase nas escalas: de cidade, zonal, de bairro e setorial. Existe uma forte intenção de centralidade, pela diversidade de usos propostos, no trecho que inclui a via Interoceânica e o centro colonial de Cumbayá. Como pôde ser observado no capítulo anterior, na caracterização e análise da paróquia, este caráter de centralidade foi consolidado na ocupação da paróquia. Porém, nas áreas destinadas às zonas de uso residencial, a ocupação não se deu com base na criação de uma nova malha e o microparcelamento passou a equivaler ao macroparcelamento. Assim, foram construídos, em sua maioria, enormes condomínios residenciais fechados por grandes muros em todo seu perímetro, impedindo assim, sua relação com os poucos espaços públicos existentes. Com isso, a suposta diversidade de usos, proposta neste plano para esta zona – que permite comércios, serviços e equipamentos em diferentes escalas – não foi verificada, formando-se zonas unicamente de uso residencial.

No PUE de 2007 (Figura 69 e Tabela 10) podemos observar a forma dos volumes propostos para os lotes mínimos também definidos pelo plano¹⁹⁹.

¹⁹⁹ Enfatizamos que estes planos, ao não proporem novos caminhos, são pensados desde o ponto de vista do espaço privado e não do espaço público como pretendemos neste lançamento de diretrizes de projeto de arquitetura da cidade.

Figura 69. Plano de Uso y Edificabilidad (PUE) (2007) – Paróquia de Cumbayá



Fonte: Daniela Sofia Loaiza Jiménez, sobre PUE (2007) elaborado pelo Municipio del Distrito Metropolitano de Quito.

Tabela 10. Uso e Edificabilidade (2007) – Paróquia de Cumbayá

PLAN PARCIAL ZONA TUMBACO (PARROQUIA CUMBAYA) MAPA DE USO Y EDIFICABILIDAD								
	EDIFICAÇÃO					HABILITAÇÃO DO SOLO		
	Tipo de edificação	Altura máxima (m)	Recuos (m)			Coeficiente de ocupação do lote (% PB)	Lote mínimo (m ²)	frente de lote mínimo (m)
			F	L	P			
A2B	Isolada no lote	6	5	3	3	35	1000	20
A8	Isolada no lote	9	5	3	3	35	600	15
A2A	Isolada no lote	6	5	3	3	35	1000	20
A26	Isolada no lote	15	5	3	3	40	1000	20
A31	Isolada no lote	0	0	0	0	0	50000	125
A15	Isolada no lote	12	10	5	5	60	1000	20
A1A	Isolada no lote	6	5	3	3	50	600	15
D3	Disposta no alinhamento e em fita	9	0	0	3	80	200	10
D4	Disposta no alinhamento e em fita	9	0	0	3	80	300	10
ZH	Área de promoção	0	0	0	0	0	0	0
H2	Área histórica	9	0	0	3	70	200	10
C2	Recuo frontal e em fita	6	5	0	3	70	300	10

Fonte: PUE (2007) Municipio del Distrito Metropolitano de Quito.

Argumentamos, que pela forma em que a paróquia de Cumbayá vem se expandindo, o Plano de Uso e Ocupação – plano de base funcionalista – é o que vem determinando a forma da paróquia, mais do que o Plano de Uso e Edificabilidade. Vamos identificar nossos principais questionamentos em relação à forma que vem adquirindo a paróquia nos últimos anos.

Podemos perceber que a estrutura da paróquia de Cumbayá apresenta atualmente grandes interrupções ou bordas de rupturas formadas pelos condomínios e outros centros fechados de encontro coletivo.

Pôde-se observar que, nas zonas A2B e A2A, o lote mínimo é mil metros quadrados, porém, ao não existir nenhuma lei que regule o tamanho máximo do lote, as grandes glebas – antes de uso agrícola – foram compradas e mantidas inteiras para a construção de condomínios fechados. Um claro exemplo desta falta de permeabilidade gerada na estrutura da paróquia, é que na área A2B foi construído o maior condomínio da paróquia – *Jacarandá*, com 74 hectares.

A paróquia de Cumbayá viu-se afetada espacialmente por esta forma de ocupação do território, ao não propor um sistema de espaços públicos, gerando uma estrutura pouco permeável. A configuração, por grandes glebas fechadas e especializadas, vem dificultando a formação de uma imagem mental da paróquia como um todo, já que não possui um sistema de espaços públicos que permita a inter-relação do privado com o público. No dizer de Panerai²⁰⁰, para nossas cidades ocidentais contemporâneas, “Os grandes enclaves urbanizados tornam-se guetos que se opõem [...] sem que os vazios que os permeiam ou bordejam façam seu papel de sutura”.²⁰¹

Outra deficiência destes planos, é que restringe diversidade de usos em vários lugares, tornando Cumbayá, quase em sua totalidade, em uma “cidade dormitório”.

Podemos dizer que a estrutura de Cumbayá como um todo, **não é legível, e apresenta pouca permeabilidade** ao não formar sistemas de espaços públicos e de centralidades que permitam sua leitura e que possibilitem o fácil deslocamento na paróquia.

Assim, concluímos que a falta de apropriação da paróquia como um todo é atribuída a essa inexistência de sistemas de espaços públicos

²⁰⁰ PANERAI, 1994.

²⁰¹ Ibid., p. 82.

e de centralidades que apresentem diversidade de usos – atribuídos à diversidade de formas (também inexistentes) – que potencialize sua apropriação.

3.1.2 Configuração dos espaços públicos – diversidade, porosidade x apropriação

Com base nas considerações acerca da configuração dos espaços públicos e sua apropriação tecidas no capítulo II, e na identificação de padrões espaciais verificados como bem apropriados na CTQ e na expansão Norte de Quito, procedemos à caracterização e análise de cinco importantes lugares da paróquia de Cumbayá, identificadas pelos moradores e por nós.

· A Via Interoceânica

A via Interoceânica – caminho de ingresso à paróquia de Cumbayá e ao Vale de Tumbaco, está configurada, em um primeiro trecho (Figura 70), pelo estacionamento do *Centro Comercial Cumbayá* – um *shopping center* de 2 prédios alongados de três pavimentos que configuram os dois lados da via.

Figura 70. Observam-se os estacionamentos periféricos do *shopping* como configuradores da via Interoceânica no trecho de ingresso à Paróquia



Fonte: Daniela Sofia Loaiza Jiménez, 2011.

Em relação à **diversidade** identificada neste espaço público, podemos argumentar que, apesar de o centro comercial ter um grande leque de atividades comerciais e de serviços – bancos, restaurantes, locais de venda de roupa, e supermercado – há a interrupção física de apropriação por pedestres criada pelo estacionamento, e a via Interoceânica, o que **diminui sua apropriação**. Além disso, ao funcionar só no horário comercial, este espaço fica deserto nos demais horários, o que incentiva o abandono do espaço público. Além disso, durante o horário comercial, a via Interoceânica encontra-se em “relação direta” com os veículos do estacionamento, o que restringe ainda mais seu potencial de apropriação.

No centro comercial encontramos várias membranas permeáveis, porém, não se encontram em relação direta com o espaço público; entendemos assim, que a **porosidade** do elemento arquitetônico em relação à Via Interoceânica é reduzida ao não encontrar-se inter-relacionado com ela. Neste sentido, pudemos verificar que há grande apropriação do centro comercial, mas **não contribui com a apropriação do espaço público**, deixando-o deserto e perigoso.

O centro comercial Cumbayá caracteriza-se pela pouca **diversidade de usos**, pois ao ser um centro especializado, não permite a mistura de outros usos como o residencial, o de educação, o cultural, o que contribui para reduzir a diversidade de usuários e horários neste espaço.

Este mesmo espaço público, a Via Interoceânica, em outro trecho – próximo ao centro colonial da paróquia, está configurada por edificações de dois e três andares, dispostas no alinhamento, em fita, e de uso misto – residencial, comercial e de serviços (Figura 71). Entre as atividades desenvolvidas nas construções configuradoras deste trecho do espaço público encontramos, no primeiro andar, caixas eletrônicos, restaurantes de comida típica, lojas de filmes, cyber cafés, papelarias, venda de alimentos básicos, sorveterias e pequenos locais de venda de materiais de construção civil. No segundo e no terceiro andar predomina o uso residencial.

Figura 71. Via Interoceânica configurada por edificações de 2 e 3 andares, dispostos no alinhamento, em fita e de uso misto – residencial, comercial e de serviços



Fonte: Daniela Sofia Loaiza Jiménez, 2011.

A **diversidade** de tamanho e de forma dos lotes do microparcelamento – similar ao da cidade tradicional de Quito já que o solo foi parcelado neste trecho na mesma época da colonização na cidade compacta, permite a distribuição de várias atividades desenvolvidas nos volumes construídos. Esta diversidade de atividades possibilita o fluxo constante de vários tipos de usuários em diferentes horários no espaço público.

O alto número de elementos permeáveis que permitem a infiltração²⁰² do espaço público dentro do privado nos permite afirmar que este trecho da via Interoceânica existente é bastante poroso, o que por sua vez, **potencializa sua apropriação** e permite a inter-relação do público e privado. Esta relação de porosidade entre o espaço público e os volumes que o configuram é um critério importante para o projeto urbano, já que no dizer de Solá Morales²⁰³ “[...] a importância do espaço público está em referir entre si os espaços privados, fazendo deles também patrimônio coletivo.”

²⁰² ELLIN, 2006.

²⁰³ DE SOLÁ MORALES, 1992.

A Praça central de Cumbayá

A praça central do centro colonial de Cumbayá (Figura 72) está configurada ao norte, sul e oeste, por volumes de um e dois pavimentos, dispostos no alinhamento, em fita e de uso comercial, e ao leste pela Igreja principal da paróquia, de um pavimento, com exceção do campanário de nove metros de altura, com recuo frontal de cinco metros. A relação direta entre a igreja e a praça foi interrompida, com a colocação de uma grade no alinhamento frontal e por muros no resto do perímetro, por “motivos de segurança”, o que reduziu a apropriação da praça pelos usuários da igreja. Atualmente a porta principal da igreja está localizada em um de seus lados que não se encontram em relação com a praça, já que o portão principal de ingresso foi fechado pelo mesmo motivo que foi construído o muro que a fecha.

Figura 72. Praça Central de Cumbayá e os edifícios que a configuram



Fonte: Daniela Sofia Loaiza Jiménez, 2011.

A diversidade de formas dos lotes que configuram a praça (Figura 73) permite que, aos volumes construídos, possam ser atribuídos vários usos e formas.

Apesar do número de membranas permeáveis encontradas na composição das fachadas das construções que configuram a praça (Figura 73) permitirem a inter-relação do espaço público e dos edifícios privados, a efetiva **apropriação deste espaço público é, geralmente, baixa.**

Figura 73. Centro tradicional de Cumbayá mostrando a praça e os quarteirões na sua volta. Em vermelho pode-se identificar os elementos permeáveis que permitem a relação direta das construções configuradoras e a praça



Fonte: Daniela Sofía Loaiza Jiménez, 2011.

Entre as atividades desenvolvidas nas construções configuradoras da praça, além da religiosa desenvolvida na igreja, encontramos comércio – em suas maiorias restaurantes de comida cara, bares, locais de venda de roupa cara, padarias, locais de venda de móveis e de artigos para a casa e um ponto de táxi.

A partir da verificação *in loco*, podemos argumentar que estas atividades desenvolvidas nas construções que configuram a praça não promovem a diversidade de usuários já que a maioria dos locais é voltada para um público alvo de alto poder aquisitivo. Neste sentido, verificamos que a praça apresenta pouca **diversidade de usos, o que diminui sua apropriação**, ou seja, a pouca diversidade de usuários e de horários está diretamente afetada pela elitização das atividades desenvolvidas nas construções que configuram a praça.

Já em relação à apropriação esporádica da praça, o culto aos santos patronos é fundamental na cultura das comunidades tradicionais das paróquias do Vale, e as festas em sua honra são eventos sociais importantes, símbolos de sua identidade. Estas expressões culturais, do índio e do mestiço, mantêm-se desde a época pré-hispânica, materializadas em festas que se desenvolvem na praça central da paróquia²⁰⁴ que é transformada, durante estas festas, em um importante pólo atrativo de fluxos, de usuários e de intercâmbio. Este fenômeno mantêm-se como um padrão em todas as praças do Vale de Tumbaco, padrão fundamental para a sobrevivência do caráter cívico, profano e pagão que tinham as praças dos centros tradicionais. Estes padrões de apropriação, no dizer de Alexander acerca da importância dos padrões espaciais, reforçam que o espaço,

[...] juega un papel fundamental en asegurar que este patrón de eventos se repita una y otra vez a través del espacio, y que es, por lo tanto, una de las cosas que le da a cierto edificio [ou espaço], en cierta ciudad, su carácter.²⁰⁵

Na praça se desenvolvem algumas festas como a de “San Pedro” (Santo patrono de Cumbayá) no dia 29 de Junho, na qual tem desfiles com roupa típica indígena, jogos pirotécnicos, balões de fogo, a eleição da Rainha de Cumbayá, e “*bandas de pueblo*” (bandas típicas de Quito) (Figura 74), e a festa de “San Juan” do dia 24 ao dia 29 de junho, na qual tem desfiles com castelos de fogo e bailes com fantasias. Todas estas celebrações vêm acompanhadas de missas antes dos desfiles.

²⁰⁴ MOSCOSO CORDERO, 2008, p. 69.

²⁰⁵ ALEXANDER, 1980, p. 92, grifo nosso.

Figura 74. Festa de San Pedro na Rua que configura a praça central ao Leste. Observam-se as roupas típicas dos indígenas para a celebração da festa



Fonte: Daniela Sofia Loaiza Jiménez, 2011.

· Os caminhos do centro colonial

As ruas do centro colonial de Cumbayá (Figura 75) estão configuradas por construções de dois pavimentos, dispostas no alinhamento, em fita e de uso misto – comercial e residencial. Entre as atividades comerciais existentes nestas ruas encontramos restaurantes de comida típica, locais de venda de roupa cara e barata, locais de venda de fantasias e artigos para festas, choperias, mercearias, lanchonetes, e locais de venda de insumos básicos para as residências.

Figura 75. Configuração das ruas do centro colonial de Cumbayá.



Fonte: Daniela Sofia Loaiza Jiménez, 2011.

A diversidade de atividades, voltadas a diferentes classes sociais, que são desenvolvidas nas construções configuradoras destas ruas, é possibilitada pela variedade de tamanhos de lotes, o que permite a **diversidade** de usos, de usuários e de horários nestes espaços, potencializando **sua apropriação**. Além disso, podemos observar na Figura 75 um grande número de membranas permeáveis que permitem a infiltração do público no privado e vice-versa, caracterizando uma **porosidade que potencializa os fluxos e incentiva a apropriação** destas ruas.

· O antigo caminho do trem

O trem que articulava a cidade de Quito com os principais portos do país – passando pela paróquia de Cumbayá e por todo o Vale de Tumbaco, funcionou de 1920 até 1950. Seu caminho é mantido até hoje

e os trilhos também foram mantidos em vários trechos como elementos de memória.

Em um primeiro trecho, localizado no centro histórico da paróquia, este caminho está configurado por construções de dois e três pavimentos, dispostos no alinhamento, em fita e de uso misto – comercial e residencial (Figura 76).

Figura 76. Configuração do primeiro trecho do antigo caminho do trem



Fonte: Daniela Sofia Loaiza Jiménez, 2011.

A diversidade de atividades desenvolvida nestas edificações, possibilitada pela diversidade de tamanhos dos lotes que configuram este caminho, não é tão ampla quanto à das outras ruas do centro colonial – predominam as residências da população de poder aquisitivo médio/baixo, mas também há pequenos locais comerciais no térreo de algumas. Um fator que incentiva a maior apropriação deste caminho é o comércio informal de frutas e verduras que acontece normalmente nas terças-feiras. Esta feira (Figura 77) é organizada pelos próprios moradores e donos das residências que configuram este caminho, que montam um espaço na calçada para vender frutas e verduras.

Figura 77. Feira informal de frutas e verduras no antigo caminho do trem



Fonte: Daniela Sofía Loaiza Jiménez, 2011.

A quantidade de membranas permeáveis existentes nas edificações, em relação direta com este espaço público, gera porosidade, permitindo a infiltração do público sobre o privado, incentivando seu uso, e assim, potencializando sua apropriação.

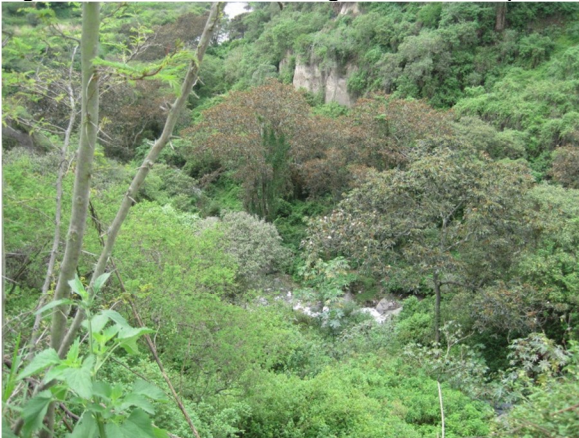
O segundo trecho deste caminho inicia próximo à praça central de Cumbayá, onde seu percurso urbano muda para um tipo de trilha e é chamado de *Chaquinan*. Este trecho do antigo caminho do trem é atualmente uma trilha (Figura 78), que mantém os trilhos do trem e é destinada a atividades esportivas – caminhadas, ciclismo – e de lazer, só para caminhar e contemplar a paisagem nos trechos em que é possível observar o rio *Machángara* no fundo da quebrada muito íngreme que configura um dos lados deste caminho (Figura 79).

Figura 78. Configuração rural do *Chaquinan*



Fonte: Daniela Sofia Loaiza Jiménez, 2011.

Figura 79. Vista do Rio Machángara desde o *Chaquinan*



Fonte: Daniela Sofia Loaiza Jiménez, 2011.

As grandes glebas (antes da produção agrícola) que configuram este caminho foram fechadas – muradas em todo seu perímetro - e a tendência é a de manter esses muros e construir, nesses terrenos, grandes condomínios residenciais. Estes muros estão sendo os novos configuradores deste espaço público (Figura 80), dificultando sua apropriação.

Figura 80. Tendência de configuração do Chaquinan; muros cegos configurando este espaço público



Fonte: Daniela Sofía Loaiza Jiménez, 2011.

Esta tendência de configuração restringe sua apropriação já que vem tornando este espaço público um lugar perigoso devido a sua desertificação. A baixa (quase inexistente) porosidade observada neste caminho influencia seu desuso ao ser considerado um dos lugares mais perigosos da paróquia sem ter usuários que mantenham a vigilância permanente deste espaço. Além disso, ao ser configurado por muros cegos, restringe a diversidade de usos que incentivem o fluxo permanente de usuários que possibilitem sua apropriação.

· O caminho no entorno do Reservatório de água

O reservatório de água da *Empresa Eléctrica de Quito* (Figura 81) foi, até o ano de 2009, um espaço aberto ao público para caminhadas, no caminho, ao redor do corpo de água. A partir do ano 2010, foi fechado por uma grade por “motivos de segurança”. As ruas de seu entorno são configuradas por condomínios privados, fechados em todo seu perímetro por muros de quatro metros de altura.

Figura 81. Configuração do reservatório.



Fonte: Daniela Sofía Loaiza Jiménez, 2011.

A falta de diversidade de atividades desenvolvidas nos espaços que representam estas áreas, restringida pela pouca diversidade de tamanho dos lotes que o configuram, tem levado à redução de sua apropriação. Além disso, a falta de porosidade que existe por causa dos muros que cercam este espaço, tem promovido o aumento de insegurança, desertificando-o, e reduzindo ainda mais sua apropriação.

Desta forma, a nova estrutura proposta para a paróquia de Cumbayá, buscará aumentar sua **legibilidade**, já que permitiria a identificação e a articulação de cada um dos elementos diretamente vinculados com a formação de uma imagem mental daquele lugar, permitindo aos usuários sentirem-se orientados, seguros, e identificados no espaço, facilitando a apropriação de Cumbayá. A maior possibilidade de fluxos e de concentração de uma diversidade de usuários em vários horários, também incentivaria um aumento em sua apropriação.

Com base nestas análises, vamos lançar algumas diretrizes de projeto de arquitetura da cidade para Cumbayá, buscando projetar a cidade a partir de sistemas de espaços públicos e de centralidades com potencial a serem apropriados.

3.2 DIRETRIZES PROPOSITIVAS DE PROJETO DE ARQUITETURA DA CIDADE PARA CUMBAYÁ

Quando identifiquei a forma urbana pelas relações existentes entre os elementos morfológicos e o espaço que definem, pensava que muitas das urbanizações atuais não têm forma porque não há nenhuma relação inteligível entre as suas partes: edifícios, bairros, ou outros fragmentos da estrutura urbana. Apenas traduzem, e quando muito, a rentabilidade econômica e a especulação fundiária, e a visão da cidade, que para tantos não é mais do que a exploração do uso de solo e do investimento.

Para dar forma ao meio urbano, não é possível ter apenas como níveis de produção do espaço a programação e o projeto. Para que exista forma, tem de existir o [projeto] **desenho urbano**.²⁰⁶

Para a proposição de algumas diretrizes de projeto **na escala da arquitetura da cidade – desenho urbano** - para Cumbayá que, entendemos, possam favorecer uma maior apropriação da paróquia, iniciamos pela revisão de algumas definições de projeto urbano. Com base nos conceitos estudados no primeiro capítulo acerca do desempenho da forma da cidade, e na análise do segundo capítulo da forma da cidade de Quito em diferentes momentos, identificamos questões de estrutura e de padrões espaciais diretamente envolvidos na apropriação urbana.

Em relação ao projeto de arquitetura da cidade, Tsiomis apud Vasconcellos²⁰⁷ afirma que projeto urbano é um projeto arquitetônico em outra escala – na escala da zona, do bairro ou da cidade, uma nova forma de programação, um projeto de espaço público e de melhoramento das infraestruturas. O projeto urbano, segundo Vasconcellos²⁰⁸, não é um zoneamento de usos, e sim uma qualificação e uma intervenção espacial feita a partir de instrumentos próprios ao arquiteto, urbanista e paisagista.

Para De Solá Morales,

²⁰⁶ LAMAS, 2004, p. 125, grifo nosso.

²⁰⁷ VASCONCELLOS, 2006, p. 5.

²⁰⁸ Ibid., 2006.

*Proyecto urbano es partir de la geografía de la ciudad dada, de sus solicitudes y sugerencias, e introducir con la arquitectura **elementos de lenguaje** que den forma al sitio. Proyecto urbano es confiar más en la complejidad de la obra a hacer que en la simplificación racional de la estructura urbana.*²⁰⁹

O autor enfatiza que o projeto urbano contemporâneo deve ser pensado a partir de um adequado sistema de deslocamentos e dos tecidos urbanos - como instrumentos de formalização espacial na escala da cidade - e da criação ou reinterpretação dos lugares – na escala local. Explica que podemos encontrar cinco componentes comuns nos projetos urbanos:

- Efeitos territoriais com um **raio de abrangência maior** ao da sua área de implantação, ou no dizer de Brandão,

[...] o projeto urbano contemporâneo se propõe a ter um significado estratégico, que ao ser articulado a outros projetos pontuais inseridos num plano promove efeitos benéficos que transcendam os limites da área de intervenção.²¹⁰

- Supera a monofuncionalidade, ou seja, existe **mistura** de usos, usuários, tempos e formas.
- Uma **escala intermediária** – a escala da arquitetura dos lugares – entre o “macro-projeto” e o projeto de um elemento arquitetônico isolado ou conjunto de elementos que podem ser executados em sua totalidade em um tempo relativamente curto.
- A intenção de fazer arquitetura da cidade a partir de **diretrizes de arquitetura** dos edifícios.
- **O componente público de uso coletivo é o mais importante no projeto urbano.**

Esta última característica do projeto urbano é reforçada por Panerai²¹¹ que argumenta que se deve situar o espaço público no projeto urbano desde uma perspectiva de estabelecer a base fundamental ou a origem do trabalho de projeto. Acrescenta que se deve pensar a cidade,

²⁰⁹ DE SOLÁ MORALES, 1987, s/p.

²¹⁰ BRANDÃO, 2002, s/p.

²¹¹ PANERAI, 1994, p. 79.

não desde o ponto de vista de uma maior quantidade de edifícios a construir (mesmo que tenham que ser construídos para configurar os espaços urbanos), mas como um sistema de espaços públicos formando a estrutura do projeto. O autor enfatiza que os espaços públicos devem ser pensados como elementos “positivos” e não como vazios residuais na organização da cidade; argumenta que,

Restituir ao conjunto dos espaços públicos uma unidade é participar de certo ponto de vista sobre a cidade e sobre a cidadania. É afirmar uma atenção ou um desvelo igual para todas as partes da aglomeração e recusar-se à dicotomia entre o luxo dos bairros privilegiados e o refinamento dos setores históricos [...]. É tornar sensível a todos sua qualidade de habitante ou no sentido original – de cidadãos.²¹²

No capítulo II pôde ser identificada a falta de estruturação da paróquia de Cumbayá e a falta de sistemas de espaços públicos. Observamos bairros onde a urbanização em grandes glebas fechadas não é acompanhada de um trabalho conjunto com o espaço público. Assim, os condomínios – grandes enclaves urbanizados - e outros centros especializados fechados, tornaram-se guetos que se opõem à apropriação ao não configurar os vãos necessários – espaços públicos que façam seu papel de costuradores do tecido urbano permitindo a continuidade espacial da cidade.

Assim, elegemos como padrões espaciais para o projeto de arquitetura da cidade, para Cumbayá, algumas características morfológicas de estruturação e identificadas como bem apropriadas na CTQ e na expansão norte de Quito.

Neste sentido, lançamos algumas diretrizes de **projeto de arquitetura da cidade** na paróquia de Cumbayá em duas escalas: a primeira, na escala do todo – na escala da Paróquia de Cumbayá, ou macro-projeto na qual é trabalhada a forma da estrutura urbana e sua configuração de uma forma geral, **a partir de novos sistemas de espaços públicos e de centralidades, hierarquizando caminhos, e certos nós**, para que exista uma maior confluência e concentração de pessoas e assim, a promoção da apropriação da paróquia. Na segunda,

²¹² Ibid., p. 82.

na escala intermediária do projeto antes mencionada, são lançadas algumas diretrizes de projeto na escala dos lugares que consideramos importantes por caracterizarem-se como pontos nodais com potencial para concentrar pessoas, fluxos, intercâmbio, etc., e, assim, incentivar uma maior apropriação de Cumbayá.

Ressaltamos que, embora considerados predominantemente em uma escala ou outra, os lugares **sempre apresentam características de duas ou mais escalas**. Segundo Lamas²¹³, no projeto urbano, a compreensão destas escalas se dá a partir da diferenciação entre as formas e o nível de abrangência dos elementos que configuram o espaço urbano. Dessa maneira, a classificação por escalas feita neste capítulo, acompanha esse processo de leitura do espaço através das diferentes unidades estruturantes e configuradoras de Cumbayá, nos níveis de abrangência de seus lugares.

Com base na caracterização da configuração atual de Cumbayá e na análise feita no segundo capítulo em relação à identificação de padrões espaciais positivos que incentivem a uma maior apropriação, neste capítulo lançamos diretrizes (Tabela 11) de configuração de sistemas de espaços públicos e de centralidades na paróquia – na escala de sua estrutura e na escala dos lugares – visando criar novos espaços públicos e centralidades, articulando-os com os existentes em um sistema, buscando que a paróquia apresente as qualidades do desempenho da forma diretamente envolvidas com sua apropriação.

²¹³ LAMAS, op. cit., 2004, p. 73.

Tabela 11. Diretrizes para projeto de arquitetura da cidade a partir dos padrões espaciais encontrados na cidade de Quito e suas expansões, diretamente vinculados com a apropriação dos espaços públicos

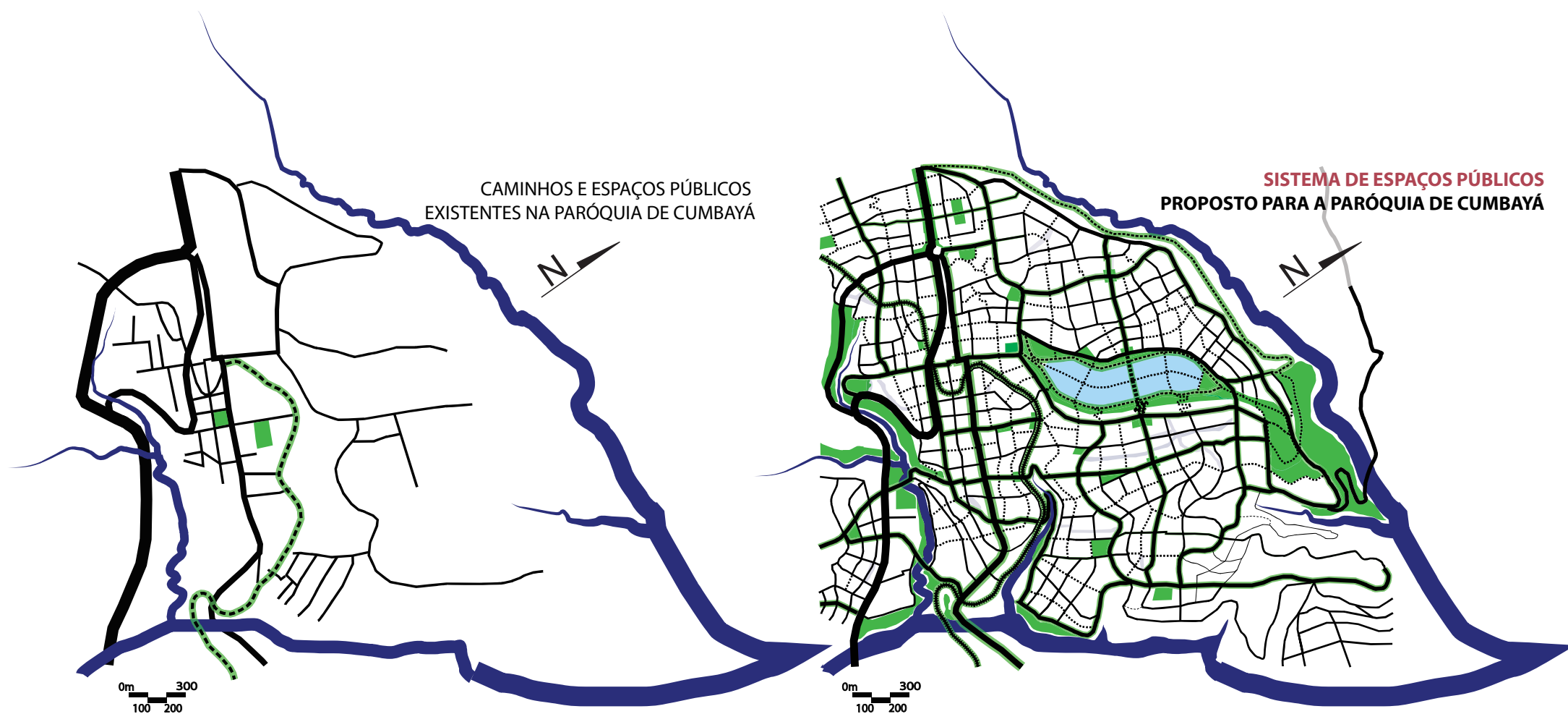
<u>DIRETRIZES PARA PROJETO DE ARQUITETURA DA CIDADE A PARTIR DE PADRÕES MORFOLÓGICOS POSITIVOS ENCONTRADOS NA CIDADE DE QUITO E SUAS EXPANSÕES</u>		
	<u>QUALIDADE</u>	<u>DIRETRIZ ESPACIAL QUE POSSIBILITA A APROPRIAÇÃO DA CIDADE</u>
<u>NA ESCALA DA ESTRUTURA DA CIDADE – CONFIGURAÇÃO DO SISTEMA DE ESPAÇOS PÚBLICOS.</u>	LEGIBILIDADE	<ul style="list-style-type: none"> • Respeitar as características próprias do sítio físico e usá-las no projeto como elementos facilitadores de orientação no espaço urbano. • Propor caminhos que facilitem os deslocamentos na cidade, que permitam sua identificação de acordo com sua escala (configurações espaciais e relações diferentes para cada um) e que articulem o tecido da cidade, criando um sistema de espaços públicos. • Criar centralidades ou nós em diferentes escalas apoiados por infraestruturas comunitárias (que incentivem a concentração e densidade de fluxos, intercâmbios, situações, etc.) também em diferentes escalas para formar um sistema de centralidades. • Criar espaços públicos de transição – reentrâncias, largos, galerias, etc. - entre infraestrutura comunitária e espaço público para incentivar a concentração de usuários. • Criar áreas homogêneas com características espaciais que sejam facilmente inidentificáveis para possibilitar a orientação no espaço urbano. • Costurar o tecido urbano através de sistemas de espaços públicos e de centralidades para facilitar a criação de uma imagem mental clara da cidade enquanto os usuários se deslocam por ela. • Dispor as edificações no alinhamento e em fita nos espaços aos que pode ser atribuída maior centralidade criando paredes sólidas que configurem o espaço público para facilitar a identificação das centralidades.
	PERMEABILIDADE	<ul style="list-style-type: none"> • Propor a articulação de elementos e processos naturais com o espaço urbano. • Respeitar o relevo para a criação de um sistema de deslocamentos que não possua inclinações que restrinjam a passagem de pedestres. • Criar macroparcelamento, através do sistema de deslocamentos, que resulte em quarteirões de dimensões adequadas para um fácil e rápido deslocamento de pedestres (em nossa opinião, que não superem os 200m x 200m) • Criar uma separação clara entre os espaços públicos e as paredes que os configuram. • Fácil acesso ao espaço público: <ul style="list-style-type: none"> - Calçadas amplas que facilitem a passagem de pedestres (sobretudo nos caminhos de trânsito rápido de veículos motorizados) para que não constituam barreiras de ruptura na cidade.
<u>NA ESCALA DOS LUGARES – CONFIGURAÇÃO ESPAÇOS PÚBLICOS.</u>	DIVERSIDADE	<ul style="list-style-type: none"> • Dispor as edificações no alinhamento e em fita nos espaços aos que se pode atribuir maior centralidade para criar paredes sólidas que configurem o espaço público. • Propor tamanhos de lotes variados que permitam a diversidade de formas dos volumes neles construídos. • Ampliar o número de lotes por quarteirão para permitir maior diversidade de formas e usos. • Propor a diversidade de usos – comercial, serviços, residencial, institucional - atribuída às diferentes formas dos volumes. • Incentivar à diversidade de usuários, e horários através da diversidade de usos.
	POROSIDADE	<ul style="list-style-type: none"> • Dispor as edificações no alinhamento e em fita nos espaços aos que se pode atribuir maior centralidade para criar paredes sólidas que configurem o espaço público. • Criar (ou ampliar) membranas permeáveis – janelas e portas. – que permitam a infiltração do espaço público e do privado para possibilitar sua constante interrelação e permitir a existência permanente de “olhos” para o espaço público que ampliem a segurança.

3.2.1 Diretrizes estruturais – legibilidade e permeabilidade x apropriação

Como vimos, as características naturais do sítio físico tem um importante papel no desempenho e na orientação na paróquia. Os elementos naturais presentes como: rios, quebradas, o vulcão Ilaló, e os morros de Guanguiltagua e do Parque Metropolitano de Quito, apresentados no capítulo II, são importantes marcos de referência que permitem a identificação de Cumbayá na escala do território, **possibilitando a leitura** da paróquia no todo.

A primeira diretriz para a proposta da nova estrutura **é respeitar ao máximo o tecido consolidado e as características próprias do sítio físico**, como o relevo e os cursos de água, transformando as principais bordas de ruptura, naturais da paróquia, em bordas de costura. A partir disso propomos um sistema de espaços públicos articulados que ampliem a permeabilidade da malha de Cumbayá (Figura 82) mantendo as centralidades existentes e propondo outras, de modo a formar um sistema de centralidades.

Figura 82. Caminhos e espaços públicos existentes em Cumbayá (esq) e sistema de espaços públicos proposto para a paróquia de Cumbayá (dir)



Fonte: Daniela Sofía Loaiza Jiménez, 2011.

Em relação às diretrizes de projeto de arquitetura da cidade relacionadas com o sítio físico e com o espaço já consolidado, Prinz argumenta que,

A natureza da configuração urbana reside, sobretudo, em incorporar o que é novo no que já existe ou transformar o que existe de modo a resolver problemas sem que se desligue o seu contexto de crescimento. Isto significa que a concepção deve partir dos dados de uma paisagem, de um lugar, de se confrontar com os conteúdos funcionais e ideais de um objeto, e de responder, concretamente, a questões concretamente colocadas.²¹⁴

A articulação e a configuração deste sistema de espaços públicos e de centralidades deverá atuar como o principal elemento de comunicação entre o usuário e a cidade, incentivando o entendimento do espaço, fator diretamente envolvido com sua apropriação. Neste sentido, Lynch²¹⁵ argumenta que estruturar e identificar o ambiente são capacidades vitais para todos os seres que se locomovem, já que,

A necessidade de reconhecer e padronizar o nosso ambiente é tão crucial e têm raízes tão profundamente arraigadas no passado, que essa figura é de enorme importância prática e emocional para o indivíduo.²¹⁶

Assim, na proposta do sistema de espaços públicos iniciamos por conectar e ampliar a malha existente. Para tanto, é essencial transformar as bordas identificadas como de ruptura criadas pelos longos e altos muros que configuram os caminhos do perímetro das grandes glebas dos condomínios fechados e centros especializados. Para tanto, propomos **“abrir os muros” e usar os caminhos internos existentes na maioria dos condomínios fechados como caminhos públicos formando quarteirões menores de 150m x 150m aproximadamente** (Figura 82). Dessa forma, estes caminhos, antes privados, passam a **integrar o**

²¹⁴ PRINZ, 1980, p. 19.

²¹⁵ LYNCH, 2006.

²¹⁶ Ibid., p. 4.

sistema de espaços públicos da estrutura proposta para ampliar a permeabilidade na paróquia e potencializar sua apropriação.

Esta nova estrutura proposta, conformada a partir dos sistemas de espaços públicos e de centralidades, permite que existam fluxos intensos de pessoas, mercadorias e informação nos caminhos, praças e parques públicos da paróquia de Cumbayá. A permeabilidade da paróquia seria obtida pela articulação e inter-relação de seus espaços públicos em um sistema, e pela eliminação de grandes bordas de ruptura ou barreiras que rompem ou dificultem o deslocamento e passagem dos usuários para alcançar recursos, serviços e informação de uma forma rápida e fácil, incentivando sua apropriação.

Podemos observar que a proposta da nova estrutura para Cumbayá, caracteriza-se por uma malha ortogonal no centro e no noroeste da paróquia, e por uma malha orgânica ao nordeste, criando várias opções para o deslocamento de um lugar a outro, aumentando a permeabilidade da paróquia, e assim, possibilitando uma maior apropriação.

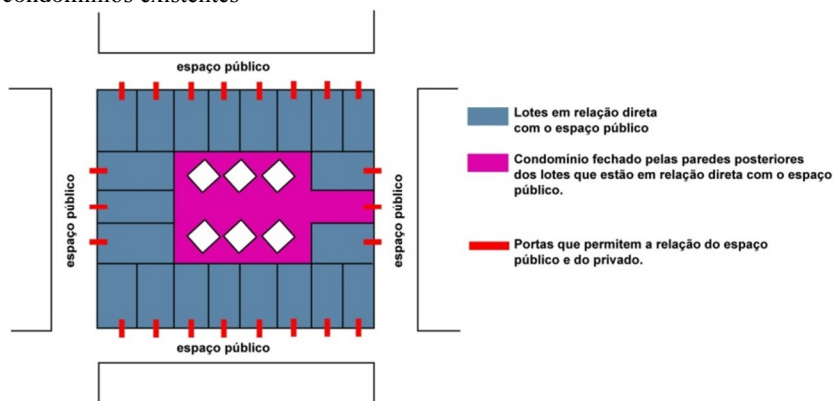
Devido a Cumbayá ser uma área consolidada, e as frações de terreno dentro destes condomínios terem, em sua maioria, 40m de frente e uma área mínima de 1.600m^2 ²¹⁷, os quarteirões propostos nas áreas dos atuais condomínios fechados foram divididos em quarteirões irregulares, com quadras de no máximo 150m de comprimento²¹⁸. Assim, propomos transformar as atuais frações de terreno dos condomínios (mantendo suas dimensões atuais) nos lotes que configurem os espaços públicos, **abrindo elementos que permitam a infiltração do público e do privado.**

Os “núcleos” destes novos quarteirões propostos poderão continuar sendo condomínios fechados **pelas paredes posteriores dos lotes que configuram o espaço público** (Figura 83). Dessa forma, estes novos condomínios não afetarão a permeabilidade da paróquia incentivando um maior uso do espaço público, ao encontrar-se em inter-relação com o privado, o que promove a uma maior apropriação.

²¹⁷ Uma das diretrizes do projeto é respeitar ao máximo o tecido consolidado.

²¹⁸ Consideramos que 150m é um comprimento que não restringe os fluxos e possibilita a permeabilidade no tecido.

Figura 83. Esquema de configuração do espaço público em áreas de condomínios existentes



Fonte: Daniela Sofia Loaiza Jiménez, 2011.

Para ampliar a apropriação pública das bordas de ruptura naturais identificadas – as profundas quebradas e os rios – que configuram os limites físicos da paróquia, propõem-se como diretriz, à criação de parques lineares de modo a permitir maior fluidez entre diferentes elementos do sítio natural e construído. Já, para as principais bordas de costura da paróquia de Cumbayá, propomos sua ampliação com novos caminhos e praças articulando os diferentes lugares, elementos e escalas.

Além dos marcos referenciais, constituídos pelos elementos naturais, os parques e praças propostos objetivam caracterizar-se como novos marcos de referência já que as características formais propostas para os espaços que os configuram, permitiriam ressaltar estes novos elementos públicos – vão no tecido urbano proposto.

Assim, a nova malha proposta estrutura-se como um sistema de espaços públicos articulados com o tecido urbano existente. A proposta para os novos quarteirões é a de voltar suas aberturas ou elementos permeáveis para o novo espaço público para, dessa forma, incentivar seu uso e promover uma maior apropriação.

De Solá Morales²¹⁹ argumenta que é importante que os caminhos – como estrutura própria da cidade, - sejam incorporadas no projeto urbano como uma construção que seja susceptível de uma composição formal que supere a concepção de via como um elemento topográfico

²¹⁹ DE SOLÁ MORALES, 1987, s/p.

puro e monofuncional. Acrescenta que devemos entender sua presença entre os edifícios como o principal elemento visual de referência dos usuários. Assim, a **tridimensionalidade dos caminhos adquire um interesse prioritário no projeto urbano**.

Com base no lançamento neste novo sistema de espaços públicos (Figura 84), procedeu-se a caracterizar os caminhos de acordo com sua hierarquia – os principais foram propostos como eixos articuladores da paróquia em si, e da paróquia com o Vale de Tumbaco e com Quito. O critério base para hierarquizá-los foi analisar a escala dos caminhos existentes; a Via Interoceânica (**na escala da Quito contemporânea**); o caminho antigo que conecta o centro da paróquia de Cumbayá e o centro da paróquia de Tumbaco (**na escala do Vale de Tumbaco**); e o antigo caminho do trem (**nas escalas do Vale de Tumbaco, de Cumbayá e local**).

Figura 84. Sistema de espaços públicos para a paróquia de Cumbayá - Caminhos propostos e sua escala



Fonte: Daniela Sofia Loaiza Jiménez, 2011.

Assim, os caminhos foram propostos de acordo com sua escala (no entanto, entendemos que os caminhos propostos apresentariam ocupações e características próprias a duas ou mais escalas) e mudam sua configuração de acordo com ela. Estes caminhos propostos em diferentes escalas definem o novo macroparcelamento da paróquia, e dessa forma, o novo tamanho dos quarteirões de forma a ampliar a permeabilidade da área.

Quanto ao sistema de centralidades, para permitir maior acessibilidade à paróquia²²⁰ foram propostas duas estações de transporte: uma estação interparoquial no anel viário da via Interoceânica– de transporte coletivo na escala de Quito (figura 84), e outra estação, menor, no extremo leste do caminho que articula o centro colonial de Cumbayá à paróquia de Tumbaco, de transporte coletivo na escala da Paróquia. Ressaltamos que a configuração destas estações de transporte deve responder às características morfológicas e funcionais em várias escalas.

À estação de transporte interparoquial chegaria o transporte coletivo que vem desde o sul, centro e norte da cidade de Quito, e também o transporte coletivo nas escalas do Vale de Tumbaco e da paróquia. À estação menor chegaria o transporte na escala do Vale e o transporte na escala de Cumbayá, integrando a paróquia. Visando ampliar a apropriação urbana, propomos que as paradas deste transporte, interno do Vale de Tumbaco e de Cumbayá, sejam localizadas em vários dos principais nós propostos na escala de Cumbayá.

No caso do caminho do trem, a diretriz proposta é manter um transporte coletivo sobre trilhos que articule as paróquias do Vale de Tumbaco, chegando até a paróquia de Tababela²²¹ onde está sendo construído o novo aeroporto internacional de Quito.

Com esta caracterização dos caminhos, procederam-se à proposição de outros novos espaços públicos como parques, praças, largos e parques lineares, que se articulem e conectem com os caminhos de acordo com sua escala. Assim, as praças ou parques na escala da cidade estão diretamente vinculados com a via Interoceânica, enquanto os parques e praças propostos na escala do Vale estão diretamente vinculados com o antigo caminho que conecta o centro de Cumbayá e o centro da paróquia da Tumbaco, e com o antigo caminho do trem (Figura 84). Já os parques e praças na escala de Cumbayá estarão localizados mais próximos aos caminhos na escala da paróquia, e os pequenos parques na escala local estarão localizados mais próximos aos caminhos desta mesma escala.

²²⁰ O acesso, como foi estudado no primeiro capítulo, é um fator importante para possibilitar uma **maior apropriação dos espaços públicos**.

²²¹ Paróquia identificada na caracterização da expansão nordeste no segundo capítulo.

Em termos do sistema de centralidades proposto, podemos dizer que a paróquia de Cumbayá como um todo, seria um nó ou centralidade, na escala da cidade de Quito, pela alta confluência de fluxos que atrairia.

Com base neste sistema de espaços públicos proposto para a paróquia de Cumbayá, procedeu-se à identificação de possíveis nós para a implantação de **infraestruturas comunitárias propostas** (Figura 85 e Tabela 12). Entendemos como infraestruturas comunitárias aos equipamentos públicos ou privados coletivos de educação, saúde, lazer, cultura, administração zonal, e similares. Dessa maneira, estas praças e parques, e sua relação com as infraestruturas comunitárias foram propostas como nós nas escalas de Quito, do Vale de Tumbaco, da paróquia de Cumbayá, e local, já que viriam a ser importantes pólos atrativos de fluxos pela variedade de usos e atividades atribuídos a eles na proposta.

Figura 85. Infraestruturas comunitárias e espaços públicos propostos na paróquia de Cumbayá em busca de centralidades em diferentes escalas

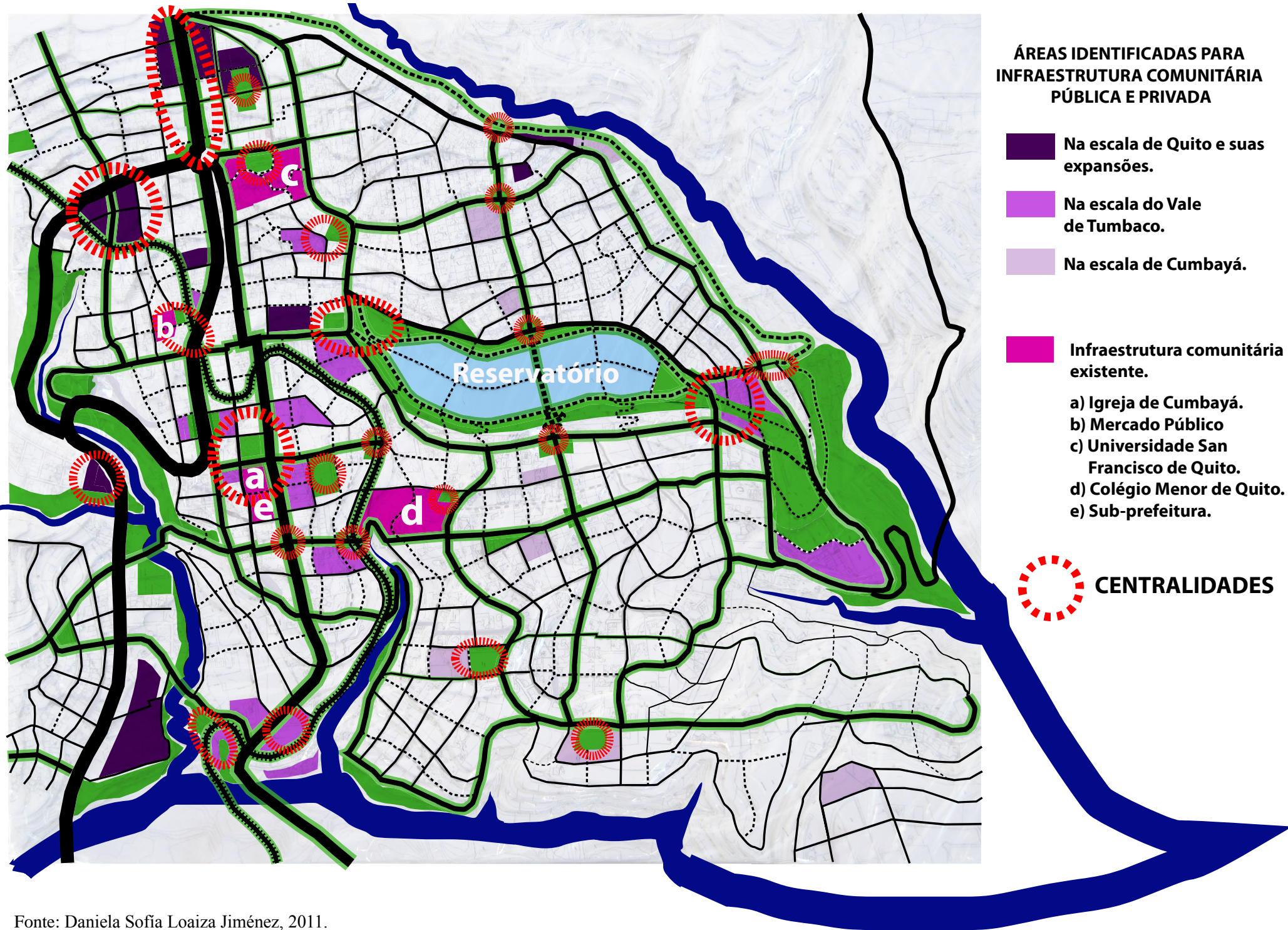


Tabela 12. Programa de infraestruturas comunitárias públicas e privadas possíveis de acordo com a escala

NA ESCALA DE QUITO CONTEMPORÂNEA
<p>Exemplos de infraestruturas propostas:</p> <ul style="list-style-type: none"> · Estação de transporte; · Delegacia Policial · Escola técnica (ciências da computação, floricultura) <p>Tratamento das Infraestruturas existentes:²²²</p> <ul style="list-style-type: none"> · <i>Universidad San Francisco de Quito USFQ</i> – trabalhar bordas para que os caminhos públicos que a contornam estejam configurados por paredes com elementos permeáveis. Além disso, propõe-se que o tamanho do lote da USFQ seja dividido por caminhos públicos de pedestres que possibilitem maior permeabilidade da malha urbana. · Shopping Center - foi mantido na proposta, mas se propõe um trabalho nas bordas deste volume para que suas atividades se encontrem voltadas para os espaços públicos, e permitam uma inter-relação do público e o privado. · <i>Hospital de los Valles</i> - trabalhar bordas para que os caminhos públicos que o contornam estejam configurados por paredes com elementos permeáveis.
NA ESCALA DO VALE DE TUMBACO
<p>Exemplos de infraestruturas propostas:</p> <ul style="list-style-type: none"> · Biblioteca · Escola de segundo grau · Administração Zonal – Subprefeitura · Escola de primeiro grau · Hospital público · Feira de cerveja e comida típica do Vale de Tumbaco · Estação de transporte · Museu do Trem · Museu das flores

222 Atualmente só existem infraestruturas comunitárias privadas nesta escala.

- Teatro e salas de cinema
- Museu da cerveja (na fábrica da cervejaria nacional equatoriana “Pilsener” existente, se propõe uma área destinada a museu).
- Instituto de gastronomia
- Escola técnica de botânica e biologia fluvial
- Museu da água e aquário

Tratamento das infraestruturas existentes:

- Igreja de Cumbayá (abrir os muros na frente da praça central da paróquia, formando um largo)
- *Colegio Menor San Francisco de Quito* (propomos sua divisão por um caminho de pedestres)
- Mercado público (abrir a grade que fecha todo seu perímetro formando um largo na sua frente).

NA ESCALA DA PARÓQUIA DE CUMBAYÁ

Exemplos de infraestruturas propostas:

- Bombeiros
- Delegacia policial
- Escolas de segundo grau
- Escolas de primeiro grau
- Mercado de frutas e verduras
- Jardim botânico
- Feira de plantas
- Instituto de artes plásticas
- Mirante e escola de esportes extremos (na borda do rio Machángara)
- Escola de jardinaria

NA ESCALA LOCAL

Infraestruturas propostas:

- Creches
- Postos policiais

Fonte: Daniela Sofía Loaiza Jiménez, 2011.

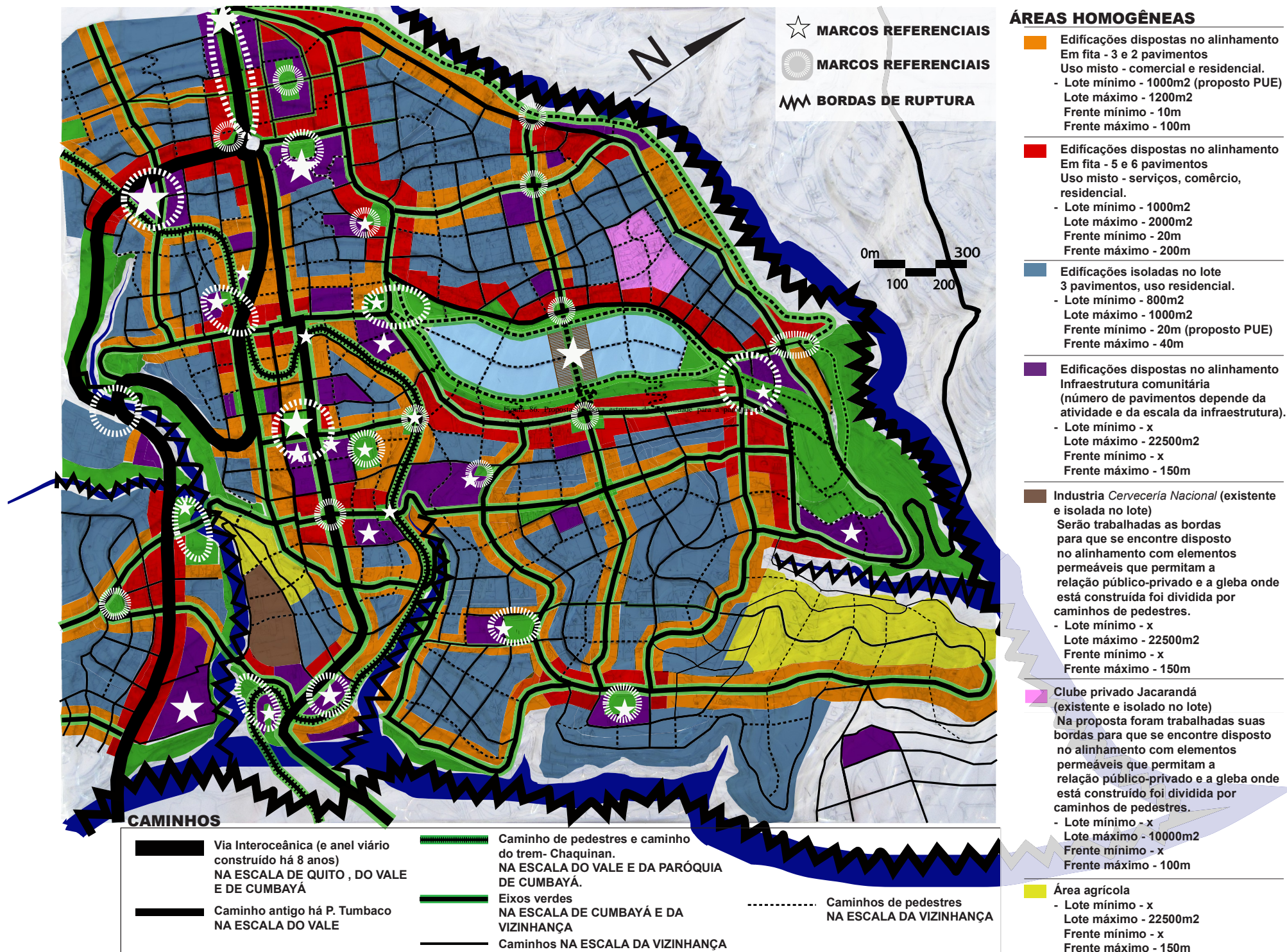
Estas infraestruturas estariam inter-relacionadas (através de tipologias arquitetônicas e de elementos permeáveis) com os caminhos e demais espaços públicos propostos segundo sua escala. Assim, os novos caminhos, praças e parques e infraestruturas comunitárias propostas,

configuram, em conjunto, **novas centralidades** em diferentes escalas, criando um novo **sistema de centralidades** na paróquia de Cumbayá.

Assim, quanto à legibilidade da proposta do projeto de arquitetura da cidade em Cumbayá, podemos dizer que suas características morfológicas permitiriam uma clara leitura de sua estrutura, facilitariam a orientação na paróquia e a identificação dos elementos que a configuram (Figura 86). Estes aspectos visuais podem ser entendidos e organizados mentalmente com clareza, permitindo uma fácil estruturação e identificação do sítio físico e os espaços construídos, facilitando a orientação na paróquia, fator importante para **potencializar sua apropriação**.

Em relação à nova **legibilidade** proposta na escala da paróquia, propomos elementos físicos perceptíveis articulados que permitam a criação de uma imagem mental de Cumbayá e que, por sua vez, possibilitem sua leitura – caminhos, nós, marcos referenciais, bordas de ruptura e costura, e áreas homogêneas. A estrutura proposta para Cumbayá buscará tornar fácil a identificação e articulação destes elementos a partir da formação de sistemas de espaços públicos e de centralidades articulados (Figura 86) que possibilitem a identificação do lugar e a orientação na medida em que os usuários se deslocam na paróquia.

Figura 86. Proposta de nova estrutura de legibilidade para a paróquia de Cumbayá



Fonte: Daniela Sofia Loaiza Jiménez, 2012.

3.2.2 Diretrizes para a configuração dos espaços públicos – diversidade e porosidade x apropriação

Em relação ao projeto urbano na **escala intermediária** entre o macro projeto e o projeto de um edifício isolado, De Solá Morales o caracteriza,

*[...] como campo de trabajo intermedio donde las escalas se entrelazan y donde el arquitecto es autoridad razonable en la forma de la ciudad precisamente porque hace arrancar de la edificación arquitectónica [...]*²²³

E se, conforme Panerai, “O trabalho do projeto urbano então vai consistir em precisar as regras mínimas que ligam a construção ao espaço público e confirmam o caráter deste”.²²⁴, na escala intermediária, propomos algumas diretrizes de projeto de arquitetura da cidade para a configuração dos principais espaços públicos propostos na nova estrutura da paróquia de Cumbayá, que buscam reverter a atual configuração dos espaços públicos.

É importante ressaltar que as diretrizes foram traçadas desde o ponto de vista do espaço público, em que os volumes construídos constituem suas paredes configuradoras, referindo entre si os espaços privados e os públicos para, assim, urbanizar o privado e convertê-lo em parte do público. Neste sentido, é importante ressaltar que os espaços públicos são elementos fundamentais para apropriação de Cumbayá como um todo, atualmente configurada por uma ocupação dispersa, com centros especializados e fechados que negam o espaço público e restringem sua apropriação.

Dessa forma, as diretrizes buscam regras mínimas para as áreas configuradoras do espaço público como uma ferramenta importante na construção da cidade, já que permitem a composição espacial definindo continuidades, a rupturas e transições de um espaço a outro.

Com base nos padrões de apropriação dos espaços públicos identificados na cidade de Quito, elegemos como diretrizes de configuração espacial dos lugares públicos de Cumbayá, os padrões

²²³ DE SOLÁ MORALES, 1987, s/p.

²²⁴ PANERAI, 1994, p. 81.

espaciais dos espaços públicos analisados no segundo capítulo – percebidos como efetivamente apropriados na cultura local.

Assim, elaboramos diretrizes espaciais para a forma da paróquia na escala dos lugares com potencial para constituir centralidades, em suas diferentes escalas, pela confluência e diversidade de usos, usuários e horários. O objetivo é que estes espaços públicos, pensados como nós ou centralidades em diferentes escalas, possam costurar o tecido urbano proposto para Cumbayá e apresentar qualidades da forma da cidade diretamente envolvidas com sua apropriação: diversidade e porosidade.

A escolha dos espaços públicos para exemplificar as diretrizes de configuração espacial, buscou diferentes configurações e relações nas escalas de Quito contemporânea, do Vale de Tumbaco, de Cumbayá e local.

· Via Interoceânica

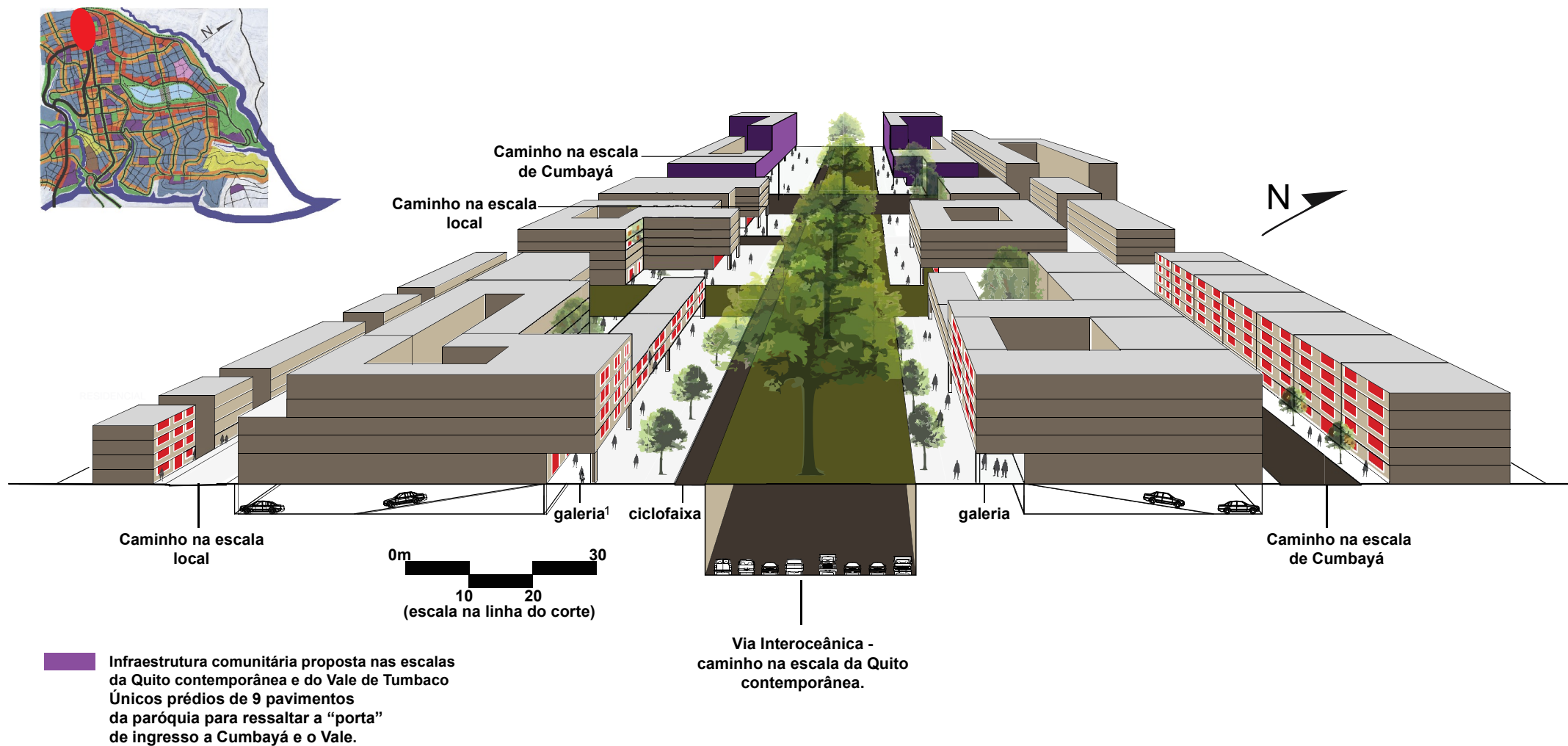
As diretrizes de projeto de arquitetura da cidade na escala deste caminho, que atualmente articula a paróquia de Cumbayá com a cidade de Quito e com o Vale de Tumbaco, foram lançadas em dois trechos. O primeiro trecho tem configuração e mantém relações na escala de Quito contemporânea, e nas escalas do Vale de Tumbaco, de Cumbayá e local como foi analisado no item 3.1.2, e o segundo trecho tem configurações e apresenta relações na escala do Vale de Tumbaco, e nas escalas de Cumbayá e local.

O primeiro trecho da via Interoceânica, analisado no título 3.1.2, caminho de ingresso à paróquia de Cumbayá e ao Vale de Tumbaco, é atualmente uma área homogênea exclusivamente comercial, voltada à elite. A ausência de uma diversidade de atividades e a baixa densidade de usuários cotidianos caracteriza a via como um espaço público que segrega e que fica deserto fora do horário comercial. A intenção é a de criar, neste trecho, um caminho espacialmente mais significativo para que sua imagem mental seja clara, definida e facilmente identificável na estrutura da paróquia, já que este trecho da via Interoceânica é considerado, na proposta, como sua “porta” de ingresso desde a cidade de Quito.

Neste sentido, para que a escala deste espaço seja compatível com a paróquia, e não constitua uma borda de ruptura pelas dimensões das vias de trânsito rápido, propõe-se deprimir o caminho para veículos, e manter por cima uma plataforma para pedestres configurando um parque, na escala do Vale de Tumbaco, exemplificado na Figura 87. Propõe-se também que a via Interoceânica seja configurada, neste

trecho, por volumes de seis pavimentos com dois volumes (infraestrutura comunitária), cada um de 9 pavimentos, no extremo oeste da via, buscando ressaltar a “porta” de ingresso à paróquia, em fita, no alinhamento com recuos (reentrâncias e saliências em pontos significativos criando largos) e de uso misto – serviços, comercial e residencial. Assim, as diretrizes propostas para este trecho estão exemplificadas na figura 87.

Figura 87. Exemplificação das diretrizes propostas para a configuração da Via Interoceânica no trecho de ingresso à paróquia.



Foram propostas **galerias** ao longo deste caminho, que se encontra em sentido Leste-Oeste, para a proteção do sol equatorial que é muito nocivo para a pele, e ao ser uma área grande, consideramos necessário um espaço onde os usuários possam-se proteger.

A diretriz para o espaço do *Shopping*, atualmente utilizado como estacionamento na frente dos edifícios, foi considerado e proposto como um **largo**. A proposta é que o estacionamento seja deslocado para o subterrâneo dos edifícios construídos, desta forma se dá prioridade ao espaço público que passa a ser configurado por volumes em relação direta com ele, e não por veículos como na atualidade.

Neste trecho os **quarteirões** existentes que configuram a Via Interoceânica, são grandes, com frente variável entre os 100 e 150m, de forma retangular. O tamanho e a forma destes quarteirões serão mantidos na proposta já que consideramos dimensões que possibilitam uma boa permeabilidade neste espaço.

A proposta para os lotes deste espaço, é que sejam divididos em parcelas com uma frente máxima de 20m, permitindo a construção de edificações com formas e tamanhos diferentes. Como pode ser observada, na exemplificação da Figura 87, a diversidade de formas e tamanhos próximos a este espaço público, permitem construções de diferentes tamanhos, formas e dimensões, podendo atribuir-lhes diferentes usos. A diversidade de usos proposta para estas construções inclui usos: comercial e de serviços no térreo, de serviços no segundo pavimento, e residencial nos demais pavimentos. A **diversidade** de usos leva a diferentes atividades neste espaço, o que promove a diversidade de usuários e horários ocupando-o constantemente, contribuindo com a **apropriação** deste espaço.

Pode-se observar na Figura 87 como a implantação dos prédios arquitetônicos propostos cria um fechamento da Via Interoceânica, produzindo uma clara noção de seu espaço. A proporção das edificações configuradoras, bem como as reentrâncias ou escavações feitas nas paredes configuradoras deste espaço público, nos permitem criar largos propostos como nós ou pontos de concentração de pessoas, de atividades, etc. Estas gradações permitem que se produza, espacialmente, uma sequência geométrica de espaços que mostram a forma retilínea da via.

A sucessão de reentrâncias e saliências reduz a percepção de comprimento da Via Interoceânica (aproximadamente 500m), o que,

conforme afirma Prinz²²⁵ possibilitaria reduzir oticamente seu comprimento, criando espaços de menor escala para a concentração de pessoas. Desta forma, a proposta promove a **apropriação** de vários lugares neste espaço público, o que incentiva sua constante apropriação como um todo.

Em relação à **porosidade** da Via Interoceânica, podemos observar na Figura 87, que os volumes exemplificam a proposta de vários “olhos” (em vermelho) ou elementos que permitem a infiltração do público sobre o privado como portas e janelas no térreo, e janelas nos demais pavimentos. Assim, possibilitando essa inter-relação, é possível incentivar os fluxos neste espaço público, permitindo diálogo do privado com o público, e a sensação de segurança, o que potencializa sua apropriação.

As diretrizes de configuração propostas para esta mesma Via em outro trecho, (exemplificadas na Figura 88) na área mais próxima ao centro de Cumbayá, apresentam características de ocupação nas escalas da paróquia e local ao ser configurada por arquiteturas nestas escalas. Propõe-se a configuração por construções de três pavimentos²²⁶, dispostos no alinhamento, em fita e de uso misto – comercial e residencial - já que quisemos manter a forma e o caráter atuais desse trecho da via Interoceânica.

²²⁵ PRINZ, 1980, p. 43.

²²⁶ Esta área já é caracterizada por construções de três pavimentos, dispostos no alinhamento, em fita e de uso misto.

Figura 88. Exemplificação das diretrizes propostas para a configuração da Via Interoceânica no trecho mais próximo ao centro colonial da paróquia



Fonte: Daniela Sofia Loaiza Jiménez, 2011.

A malha existente neste trecho mantém atualmente a forma colonial xadrez de 80m x 80m o que permite certa permeabilidade neste espaço, e continuidade e articulação com a estrutura de Cumbayá como um todo. A diretriz é manter a malha e transformar o espaço da rua, atualmente utilizado como estacionamento nos dois lados da pista, alargando as calçadas, e priorizando o espaço público e as relações entre os espaços que o configuram. Propõe-se que os estacionamentos sejam localizados na parte posterior dos lotes.

Para os lotes que configuram a Via Interoceânica neste trecho, a diretriz proposta, é que sejam de forma retangular com uma frente

mínima de 10m²²⁷. Assim, esta **diversidade** de formas e tamanhos dos lotes buscada pela diretriz para configurar este trecho da Via permite a construção de volumes com diferentes dimensões e tipologias arquitetônicas às quais poderão ser atribuídas diversos usos. Neste trecho propõem-se espaços de uso misto – comercial no térreo e residencial no segundo e terceiro pavimentos. A **diversidade** de usos, possibilitada pela **diversidade** de formas promove a diversidade de usuários e horários neste espaço, contribuindo com sua **apropriação**.

A disposição das edificações no alinhamento reforça a intenção de que os espaços possuam relação direta com a via através de elementos que permitem a infiltração do público sobre o privado. Esta porosidade (exemplificada em vermelho na Figura 88) é possibilitada pela quantidade de portas e janelas que também contribuem para um maior fluxo de usuários, incentivando o uso do espaço público, aumentando a sensação de segurança, e assim, promovendo maior apropriação.

Pode ser observado na exemplificação da Figura 88, como os prédios arquitetônicos delimitam o espaço da Via Interoceânica neste trecho. A proporção dos prédios configuradores de três pavimentos busca produzir este efeito sem dar a sensação de corredor estreito. Assim, como no outro trecho da mesma Via, foram propostas várias reentrâncias nas paredes configuradoras da Via, criando nós ou pequenos pontos de concentração de pessoas e atividades em diversos horários. A diretriz busca, com a criação destas esquinas e lugares interessantes, um fluxo de usuários, de informação, de mercadorias, etc., em diferentes horários, incentivando a constante **apropriação** deste espaço como o todo.

· A Praça Central de Cumbayá

A praça, como foi explicado anteriormente, ocupa um quarteirão da malha colonial de 80m x 80m, característico do centro da paróquia (e dos centros coloniais de todas as paróquias do Vale de Tumbaco), o que permite boa permeabilidade neste espaço, caracterizando sua continuidade e articulação com a estrutura de Cumbayá como o todo.

²²⁷ No *Plan de Uso e Edificabilidad* antes apresentado, a frente mínima do lote é de 20 metros. Na proposta a diretriz é para uma frente mínima do lote é de 10 permitindo maior diversidade na forma das construções e possibilitando maior diversidade de usos e usuários.

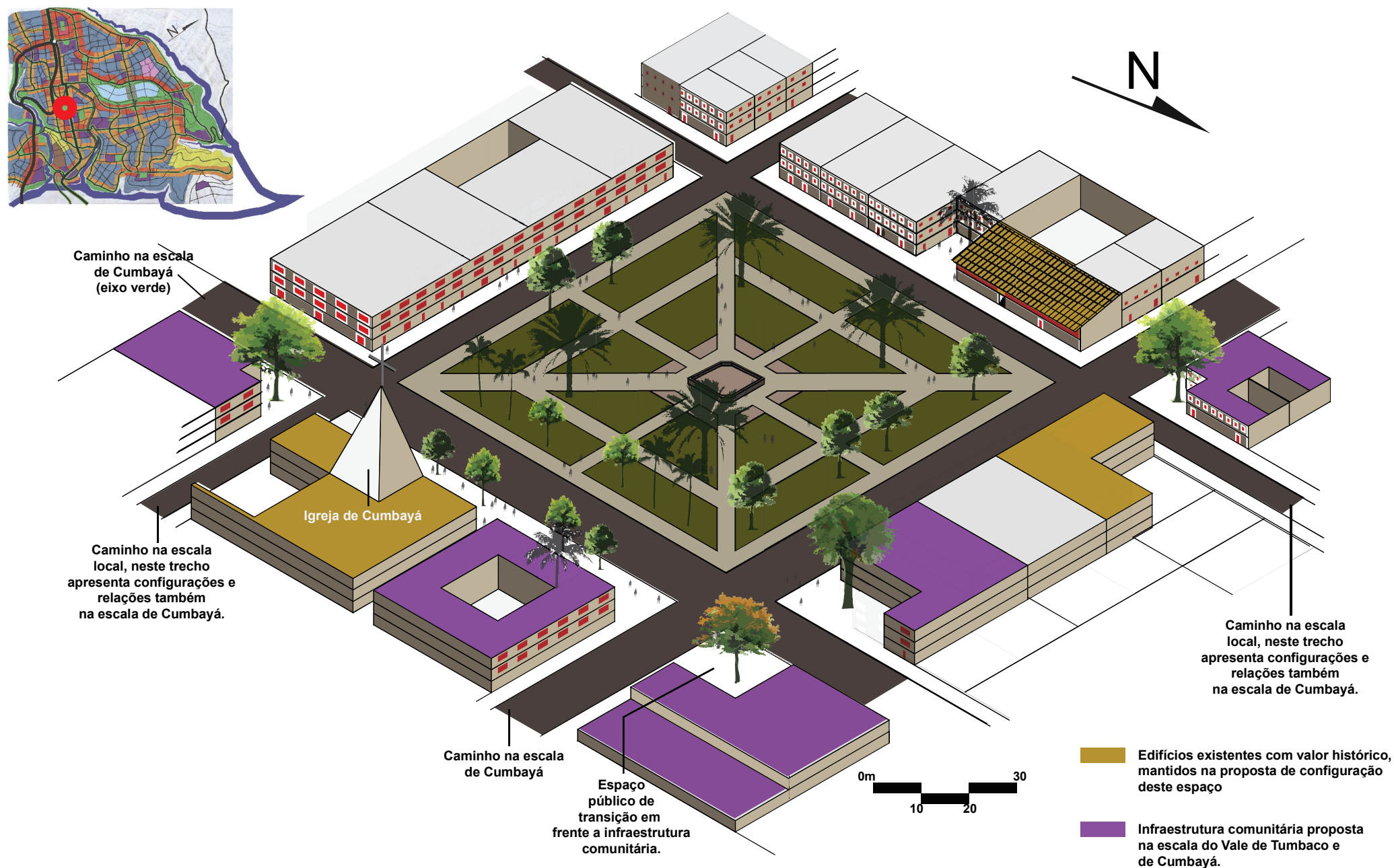
Esta praça, de grande importância para a paróquia, como analisado no capítulo II, é atualmente um espaço de elite, que segrega outros tipos de usuários pela concentração de atividades gastronômicas e de lazer noturno para um público alvo com um alto poder aquisitivo. Esta característica a tem convertido em um pólo comercial que fica deserto durante a manhã e parte da tarde, com exceção dos dias de festas da paróquia ou do Vale de Tumbaco conforme ressaltado.

Para incentivar uma maior apropriação deste espaço e reforçar seu papel como um marco de referência e um nó na escala de Cumbayá e do Vale, foram propostas algumas diretrizes de arquitetura da cidade sua configuração, que incentivem a diversidade de usuários, usos e horários, qualidade importante para ampliar sua apropriação.

Como pode ser observado no exemplo da Figura 89, propomos uma maior densidade de ocupação nas paredes deste espaço público para possibilitar a concentração de mais usuários e assim, incentivar sua maior apropriação. A diretriz proposta busca configurar a praça com edifícios de 3 pavimentos ao oeste, por edifícios de 5 pavimentos ao norte e ao sul, e pela Igreja Central de Cumbayá ao leste.

A diretriz de dispor elementos arquitetônicos em fita, no alinhamento, e ampliar o número de membranas permeáveis, possibilita maior **porosidade** entre os edifícios e este espaço público e assim incentivam seu uso, estimulando sua **apropriação**.

Figura 89. Configuração espacial proposta para a Praça central de Cumbayá



Quanto ao tamanho dos lotes propostos, como exemplificado na figura 89, mantivemos a diretriz proposta de permitir a diversidade de formas, tamanhos e usos dos lotes, de forma a potencializar a diversidade de formas, de usos, de usuários e de horários que incentivariam o uso da praça, contribuindo com sua apropriação.

As edificações dos lados norte, sul e oeste, estão dispostos em fita, no alinhamento, e são de uso misto – comercial, residencial e de serviços. A relação entre a praça e a igreja principal da paróquia foi resgatada, como diretriz, criando-se uma relação direta da igreja e o espaço público e eliminando-se o muro que a configura neste lado leste da praça. Este novo espaço, que incentiva a concentração de usuários na frente da igreja e contribui com um maior uso da praça promovendo sua **apropriação**, foi proposto como um alargamento da calçada formando um largo nesse trecho.

É importante ressaltar que como diretriz para configuração dos espaços públicos com infraestruturas comunitárias se propôs espaços públicos de transição entre os caminhos e estes instrumentos urbanos comunitários. Como diretriz, foram propostas algumas reentrâncias, em três das quatro esquinas da praça, para criar espaços de permanência e concentração de pessoas. São espaços com potencial para a apropriação por usuários da igreja, e de estudantes da escola pública existente (ilustrada na figura 89).

· O Antigo caminho do trem

O caminho do trem articulava os portos de *Guayaquil* e *San Lorenzo*, como já foi explicado, passando pelo sul da Quito urbana, e atravessando a paróquia de Cumbayá. No trecho do Vale de Tumbaco o trem não está funcionando desde a década de 1960, mas o caminho se mantém com novas configurações. A diretriz proposta é a de reativar o transporte por trem, desde o sul de Quito até o Novo Aeroporto Internacional de Quito, na paróquia de Tababela, no Vale, alterando suas atuais características.

O primeiro trecho encontra-se no centro histórico da paróquia de Cumbayá. A diretriz foi a partir de uma reativação do trem, transformar o caminho em calçadão com passagem do trem em velocidade compatível com a dos pedestres. Mantém-se como diretriz a proporção atual dos prédios que configuram este caminho (exemplificado na Figura 90) com a intenção de manter a memória espacial deste lugar – edifícios de três pavimentos, dispostos no alinhamento, em fita, com

pequenas reentrâncias e gradações nas paredes configuradoras propostas para uso misto - comercial e residencial.

Figura 90. Exemplificação das diretrizes propostas para a configuração do caminho do trem no trecho do centro colonial de Cumbayá



Fonte: Daniela Sofia Loaiza Jiménez, 2011.

Este trecho do antigo caminho do trem constituiria um espaço importante na paróquia, um espaço com uma configuração de rua estreita bastante apropriada pelos pedestres onde seria compatível a velocidade do transporte com o desenvolvimento de comércio informal (que, como foi mencionado acontece atualmente) de alimentos nas calçadas (de frutas e verduras da temporada). Por este motivo, a diretriz propõe sua transformação em um calçadão com os trilhos somente para a passagem do trem, e que nas calçadas continue e se intensifique o desenvolvimento de atividades de mercado que incentivam a uma maior apropriação deste caminho.

Os lotes que configuram atualmente este trecho do antigo caminho do trem têm uma testada mínima de 15m; assim, foram mantidos, permitindo uma diversidade de tipologias, formas e

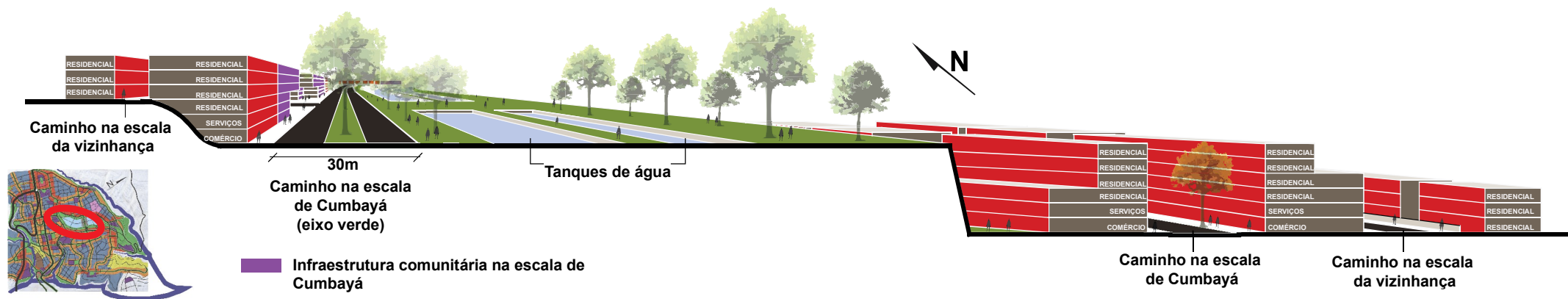
dimensões dos edifícios configuradores incentivando a um maior uso deste espaço público o que promoveria maior apropriação.

A diretriz proposta para outro trecho deste mesmo caminho é na área atualmente chamada de *Chaquiñan*. Resgata seu caráter de trilha, mas propomos eliminar os muros das grandes mansões e condomínios que configuram seu lado ocupado (do outro lado este caminho é configurado em boa parte por uma beira muito íngreme de um rio como foi indicado anteriormente). Em substituições a estes muros, verdadeiras bordas de ruptura, propomos volumes dispostos no alinhamento, em fita e de uso misto, mas eliminamos os muros das grandes mansões e condomínios que o configuram de um de seus lados e as substituímos por volumes em fita, dispostos no alinhamento e de uso misto que o configurem e permitam a inter-relação do público e do privado.

- O caminho do entorno do Reservatório de água

A diretriz proposta para entorno do reservatório de água, atualmente configurado por muros de condomínios e fechado por uma grade, busca inserir este lugar no sistema de espaços públicos (como o foi até o ano de 2001), configurando-o com edifícios de seis pavimentos, dispostos no alinhamento, em fita e de uso misto – comercial, de serviços e residencial (exemplificado na Figura 91). A intenção desta configuração proposta é a de criar um fechamento urbano deste grande espaço para possibilitar a formação de uma imagem mental que permita a orientação e facilite a noção de suas dimensões. Consideramos importante que este entorno seja densificado para que existam usuários suficientes para desenvolver atividades esportivas e de lazer cotidianas na beira do reservatório, promovendo assim, sua apropriação.

Figura 91. Configuração espacial proposta para o entorno do reservatório de água da Empresa Eléctrica de Quito na paróquia de Cumbayá a ser apropriado como espaço público



Fonte: Daniela Sofia Loaiza Jiménez, 2012.

Este espaço constitui um lugar de dimensões significativas em Cumbayá, motivo pelo qual, como diretriz, propõe-se transformá-lo em um parque que atue como borda de costura no tecido da paróquia, permitindo a passagem de pedestres.

Propõe-se a localização de algumas infraestruturas comunitárias neste caminho (identificadas na Figura 91), para incentivar os fluxos no entorno do reservatório, promovendo um maior uso deste novo parque e assim potencializando sua apropriação.

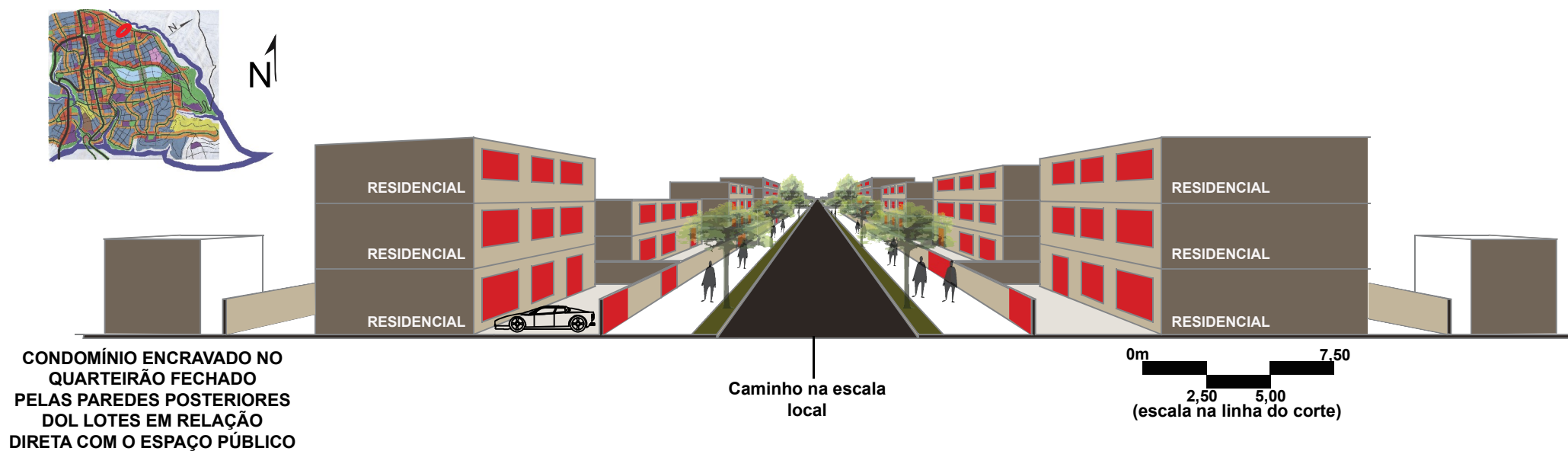
Propomos que os lotes que configuram este espaço tenham uma testada mínima de 20m, permitindo uma maior altura dos edifícios, e ao mesmo tempo uma diversidade de tipologias e formas que possibilite a distintos usos e assim incentive a uma maior diversidade de usuários e horários, levando a uma maior apropriação deste novo parque.

A diretriz de dispor elementos arquitetônicos no alinhamento, em fita, e ampliar o número de membranas permeáveis, possibilita maior **porosidade** entre os edifícios e este espaço público, incentivando seu uso e consequentemente sua apropriação.

- Os caminhos na escala local

A diretriz proposta para estes caminhos (exemplificada na Figura 92), cuja maioria se encontram atualmente configurados por muros dos condomínios fechados, é a de criar um maior número de membranas permeáveis, que permitam a infiltração do público e do privado, para possibilitar uma constante “vigilância” destes caminhos para que sejam seguros, o que promoveria seu uso e maior apropriação.

Figura 92. Configuração espacial proposta para os caminhos na escala da vizinhança



Fonte: Daniela Sofia Loaiza Jiménez, 2012.

Assim, será mantida a tipologia de edifícios isolados no lote, mas propomos em lotes menores - com testadas de 20m, o que possibilita um maior número de elementos permeáveis em relação a estes espaços, de dois ou três pavimentos e de uso residencial.

Buscamos neste capítulo, traçar diretrizes de arquitetura da cidade nas escalas da paróquia como um todo e de alguns lugares públicos. Partimos de uma análise da situação atual da paróquia e dos planos em vigor para, com base nos padrões espaciais identificados como bem apropriados na CTQ e na expansão norte de Quito, lançar diretrizes quanto à estrutura de Cumbayá e a configuração de alguns lugares que promovam maior apropriação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na busca de compreensão sobre o papel da forma da cidade em relação com sua efetiva apropriação, procedemos à revisão bibliográfica e recorremos à análise do processo de crescimento e configuração da cidade contemporânea de Quito. Desta forma, pudemos identificar padrões espaciais vinculados à apropriação dos espaços públicos de Quito, os quais, articulados e inter-relacionados formam um sistema de espaços públicos e configuram a base estrutural da cidade.

O estudo identificou, a partir da revisão de critérios de desempenho da forma urbana de vários autores, que existem qualidades espaciais ou padrões espaciais positivos, nas cidades, diretamente envolvidas com manifestações culturais ou padrões comportamentais vinculados à efetiva apropriação da cidade. Assim, estabelecemos uma conexão entre seus espaços públicos e a cultura própria da cidade de Quito que nos indica os padrões de apropriação da população.

Consideramos importante que as cidades produzam imagens mentais e identificação coletiva que permitam aos usuários reconhecer e reconhecer-se no entorno ao lhe atribuírem qualidades que definem sua identidade. Esta imagem mental, entendida como um modelo simbólico que sintetiza os elementos que configuram o espaço é a que possibilita aos usuários sentirem-se orientados e identificados com o espaço, fatores importantes na apropriação das cidades.

Em relação à formação de imagens coletivas, é importante que estas sejam também públicas para que exista uma efetiva apropriação da base estrutural da cidade. Nesse sentido, entendemos os espaços públicos, acessíveis para todos, como os principais elementos estruturadores de uma imagem mental que pode ser facilmente organizada.

Foram pesquisadas, em Quito, configurações com potencial para concentrar pessoas, fluxos e atividades formando um sistema de centralidades articulado com o sistema de espaços públicos da cidade, especialmente aqueles, que possibilitam sua articulação, continuidade e acessibilidade física e simbólica, e que permitem fortes vínculos entre as atividades desenvolvidas na cidade, a mistura social, e sua configuração espacial.

A pesquisa em duas escalas foi realizada seguindo o método de caracterização, análise e proposta. Neste sentido, possibilitou o estudo da cidade como o todo, com suas partes e fragmentos, e permitiu o estudo das partes ou lugares da cidade como um todo, entendendo que

os lugares públicos, aqui analisados, fazem parte do sistema de espaços públicos da cidade.

A pesquisa de campo na cidade contemporânea de Quito nos permitiu identificar alguns processos de ocupação da cidade, a construção de diferentes tipos de espaços públicos com diferentes formas e dimensões vinculadas ao momento de sua construção e os diferentes tipos de usuários que se apropriam destes espaços públicos atualmente. Foi importante descobrir a recorrência de configurações espaciais (na escala da estrutura e na escala dos lugares) dos espaços públicos que incentivavam ou restringiam sua apropriação pela população em geral, ou por um grupo ou grupos de usuários.

Em relação aos processos de ocupação identificados em Quito, podemos dizer que os diferentes traçados urbanos identificados na cidade contemporânea de Quito (e suas expansões) são resultado de vários processos históricos, econômicos, sociais e culturais. Dentro destes processos, ressaltamos a colonização espanhola que adota os princípios do urbanismo espanhol da época da colônia em 1534, a construção da estação do trem na cidade na década de 1920, que permitiu a chegada de novos materiais de construção que muda a paisagem urbana na expansão norte, os planos funcionalistas adotados na expansão sul na década de 1940, a construção do aeroporto em 1960, a consolidação da expansão do norte como centro financeiro da cidade em 1970, e a consolidação das áreas residenciais como condomínios fechados (horizontais e verticais) que começam na década de 1990, padrão que foi fortalecido com a dolarização da economia equatoriana no final do ano 1999, padrão este que já se acentua no Vale de Tumbaco com o início da construção do novo aeroporto internacional de Quito.

Foi importante analisar o processo de construção da cidade contemporânea de Quito para, a partir dessa caracterização e análise, identificar quais os padrões espaciais da cidade ao longo do tempo produzem até hoje manifestações comportamentais e culturais próprias de Quito, diretamente vinculadas com a apropriação da cidade como o todo e de seus lugares públicos.

Encontramos tanto na cidade tradicional de Quito quanto nas expansões norte, sul e nordeste, vários destes padrões espaciais que possibilitam a apropriação dos espaços públicos e incentivam a diversidade de usos, usuários e horários, permitindo seu uso ininterrupto o que cria um sentimento de segurança no espaço urbano.

A partir da identificação desses padrões, nos foi possível lançar diretrizes de projeto de arquitetura da cidade para a paróquia de Cumbayá, resgatando estas configurações e relações, e buscando a

efetiva apropriação da paróquia como um todo e de seus lugares. Para isto, consideramos essencial a proposição de sistemas de espaços públicos e de centralidades em Cumbayá, através de configurações espaciais, que possibilitem a formação de uma imagem mental pública coletiva, ou seja, a identificação e o reconhecimento de seus usuários **com** a paróquia e **na** paróquia, e assim, promovam uma maior apropriação.

Pudemos verificar que a ocupação da paróquia de Cumbayá, no Vale de Tumbaco, deu-se a partir de um plano funcionalista que não se preocupa com a estrutura do Vale, ou com a configuração dos espaços públicos ou com sua inter-relação na formação de um sistema de espaços públicos, o que vêm trazendo problemas sociais ao não promover a apropriação da cidade como um todo. Os poucos espaços públicos existentes não se encontram articulados em um sistema que facilite a leitura e o deslocamento pela cidade. Isto vem intensificando a desertificação da cidade, tornando-a perigosa e violenta, incentivando ainda mais sua desertificação.

Assim, em Cumbayá, onde a apropriação dos poucos espaços públicos é mínima, nos foi possível reafirmar que a cidade, na escala de sua estrutura deve articular-se como sistemas de espaços públicos e de centralidades permeáveis e legíveis para que os usuários possam deslocar-se facilmente, e sentir-se identificados no espaço urbano, para assim, possibilitar e incentivar a apropriação. Também, nos foi possível reafirmar que os espaços públicos, na escala do lugar, necessitam estar configurados por diversas formas e elementos que permitam as relações do público e do privado, onde se desenvolvam diversas atividades, que incentivem a um maior uso destes espaços, aumentando assim, sua apropriação.

Um aspecto que consideramos de suma importância é o da necessidade de reformular a legislação de ocupação do solo, através de novos planos que estabeleçam diretrizes de configuração (e criação) de novos espaços públicos e de centralidades para a paróquia, articulados em um sistema, para possibilitar a apropriação do espaço urbano. Entendemos assim, que há necessidade de um plano que projete a cidade pensando na tridimensionalidade dos espaços públicos.

Neste sentido, verificamos que a estrutura fundiária rural existente no Vale de Tumbaco não pode ser mantida na estruturação urbana das paróquias, já que estas grandes glebas restringem os deslocamentos e tornam-se importantes bordas de ruptura do tecido urbano, resultando em uma ocupação pouco permeável que dificulta o efetivo acesso ao espaço público, impedindo sua apropriação.

Acreditamos que esta pesquisa pode ser complementada com o estudo de padrões espaciais da Quito contemporânea, na expansão sul, e na periferia da expansão norte, que são as áreas mais pobres da cidade, buscando identificar outros padrões de configuração espacial que estejam vinculados com sua apropriação.

Também, acreditamos que poderíamos aprofundar na configuração espacial dos espaços públicos, numa escala que permita o estudo de aspectos de adequação ambiental, e verificar se estes são percebidos pelos usuários de forma a contribuir com uma maior apropriação dos espaços públicos.

As três partes que conformam a metodologia desta dissertação, vinculadas sempre com a apropriação da cidade como o todo – revisão bibliográfica a partir de vários autores que estudam o desempenho da forma da cidade, caracterização e análise morfológica da cidade contemporânea (com estudo de caso na Quito contemporânea), e o lançamento de diretrizes de projeto de arquitetura da cidade (em uma área da cidade onde as principais preocupações são a desarticulação de seus espaços públicos e sua falta de apropriação como um todo) – ao terem sido trabalhadas em paralelo, nos permitiu afirmar que a forma da cidade está diretamente envolvida com sua efetiva apropriação. Assim, consideramos necessários a análise e o lançamento de diretrizes na cidade em duas escalas – a escala da estrutura da cidade e a escala dos lugares – para identificar padrões espaciais, nas duas escalas, vinculados com padrões de comportamento, próprios da cultura da cidade, que estejam diretamente envolvidos com a apropriação dos espaços públicos.

Comprova-se que a forma da cidade contribui com uma maior apropriação de seus espaços públicos, assim, esta pesquisa pode ser utilizada como ferramenta e referência teórica, analítica e propositiva para o lançamento de diretrizes de arquitetura da cidade.

REFERÊNCIAS

ALEXANDER, Christopher. **Un Lenguaje de Patrones: Ciudades. Edificios. Construcciones.** Barcelona: GG, 1980.

_____. **El Modo Intemporal de Construir.** Barcelona: GG, 1979.

_____. Uma Cidade não é uma árvore. Publicada originalmente em **Architectural Forum**, vol. 122, N. 1, abril de 1965, pp. 58-62 (parte I) e vol. 122 N. 2 maio de 1965, pp. 52-62 (parte II). Tradução Mauro Almada. Disponível em: http://www.vivercidades.org.br/publique_222/web/cgi/cgilua.exe/sy/s/start.htm?infoid=1123&sid=21&tpl=printerview>. Acesso em: 12 nov. 2011.

ANDERSON, Stanford (Org.). **Calles, Problemas de Estructura y Diseño.** Gustavo Gili. Barcelona, 1981.

ASSEN DE OLIVEIRA, Lisete. Caminhos da centralidade na cidade contemporânea. Um jogo de escalas. In: ASSEN DE OLIVEIRA, Lisete, DO AMARAL E SILVA, Gilcéia Pesce e ROSSETO, Adriana Marques (Org.). **A arquitetura da cidade contemporânea: centralidade, estrutura e políticas públicas.** Itajaí, Ed. Univali, 2010.

AYMONIMO, Carlo. **O significado das cidades.** Editorial Precença Lda. Lisboa, 1984.

BORJA, Jordi. La ciudad del deseo. In: **Quaderns d'arquitectura i urbanisme**, ISSN 1133-885. Disponível em: <http://dialnet.unirioja.es/servlet/busquedadoc?db=2&t=jordi+Borja&td=todo&x=7 &y=67, número 235, 2008>>. Acesso em: 13 nov. 2011.

_____. **La ciudad conquistada.** Madrid: Alianza Editorial, 2003.

_____. Ciudadanía y espacio público/ la agorafobia urbana, VVAA, In: **Ciutat real, ciutat ideal.** Significat i funció a l'espai urbà modern, "Urbanitats" número 7, Centro de Cultura Contemporânea de Barcelona, Barcelona, 1998.

BORJA, Jordi; MUXÍ, Zaida. Centros y espacios públicos como oportunidades. In: **Perfiles latinoamericanos**, número 019. Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales. Distrito Federal México, 2001.

BRANDÃO, Zeca. O papel do desenho urbano no planejamento estratégico: a nova postura do arquiteto no plano urbano contemporâneo. In: **Vitruvius** 025.4 Ano 03, 2002. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/03.025/773>>. Acesso em: 9 out. 2011.

CULLEN, Gordon. **Paisagem Urbana**. Edições 70. Lisboa, 2010.

DE SOLÁ MORALES, Manuel. Espacios Públicos/Espacios Colectivos. **Ciudad y Territorio**, número 93, Minist. Adm. Pub., Madrid, 1992.

_____. La segunda historia del proyecto urbano. **Revista UR** Número 21, Barcelona, 1987.

DO AMARAL E SILVA, Gilcéia Pesce. Acerca da estrutura e centralidade da cidade contemporânea. In: ASSEN DE OLIVEIRA, Lisete; DO AMARAL E SILVA, Gilcéia Pesce; ROSSETO, Adriana Marques (Org.). **A arquitetura da cidade contemporânea: centralidade, estrutura e políticas públicas**. Itajaí, Ed. Univali, 2010.

_____. Ilhas na Paisagem Urbana: Em busca do Paraíso?. In: **ENEPEA**, Tendências contemporâneas da paisagem, Imprensa Universitária, Florianópolis, 2001.
ELLIN, Nan. **Integral Urbanism**. New York, Routledge, 2006.

FERRARA, Lucrécia d'Alessio. **Os significados urbanos**. Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000.

HASSENPLUG, Dieter. Sobre centralidade urbana. **ARQUITEXTOS** 085. São Paulo: **Portal Vitruvius**, 2007. Disponível em: <http://vitruvius.com.br/arquitextos/arq085/arq085_00.asp>. Acesso em: 6 set. 2011.

JACOBS, Jane. **Morte e Vida de Grandes Cidades** - São Paulo/SP. Editora Martins Fontes 2000.

KOHLSDORF, Maria Elaine. **A apreensão da Forma da Cidade**. Brasília: Editora da UNB, 1996.

_____. Breve Histórico do Espaço Urbano como Campo Disciplinar. In: FARRET, Ricardo Libanez; NETTO, Suely Franco Gonzales; DE HOLANDA, Frederico Rosa Borges. **O espaço da cidade**. Editora Parma Ltda. São Paulo, 1985.

KRIER, Rob. **El Espacio Urbano**. Editorial Gustavo Gilli. Barcelona, 1981.

LAMAS, José M. Ressano Garcia. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. Fundação Calouste Gulbenkian: Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Lisboa, 2004.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **A boa forma da cidade**. Lisboa: Edições 70, 2007. (1981).

NETTO, Vinicius M. Morfologias para uma sustentabilidade arquitetônico-urbana. In: NUTAU 2008 - **7º Seminário Internacional: O Espaço Sustentável**. São Paulo, Universidade de São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://urbanismo.arq.br/metropolis/author/vininetto/>>. Acesso em: 21 ago. 2011.

PANERAI, Philippe. **Análise Urbana**. Editora Universidade de Brasília. Brasília, 2006.

_____. O retorno à cidade. **Revista Projeto**, 1994.

_____. e MANGIN, David. **Proyectar la Ciudad**. Celeste Ediciones: Madrid, 2002.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História, memória e centralidade urbana. In: Nuevo Mundo Mundos Nuevos, **Debates**, 2007. Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org/3212>>. Acesso em: 2 ago. 2011.

PRINZ, Dieter. **Urbanismo II**. Configuração Urbana. Lisboa: Presença, 1980.

RAPOPORT, Amos. **Aspectos humanos de la forma urbana**. Barcelona: GG, 1978.

ROSSI, Aldo. **A arquitetura da cidade**. Martins Fontes, São Paulo, 2001.

SANTOS, Carlos Nelson dos. Condomínios Exclusivos, o que Diria a Respeito um Arqueólogo? In: **Revista RAM**, 38(160): p. 7-28, 1981.

_____. **A cidade como um jogo de cartas**. Projeto Editores. São Paulo, 1988.

_____. & VOGEL, Amo. **Quando a rua vira casa**. Apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro. Projeto e FINEP/IBAM, São Paulo, 1985.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. São Paulo: Nobel, 1985.

SITTE, Camilo. **A construção das cidades segundo seus princípios artísticos**. Monteiro de Andrade, Carlos Roberto (Org.) e Henrique, Ricardo Ferreira (trad.) São Paulo, 1992.

VARGAS Eliana Comin e CASTILHO, Ana Luisa Howard de. **Intervenções em Centros Urbanos** - Objetivos, Estratégias e Resultados - 2ª Edição. Local: Editora Manole, 2009.

VASCONCELLOS, Lélia. Projeto urbano – Um novo termo para definir intervenções na cidade? In: DO AMARAL E SILVA, Gilcéia e ASSEN DE OLIVEIRA, Lisete (Org.) **Simpósio A Arquitetura da Cidade nas Américas**. Diálogos contemporâneos entre o local e o global. Florianópolis: PGAU-Cidade/ UFSC, 2006. CDROM, ISBN: 978-85-99773-02-4

VIDAL MORANTA, Tomeu y POL URRÚTIA, Enric. La apropiación del espacio: una propuesta teórica para comprender la vinculación entre las personas y los lugares. **Anuario de Psicología** [en línea] 2005, vol. 36 [citado 2011-11-07]. Disponível em:

<<http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=97017406003>>. ISSN 0066-5126. Acesso em: 2 ago. 2011.

REFERÊNCIAS - Quito e o Vale de Tumbaco

CARRIÓN MENA, Fernando. La cuestión urbana de Quito. **Revista Arquitectura y Sociedad**. Ed. Universidad Central del Ecuador. Quito: Universidad Central del Ecuador, 1993. 29-40.

COLLIN DEVALAND, Anne. **Quito La Ciudad del Volcán**. Quito: Ed. Libri Mundi/Enrique Grosse-Luermern, Segunda edição revisada, 2002.

DEL PINO MARTINEZ, María Inés. Las estaciones en la arquitectura del ferrocarril. In: **El Camino de Hierro**. Cien años de la llegada del ferrocarril a Quito. Edición de María Pía Vera. Presentación de Enrique Ayala Mora, Quito: FONSAL, 2008.

FERNANDEZ ESPINOSA, Iván. Efectos Sociales de la Dolarización. In: **Macroeconomía y economía política en dolarización**. Ediciones ABYA-YALA, Quito, 2001.

FONSAL. **Quito en la obra de...: Quitología y arte urbano**. Quito, Casa de la Cultura Ecuatoriana, 2010.

MOSCOSO CORDERO, Lucía. **El Valle de Tumbaco**. Acercamiento a su historia, memoria y cultura. Quito, FONSAL, 2008.

VIDA PARA QUITO. Quito, Latinweb publishing editorial, s/d.

REFERÊNCIAS – Documentos eletrônicos

BANCO CENTRAL DEL ECUADOR. **Flickr**. Disponível em: <<http://www.flickr.com/photos>>. Acesso em: Setembro, 2011.

EDIFICIOS MÁS ALTOS DE QUITO. **Skyscraperlife**. Disponível em:
<<http://www.skyscraperlife.com>>. Acesso em: Outubro, 2011.

OCEANART.US. Disponível em:
<<http://www.oceansart.us/FreePhotosEcuadorAndesMountainsQuitoFromAir>>. Acesso em: Julho, 2011.

PANORÁMICAS QUITO. **Skyscrapercity**. Disponível em:
<<http://www.skyscrapercity.com>>. Acesso em: Julho, 2011.

PANORÁMICAS DE QUITO. **Imageshack**. Disponível em: <
<http://www.imageshack.com>>. Acesso em: Julho, 2011.

PARQUE EL EJIDO. **Imageshack**. Disponível em: <
<http://www.imageshack.com>>. Acesso em: Setembro, 2011.

PAISDELEYENDA. Disponível em:
<<http://www.paisdeleyenda.com>>. Acesso em: Setembro, 2011.

QUITO. **Wikipédia**. Disponível em:
<<http://es.wikipedia.org/wiki/Quito>>. Acesso em: Outubro, 2011.